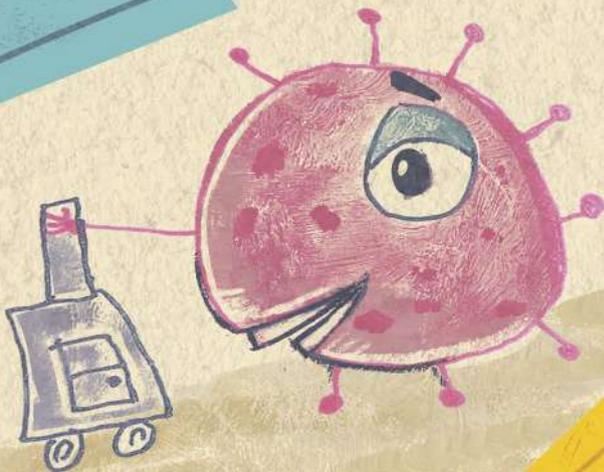
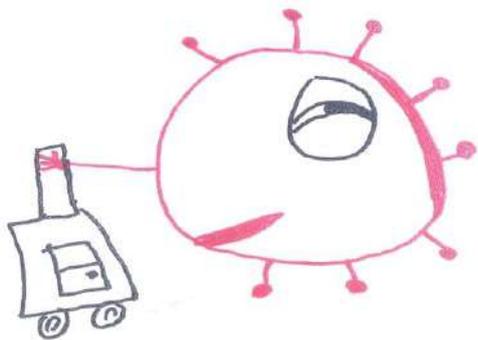


ACOLHIMENTO NA EDUCAÇÃO INFANTIL EM TEMPOS DE PANDEMIA DA COVID-19

**Poliana Bruno Zuin
(Organizadora)**

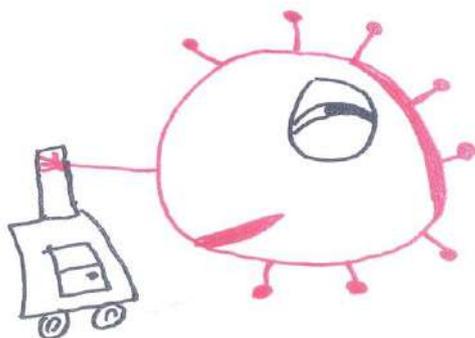


Acolhimento na Educação Infantil em Tempos de Pandemia da Covid-19



Poliana Bruno Zuin
(Organizadora)

Acolhimento na Educação Infantil em Tempos de Pandemia da Covid-19




Pedro & João
editores

Copyright © Poliana Bruno Zuin

Todos os direitos garantidos. Qualquer parte desta obra pode ser reproduzida, transmitida ou arquivada desde que levados em conta os direitos das autoras.

Poliana Bruno Zuin (Organizadora)

Acolhimento na educação infantil em tempos de pandemia da Covid-19. São Carlos: Pedro & João Editores, 2020. 217p.

ISBN: 978-65-5869-099-3

1. Estudos de linguagens. 2. Linguagens na educação infantil. 3. Espaços sociais. 4. Autores. I. Título.

CDD – 370/410

Capa: Argila Design Editorial com desenho de **Ana Flor Bruno**

Zuin: "O Corona vírus viajando pelo mundo...ele é do mal!"

Editores: Pedro Amaro de Moura Brito & João Rodrigo de Moura Brito

Conselho Científico da Pedro & João Editores:

Augusto Ponzio (Bari/Itália); João Wanderley Geraldi (Unicamp/ Brasil); Hélio Márcio Pajeú (UFPE/Brasil); Maria Isabel de Moura (UFSCar/Brasil); Maria da Piedade Resende da Costa (UFSCar/Brasil); Valdemir Miotello (UFSCar/Brasil); Ana Cláudia Bortolozzi (UNESP/ Bauru/Brasil); Mariangela Lima de Almeida (UFES/Brasil); José Kuiava (UNIOESTE/Brasil); Marisol Barenco de Melo (UFF/Brasil); Camila Caracelli Scherma (UFFS/Brasil); Luís Fernando Soares Zuin (USP/Brasil)



Pedro & João Editores

www.pedroejoaoeditores.com.br

13568-878 - São Carlos – SP

2020

Dedico essa obra aos meus amores Ana Flor e Luís Fernando, pela escuta sensível, por me proporcionarem alegrias, e por me acolherem no nosso dia a dia. Com todo o amor, Poliana.

Sumário

Prefácio	11
Aline M. de M. Rodrigues Reali	
Primeiras palavras	17
Poliana Bruno Zuin	
Amarílio Ferreira Júnior	
Agradecimentos	19
Parte I – Ações Pedagógicas de Acolhimento na Educação Infantil via Tecnologias de Informação e Comunicação	21
Cap. 1 - Educação Infantil: rupturas e acolhimento de famílias e crianças por meio da tecnologia em tempos da Covid-19	23
Poliana Bruno Zuin	
Amarílio Ferreira Júnior	
Cap. 2 - Acolhimento emocional infantil: o cuidado com a pequena infância em tempos de pandemia	37
Isabelle Nobrega Borges	
Isadora Pascoalino Mariotto	
Poliana Bruno Zuin	
Cap. 3 - A Língua Brasileira de Sinais - Libras no Desenvolvimento da Língua e da Linguagem para expressar Emoções e Sentimentos	49
Diany A. Lee	
Poliana Bruno Zuin	

Cap. 4 - A Língua Brasileira de Sinais (Libras), a Terapia Ocupacional e os Sentimentos nas Interações Escola-Família em tempos de Isolamento Social	69
Diany A. Lee Kétlin Cristina Ferreira Poliana Bruno Zuin	
Cap. 5 - Sugestões de Atividades da Terapia Ocupacional para as famílias realizarem junto com as crianças na quarentena	91
Amanda Mendes Molina Kétlin Cristina Ferreira Poliana Bruno Zuin	
Cap. 6 - A Cozinha como espaço de convivência: cheiros, sabores, afetos e memórias	105
Daniele Sousa de Oliveira Poliana Bruno Zuin	
Cap. 7 - Um jardim para cultivar	115
Daniele Sousa de Oliveira Poliana Bruno Zuin	
Cap. 8 - Brincadeiras em Família	129
Kétlin Cristina Ferreira Poliana Bruno Zuin	
Cap. 9 - É O BICHO! Interface Terapia Ocupacional e Educação Infantil no aprendizado sobre os animais no contexto da pandemia da COVID-19	139
Amanda Molina Poliana Bruno Zuin	

Cap. 10 - Facilidades e dificuldades das e nas interações e parcerias entre professores e famílias em isolamento social	163
Diany A. Lee Isadora P. Mariotto Poliana Bruno Zuin	
Parte II - Experiências em Famílias propiciadas pelas interações via WhatsApp durante a PANDEMIA DA COVID-19	183
2.1. Relato de Experiência por Elvis e Cecília	185
2.2. Relato de Experiência por Amanda	194
2.3. Relato de Experiência por Amile	198
2.4. Relato de Experiência por Fábria	201
2.5. Relato de Experiência por Jayme	204
2.6. Relato de Experiência por Érica	207
2.7. Relato de Experiência por Fernanda	208
2.8. Relato de Experiência por Daniele	209
2.9. Relato de Experiência por Anelise Ventura	211
PÓS-FÁCIO	213
Paulo Montanaro	
POS-FÁCIO	217
Cleonice M. Tomazzetti	

Prefácio

A coletânea “Acolhimento e uso de tecnologias na Educação Infantil”, organizado por Poliana Bruno Zuin, aborda temática relevante, nestes tempos de pandemia, ao trazer para o seu leitor uma discussão pertinente sobre o tema e apresentar boas alternativas de atuação prática de uma problemática ainda em construção.

As primeiras semanas após o anúncio do isolamento social de diferentes segmentos da sociedade ficaram atônitos sem saber qual atitude tomar ao terem que lidar com situações insólitas resultantes da necessária permanência de adultos e crianças em casa. Exemplos frequentes desta nova situação podem ser indicados: pais e filhos confinados em espaços físicos insuficientes para garantir o seu conforto e tranquilidade ao longo das várias semanas que se seguiram; famílias sem saber o que fazer para entreter adequadamente seus filhos; pais, mães e crianças disputando celulares, tablets e computadores; internet lenta derivada do uso intenso; pais e mãe tendo que trabalhar no regime *home office* e simultaneamente estar com as crianças nos mesmos espaços. Outras situações mais complexas e difíceis também têm sido enfrentadas: desemprego em massa crescente; famílias dispendo cada vez menos de recursos financeiros mínimos de sobrevivência; pessoas contagiadas com COVID19 muitas vezes sem ter conhecimento, convivendo em condições precárias impeditivas do distanciamento social de seus familiares e amigos, além de internações e mortes inesperadas em função da pandemia.

Um outro desdobramento importante, é que dentre diversos setores da sociedade, a escola se destaca ao compor um cenário no qual cerca de 70% das crianças e jovens em idade escolar no mundo (UNESCO, 2020)¹ deixaram de frequentá-la fisicamente. Para a continuidade da aprendizagem de todos

¹ Unesco - Educação: da interrupção à recuperação (2020). <https://pt.unesco.org/covid19/educationresponse>

estudantes algumas iniciativas têm sido adotadas por meio de canais alternativos e da adoção de inúmeras opções como as observadas na rede pública do estado de São Paulo:

→ *Fechamento*: suspensão das aulas por tempo indeterminado

→ *Educação a distância*: o governo estadual negociou com operadoras telefônicas gratuidade ou patrocínio para estudantes sem acesso em seus dispositivos móveis. Por meio de material didático construído em face a pandemia, a rede estadual tem oferecido aulas virtuais aos alunos do Ensino Fundamental e Médio.

→ *Alimentação*: distribuição de merenda aos mais vulneráveis.

→ *Plano de reabertura*: em planejamento a reabertura em fases.

A despeito dessas medidas na esfera estadual, observa-se que as redes particulares e municipais têm apresentado respostas próprias e diversificadas. A rede particular tem adotado a educação a distância como recurso para manter contato com os alunos e em alguns casos ministrar videoaulas ou *lives*. Já nas redes municipais, observa-se uma grande variedade de alternativas adotadas nas escolas e seus professores para manterem contato com os alunos e eventualmente ministrar aulas. Certamente os desdobramentos dessas ações sobre a aprendizagem dos conteúdos escolares dos estudantes será muito diversa e os resultados decorrentes trarão a marca cada vez maior do fosso social e educacional de nosso país.

Além desses aspectos mais gerais sobre a educação escolar nestes tempos de pandemia, destacam-se três outros que se mostram importantes.

Um deles refere-se a Educação Infantil – que dada as suas especificidades – se apresenta de maneira desafiadora para ser ministrada de modo não presencial. Tem como propósitos, a partir dos direitos de aprendizagem e desenvolvimento das crianças, que a escola promova situações para que possam: conviver brincar; participar, explorar, expressar-se e conhecer-se

dentro de dos cinco campos de experiência: o eu, o outro e o nós; corpo, gestos e movimento; traços, sons, cores e formas; escuta, fala, pensamento e imaginação; espaços, tempos, quantidades, relações e transformações (BNCC, 2018)², o que no geral exige a proximidade física de um adulto (educador ou professor).

O outro aspecto relaciona-se a pouca familiaridade de professores e educadores de Educação Infantil em atuar com recursos da educação a distância, mediante a necessidade do distanciamento físico, o que têm gerado dificuldades para atuar, fato observado também nos demais níveis e modalidades de ensino. Muitas mudanças ocorreram na vida desses profissionais desde o início da pandemia, incluindo as dificuldades evidenciadas para conciliar o trabalho docente com atividades domésticas e ainda cursar programas de formação para atuar virtualmente. Outros fatores relacionados à mudança na atuação docente foram registrados pela Fundação Carlos Chagas³, a partir de uma pesquisa realizada com 14.000 professores do país inteiro. Dentre elas podem ser citadas:

→ Rotina do trabalho: Para mais de 65% das respondentes, o trabalho pedagógico mudou e aumentou, com destaque para as atividades que envolvem interface e/ou interação digital. Dentre as estratégias utilizadas pelas professoras, ressalta-se o uso de materiais digitais via redes sociais (*e-mail*, WhatsApp, etc.) em todas as etapas/modalidades.

→ Estratégias educacionais: Quase oito em cada dez professoras afirmam fazer uso de materiais digitais via redes sociais como estratégia educacional. Na Educação Infantil, 60% dos professores apontam o envio de orientações às

²BNCC. Base Nacional Comum Curricular. http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_-versaofinal_site.pdf

³Fundação Carlos Chagas. Educação escolar em tempos de pandemia na visão de professoras/es da Educação Básica, *Informe no. 1, 2020*. <https://www.fcc.org.br/fcc/educacao-pesquisa/educacao-escolar-em-tempos-de-pandemia-informe-n-1>

famílias para estímulo e acompanhamento das atividades realizadas em casa.

→ Efeito do contexto: 49,3% das professoras acreditam que somente parte dos alunos consegue realizar as atividades. A expectativa em relação à aprendizagem diminuiu praticamente à metade.

→ Relação Escola-Família: Quase a metade das professoras indica um aumento da relação escola-família e do vínculo do aluno com a família (Fonte: FCC, 2020)

O terceiro aspecto corresponde à relação escola-famílias que historicamente tem se dado em meio a um conjunto de tensões, das quais, sem a pretensão de esgotá-las, podem ser mencionadas: as expectativas diversas nutridas por cada uma destas agências educacionais; à compreensão mútua dos limites e potencialidades da atuação de cada uma delas; a manutenção de um diálogo hierárquico com certa frequência entre escola-famílias e entre professores-pais de alunos e o desconhecimento mútuo dos objetivos e práticas de cada uma tendo em vista as características de seu contexto e dos grupos atendidos.

Ao analisar a coletânea “Acolhimento e uso de tecnologias na Educação Infantil” observa-se que vem ao encontro das problemáticas da educação em geral e especialmente para este nível de ensino como as citadas anteriormente, considerando o contexto da sala da Professora Poliana na Unidade de Atendimento à Criança, Universidade Federal de São Carlos (UAC-UFSCar). A organizadora ao indicar ter como propósito auxiliar profissionais da Educação Infantil, leva em conta as “ações de parceria e dialogia com as famílias” (Primeiras Palavras) materializando o diálogo construtivo realizado entre escola e famílias, por meio de sua documentação.

Essa interação ocorreu, principalmente por meio do WhatsApp, aplicativo de comunicação amplamente utilizado em nosso país, nos primeiros meses da pandemia. As experiências propostas e vivenciadas de acolhimento das famílias e suas crianças estão sumarizadas nos capítulos que foram reunidos em duas partes, a saber: 1ª Parte - relatos sobre práticas pedagógicas, sob o olhar da professora e de sua equipe de trabalho e 2ª Parte

- as experiências das famílias em suas casas com as crianças durante a pandemia com sugestões de atividades semanais propostas pela professora Poliana da UAC-UFSCar.

Inúmeros temas foram abordados pela professora e seu grupo de orientandos nos dez capítulos que compõem a 1ª Parte: os aspectos emocionais e o cuidado com a pequena infância; o uso da Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS) na expressão de emoções e sentimentos; a LIBRAS, a Terapia Ocupacional e os sentimentos nas interações escola-família; sugestões de atividades da Terapia Ocupacional para as famílias realizarem com as crianças; a cozinha como espaço de convivência; o jardim e o cultivo; brincadeiras em família; o aprendizado sobre animais; facilidades e dificuldades na/das interações e parcerias professores-famílias.

Na 2ª Parte são apresentados nove relatos de experiência de famílias nas suas vivências na quarentena, seguindo ou não as atividades sugeridas pela docente da UAC. Nas narrativas são descritas além do comportamento das crianças em face a um período sem escola; os medos, receios e angústias principalmente dos familiares, mas também trocas, sugestões e novidades criativas realizadas com a escola e seus professores. Seguramente as ações empreendidas resultam na construção de novos conhecimentos nas crianças e de seus familiares, a despeito de algumas dificuldades para que fossem realizadas. Da parte da professora e seu grupo de educadores, seu profissionalismo é reiterado ao enfrentarem ativamente as adversidades da docência na Educação Infantil em tempos de pandemia.

Deseja-se a *todos* uma leitura inspiradora, afinal trata-se de um trabalho coletivo relevante e potencialmente gerador de novas aprendizagens aos seus diversos participantes diretos e indiretos. Os conteúdos abordados (acolhimento dos pais e destes para com seus filhos, sentimentos e emoções, o uso de diferentes espaços de aprendizagem e desenvolvimento e linguagens e as experiências familiares) apontam para demandas de uma escola diferente e são tratados com bases teóricas e metodológicas reconhecidas. As ideias apresentadas e discutidas são reflexos de uma parceria dupla, muito relevante dado o seu potencial para mudanças da escola: entre *professores na escola* e da

escola com as famílias de seus alunos e que, independente de algumas tensões de cada um dos lados, mostra-se virtuosa e provavelmente permanente.

São Carlos, 3 de agosto de 2020.

Aline M. de M. Rodrigues Reali

Primeiras Palavras

Este livro documenta o momento histórico ao qual estamos vivenciando devido à Pandemia da Covi-19. É um momento de muitas incertezas e ansiedade, pois todos nos sentimos vulneráveis, um momento que mudou a rotina de todos nós, principalmente a de nossos pequenos que não podem sair na rua para brincar, que não podem ir à escola para ver os amigos e muito menos recebê-los em casa. Não podem nem ao menos ver e abraçar os avós. Diante deste contexto, buscamos de alguma forma, como professores e pertencentes à Universidade Federal de São Carlos, buscar formas de acolher essas crianças e suas famílias. Há de se ressaltar que o uso das Tecnologias de Informação e Comunicação (TICs), como mecanismo mediador de interação, diálogos e parcerias com as famílias, utilizados no cotidiano da rotina de trabalho da professora antes da Pandemia, foi o meio que permitiu a manutenção das relações nesse momento de rupturas devido ao isolamento social.

O uso da ferramenta WhatsApp, permite que fotografias, áudios, vídeos e atividades sejam postadas, trocadas, vivenciadas, comentadas, experimentadas e documentadas. Permite que mesmo longe estejamos perto de alguma forma.

Objetivando auxiliar outros profissionais da Educação Infantil documentamos aqui as nossas ações de parceria e dialogia com as famílias. Desta forma, dividimos essa obra em duas partes: na primeira, trazemos relatos referentes às ações pedagógicas sob o olhar da professora e de sua equipe de trabalho (orientandas de mestrado e de projetos de extensão); a segunda parte contém as experiências das famílias em suas casas com as crianças. Acreditamos que para a educação infantil, termos as duas faces da mesma moeda (professores e famílias) possa ser um caminho para se compreender novas formas de trabalho durante esse momento difícil e às mudanças necessárias pós a Covid-19. Dar voz às famílias a respeito de nossas práticas, no intuito construtivo, permite que possamos juntos estabelecer

uma rotina que acolha as famílias em suas interações com as crianças acolhendo-as.

Desejamos a todos e todas uma boa leitura, banhada por releituras e novas significações!

Poliana Bruno Zuin
Amarílio Ferreira Júnior

Agradecimentos

Ao Programa de Pós-Graduação em Linguística – PPGL – UFSCar.

À Pró-Reitoria de Pesquisa e Extensão, cujos projetos a eles atrelados permitem que possamos estabelecer parcerias com os alunos de graduação para pensarmos diferentes formas de trabalhos com as diferentes linguagens das crianças.

Ao Departamento de Educação da UFSCar, local onde realizo o meu Pós-Doutorado sob a supervisão do estimado Professor Amarílio Ferreira Júnior.

Às famílias e crianças da Unidade de Atendimento à Criança, local em que me constituo como professora e pesquisadora.

Parte I

Ações Pedagógicas de Acolhimento na Educação Infantil via Tecnologias de Informação e Comunicação

Capítulo 1

Educação Infantil: rupturas e acolhimento de famílias e crianças por meio da tecnologia em tempos da Covid-19

Poliana Bruno Zuin
Amarílio Ferreira Júnior

“Mas as conversas sobre educação (incluindo a educação infantil) não podem ser restritas à sua literatura. Tal conversa, que também é política, deve tratar continuamente de grandes mudanças e transformações sociais na economia, na ciência, nas artes e nos relacionamentos e costumes humanos. Todas essas forças maiores influenciam como os seres humanos – até as crianças pequenas – “leem” e lidam com as realidades da vida. Elas determinam o surgimento, tanto em níveis gerais quanto locais, de novos métodos de conteúdos e de novas práticas educacionais, assim como novos problemas e novas perguntas a serem respondidas” (MALAGUZZI, p.56, 2016)

Introdução

Este artigo é um desdobramento dos estudos realizados sobre as interações e parcerias entre professores e famílias, realizados no Programa de Pós-Doutorado no Departamento de Educação – DED da Universidade Federal de São Carlos, sob a supervisão do Professor Doutor Amarílio Ferreira Júnior. Com base no referencial filosófico do Materialismo Histórico e Dialético, pensamos as relações de ensino e aprendizado a partir de de distintas áreas do conhecimento, mas que compartilham do mesmo embasamento para o constructo de suas teorias. Entre essas teorias destacamos: Bakhtin um filósofo da linguagem que traz o conceito da dialogia e da linguagem como atividades

constitutivas do ser humano; um sujeito que se constitui pela alteridade, na relação e interação com o outro mediado pelo signo cunhado nesse processo de relações e interações em um contexto; Na área da Psicologia nos respaldamos na Teoria Histórico-Cultural da aprendizagem e desenvolvimento da criança, cujos autores como Vygotsky, Luria e Leontiev, precursores desta teoria, trazem um conceito fundamental das atividades humanas – a categoria de mediação. É por meio das relações fundamentalmente mediadas que nos constituímos como sujeitos, relações essas que são históricas e contextualizadas, indo ao encontro da teoria Bakhtiniana relativa aos processos de significação do mundo sócio, portanto, ideológico que constitui a nossa consciência; não menos importante são os trabalhos de Paulo Freire no campo educacional, em que busca por meio de um processo dialógico nos levar à conscientização das relações políticas e econômicas, possibilitando que novas leituras de mundo sejam possíveis.

É com esse arcabouço teórico que vislumbramos investigar como ocorrem essas relações mediadas e dialógicas no contexto da Educação Infantil, tendo como escopo a necessária parceria entre professores e famílias. Objetivando investigar e problematizar ferramentas dialógicas que facilitem o diálogo e a construção conjunta da prática da docente com os familiares das crianças da Educação Infantil, bem como com os membros do seu Grupo de Pesquisa e Projetos de Extensão, os dados aqui trazidos são oriundos das interações e reflexões a partir da prática da docente, pesquisadora e organizadora desta obra.

Um das ferramentas de Comunicação Dialógica utilizada pela docente em sua prática com as crianças é o uso do WhatsApp para comunicação diária com as famílias, para envio das propostas das atividades diárias (semanários que contem as atividades, leituras, livros, brincadeiras, formas de acolhimento, entre outros), bem como registros por meio de fotografias em tempo real das interações e atividades realizadas pelas crianças, como momentos de leituras, roda, brincadeiras, atividades de artes plásticas, representação por meio do desenho, parque, etc.

No ano de 2020, a professora já com 5 anos de experiência na Educação Infantil, buscou realizar com as famílias

possibilidades de uma maior interação, realizando com as mesmas uma reunião anterior ao início das aulas com as crianças, a fim de que se conhecessem e para que esses pudessem compreender a magnitude da parceria que o trabalho com crianças da Educação Infantil exige. A comunicação com as famílias do Grupo 3 da Unidade de Atendimento à Criança (UAC) fluía muito bem utilizando o Whatssap como principal ferramenta de interação e parceria, além de caderno com registros semanais da criança na sala de aula com feedback da família sobre a criança em casa, portfólios de registros do desenvolvimento do desenho da criança a partir da leitura de livros escolhidos por elas e enviados em uma sacola de algodão toda sexta-feira, portfólio sobre sentimentos trabalhados em sala por meio da literatura, mas que pudessem servir como suportes para a família abordá-los em diferentes contextos o sentimento trabalhado em determinada semana, registrando com a criança de alguma forma, desenho, colagem ou mesmo o registro escrito pela família sobre o que foi conversado.

Em meio a esse trabalho planejado e discutido em diálogo, o mundo foi acometido pela pandemia da Covid-19 o que ocasionou a interrupção das atividades escolares afetando o cotidiano de inúmeras crianças entre 0 a 5 anos de idade. A ruptura abrupta na rotina das crianças gerou uma série de discussões no cenário educacional da pequena infância, entre elas o uso da Educação à Distância ou de atividades remotas.

No entanto, as discussões e problematizações geradas, duas ou três semanas após a reclusão forçada da população, a escola de Educação Infantil esqueceu-se de fazer uma pergunta imperativa: *como que se dá o acolhimento às crianças e famílias nesse momento tão complexo?* Utilizando-se de experiências práticas junto às famílias e crianças de um grupo (cuja docente é a pesquisadora e organizadora desta obra) na Unidade de Atendimento à Criança localizada na Universidade Federal de São Carlos é que se busca fornecer subsídios para professores da Educação Infantil a fim de se repensar a necessidade da Tecnologia como aliada ao trabalho com crianças pequenas, sobretudo para que se constitua um vínculo fundamental entre professores e famílias.

Diante do exposto, busca-se trazer um recorte de como tem sido esse trabalho de Acolhimento às Crianças e Famílias por meio de sugestões de atividades, acolhimento, brincadeiras, via a ferramenta de comunicação WhatsApp nesse cenário da Covid-19.

1.1. Parceria Escola e Família

Szymanski (2001) ao definir família nos afirma que esta é uma relação social entre pessoas que escolhem conviver, assumindo um compromisso de cuidado e afetividade com todos os seus membros. Por outro lado, o processo educativo é também integrante da vida social, de seus aspectos políticos, econômicos e culturais, por essa razão esse processo exige uma parceria entre escola e família para que ambas as partes tenham um olhar atento às crianças como indivíduos. Tardif (2010) por sua vez salienta que esse olhar é pouco desenvolvido nos docentes, afirmando que cabe aos professores um investimento contínuo para avaliar e revisar suas experiências ao longo da profissão, por meio da reflexão de sua própria prática. Neste sentido, essa obra busca refletir e problematizar a própria prática via o olhar e a voz da docente e pesquisadora, mas também a partir dos olhares e vozes da sua equipe de trabalho (estagiária de sala, suas orientandas de mestrado, iniciação científica e orientandos dos projetos de extensão, que atuam em sua sala junto e com as crianças) e também das famílias que são parte essencial do trabalho com as crianças pequenas.

Diante do exposto, a parceria escola e família busca aproximar os sentidos entre professores e familiares para o desenvolvimento saudável das crianças. Bakhtin (1992) em seu constructo teórico enfatiza que para que se possa haver compreensão faz-se necessário um horizonte comum de significados, ou seja, que os sentidos se aproximem. E para que isso seja possível nos recorremos a Crepaldi (2020) que evidencia o quanto é preciso conhecer todos os pais, compreender a realidade de vida das pessoas que se relacionam diretamente com seus educandos, para assim melhor planejar e traçar as estratégias de acolhimento, educação e cuidados com as crianças pequenas.

Montandon (1996) e Nogueira (2006) são alguns dos autores que problematizam as relações entre escola e família por uma perspectiva sociológica, destacando a intensificação dos contatos, interações e conflitos entre estas duas partes como consequência das mudanças sociais das décadas finais do século XX, mudanças essas que modificaram e muito as relações e interações, uma vez que a criança pequena fica grande parte do dia na escola.

Nesse cenário, no ano de 2010 o MEC em parceria com a Unesco desenvolveu um material intitulado “Interação Escola-Família: subsídios para práticas escolares” organizados por Castro e Regattieri em que se buscava trazer para a educação nacional a necessidade de trazer para a discussão, problematização e, conseqüentemente, o estabelecimento do vínculo escola e família. Ainda neste documento é salientado que a parceria escola-família está a serviço de diversas finalidades, tais como:

“o cumprimento do direito das famílias à informação sobre a educação dos filhos; o fortalecimento da gestão democrática da escola; o envolvimento da família nas condições de aprendizagem dos filhos; o estreitamento de laços entre comunidade e escola; o conhecimento da realidade do aluno; entre outras” (Castro e Regattieri, 2010, p.15).

Dez anos se passaram e por que ainda é tão difícil estabelecer este vínculo?

Conforme a Lei de Diretrizes e Bases da Educação (1996), Título I, Da Educação, lê-se no Art. 1 que a “Educação abrange os processos formativos que se desenvolvem na vida familiar, na convivência humana, no trabalho, nas instituições de ensino e pesquisa, nos movimentos sociais e organizações da sociedade civil e nas manifestações culturais”. No Título II, Dos Princípios e Fins da Educação Nacional Art.2 “A educação, dever da família e do Estado, inspirada nos princípios da liberdade e nos ideais de solidariedade humana, tem por finalidade o pleno desenvolvimento do educando, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação no trabalho”.

Lima (2002) ao dissertar sobre as relações que envolvem a escola e a família afirma que estas nem sempre estão envolvidas a cooperação e parceria, tendo portanto, ligações com diferentes níveis de envolvimento dos pais na vida escolar, destacando três distintos patamares de profundidade e complexidade. Conforme relata, o primeiro patamar é o de *mera recepção de informação*; neste patamar a família limita-se a receber e responder comunicados, telefonemas e bilhetes da escola, podendo acompanhar os filhos também em casa, mas mantendo-se distantes do estabelecimento escolar e visitando-o somente quando solicitados ou em ocasiões de festividades. O segundo nível refere-se a presença da família nos órgãos de gestão da escola, sendo entendidos como “*parceiros menores da administração da instituição escolar*” (LIMA, 2002, p. 147). Com relação ao último patamar, os pais apresentam um envolvimento direto na vida da sala de aula, sendo “*encarados como parceiros ativos, participantes na concepção, planificação, execução e avaliação de áreas importantes do currículo*” (LIMA, 2002, p. 148).

É diante deste terceiro patamar que busco realizar o trabalho de parceria da minha prática junto às famílias. Interessante salientar que de acordo com o autor supracitado esse patamar é muito complexo e quase não ocorre nas escolas, pois nem sempre os docentes e a escola estão abertas a este tipo de relação. Acredito que para estar nesse nível de envolvimento o profissional precisa estar aberto, ter muita confiança nas suas ações, o que implica saber de onde partir e aonde quer chegar. O planejamento e o domínio de conteúdo é que lhe dão essas ferramentas, somado é claro, aos saberes da experiência que é a paixão. De acordo com Larrosa (2019), a experiência envolve necessariamente três constituintes: a paixão, o sofrimento e a responsabilidade. Somente quando se é apaixonado pela profissão é que é possível se abrir a esse tipo de envolvimento que a relação educativa exige.

Diria mais ainda, além da experiência, da paixão, do sofrimento e da responsabilidade, impera ainda uma atitude de que o outro nos constitui como sujeitos. Portanto, é na alteridade que surgem as relações, é dar voz ao outro para refletir sobre a própria prática, é permitir que o outro seja partícipe do processo de ensino e aprendizado.

Nas palavras de Loris Malaguzzi (2016, p.58 e 59) “para a construção de uma escola amável, onde crianças, professores e famílias sintam-se todos em casa” é necessário um planejamento intencional que incorpore maneiras de viver em conjunto intensificando as relações entre estes três protagonistas, tornando ainda a pesquisa e a participação ainda mais ativas. E ainda de acordo com o autor, para que isso seja possível são realizadas reflexões constantes entre o cognitivo, o afetivo e o simbólico, bem como o refinamento de meios de comunicação e encontros para aproximação das crianças, de suas famílias, discussões sobre projetos, currículo e colaboração nas atividades.

Diante desse contexto, como docente busco diferentes vozes e olhares na constituição da rotina com os meus alunos, as minhas crianças, busco inserir as famílias em projetos diários de culinária, de profissões, de estarem presentes na sala e em outros espaços a fim de que juntos possamos tornar as práticas acolhedoras para as famílias e para as crianças e para que juntos possamos nos conhecer melhor e assim, criarmos laços de envolvimento para além da sala de aula.

2. Contexto da Docente e de suas Práticas Educativas

A fim de se saber do contexto das práticas educativas da docente é interessante que se faça uma breve apresentação de sua formação e percurso profissional. A docente pesquisadora de sua própria prática é graduada em Pedagogia pela mesma Universidade em que trabalha, fez Mestrado e Doutorado na Educação e Pós-Doutorado na Linguística, todos na Universidade Federal de São Carlos-UFSCar. Trabalha como docente da Educação Infantil há 5 anos e 6 meses e também como docente no Programa de Pós-Graduação em Linguística (PPGL-UFSCar), o que a permite aliar e atrelar as suas práticas de ensino, às pesquisas e aos projetos de extensão que se encontram em andamento junto aos trabalhos que desenvolve junto com as crianças. Antes de suas experiências com as crianças, fora professora do ensino superior em universidades públicas e também privadas. Fora coordenadora em um curso de Pedagogia e sempre buscou pensar as relações em um âmbito

amplo das relações e interações que envolviam o processo de ensino e aprendizado das crianças.

Desta maneira, a sua sala de aula é um espaço de interações entre as crianças, entre os graduandos, pós-graduandos, estagiários remunerados e curriculares, o que permite um espaço de aprendizagem dialógico para todos, pois todos possuem saberes e experiências que enriquecem a leitura de mundo das crianças que estão sob a responsabilidade da Professora e sua própria leitura devido as vozes e olhares oriundos desses diálogos e encontros. Isto posto, reuniões sobre planejamento das atividades, bem como escolha de voluntários para atuarem nos projetos de Extensão são realizados no início do semestre, onde são expostas as necessidades da professora e auxílio aos trabalhos que serão desenvolvidos. Interessante salientar que graças aos projetos de extensão, todos documentados na Pró-Reitoria de Extensão (ProEx), são muitas vezes as portas para os trabalhos de pesquisa nas categorias de Iniciação Científica, entrada no Grupo de Pesquisa Coordenado pela Docente no Diretório de Pesquisa do CNPQ e até mesmo inserção no Programa de Mestrado.

Essa parceria e dialogicidade conquistada no grupo vai sendo conquistada nos trabalhos e rotina diária com as crianças. As propostas das atividades articuladas com estudantes de áreas distintas permitem com que elas aos poucos vão se formando como profissionais ao mesmo tempo em que me ensinam e me formam e juntos apresentamos novas leituras de mundo às crianças, possibilidades inúmeras de desenvolvimento das suas diferentes linguagens.

Nesse Grupo de Pesquisa e Extensão, ambos coordenados por mim, busca-se trabalhar essas diferentes linguagens das crianças por meio da exploração de atividades sensoriais e plásticas com o auxílio das estudantes do curso de Terapia Ocupacional; busca-se incluir as crianças na aprendizagem de outras línguas, como a Libras e o inglês que já é presente no cotidiano dos pequenos em inúmeras situações de letramento. O trabalho perpassa a literatura como base de qualquer proposta de trabalho. Leituras são previamente selecionadas e propostas para se abordar nas rodas de conversa temáticas a serem trabalhadas

e exploradas, como os sentimentos, e a relação da criança com o seu mundo (o eu, o outro, a natureza, os animais, etc.)

Após o período de adaptação das crianças com a professora, os projetos foram iniciados na rotina dos trabalhos diários até o dia 13 de março de 2020, quando soubemos que não iríamos voltar na segunda-feira devido à Pandemia da Covid-19. Fora uma ruptura abrupta e mascarada por idealizações de que logo as coisas voltariam ao normal, mesmo fatos sendo registrados diariamente na Itália e na Europa, o que evidenciava um cenário muito mais catastrófico para um país tão grande e com extrema miséria como o nosso.

As interações que já ocorriam pelo WhatsApp, continuaram e se intensificaram tornando-se o único meio de interação entre a professora, os familiares e as crianças e também entre a estagiária de sala.

3. O uso do WhatsApp como ferramenta de comunicação, acolhimento e interação na Pandemia

As interações que ocorriam entre a professora e as famílias se intensificaram na quarentena no primeiro mês. Fotos do cotidiano das crianças eram enviadas por seus familiares, mensagens de voz das crianças, trocas de informações sobre a Pandemia, livros para leitura em PDF, informativos de brincadeiras para se fazer na quarentena, etc... A professora também enviava fotos de seu cotidiano com sua filha a fim de inspirar relações, como brincadeiras, plantio, culinária, etc. Sem nenhuma perspectiva de volta, algumas mães perguntaram quais músicas eram trabalhadas em sala e diziam que estava difícil propor atividades junto às crianças. Foi quando surgiu uma inquietação por parte da docente: e se enviássemos sugestões sobre os projetos a serem realizados pelas famílias com as crianças, de maneira a propiciar uma interação entre eles? Isso já ocorria como parte da rotina no contexto escolar e era a base no trabalho presencial (os pais atuantes nos projetos escolares).

Em nenhum momento pensou-se em substituir o ensino presencial pela Educação à Distância, até porque se trata de crianças e ensino à distância perderia o intuito da Educação

Infantil que busca propiciar interações e trocas entre elas mesmas e com os adultos mediadores intencionais que estão junto a elas. Perguntei às famílias se gostariam de receber sugestões de atividades para realizarem com as crianças. Seria uma forma de aproximar a família aos seus filhos e ao mesmo tempo aproximar as crianças da escola pela figura dos professores e dar a acolhida necessária com suporte emocional e de possíveis atividades de se realizar juntos.

Desta maneira, levei essa sugestão ao grupo dos envolvidos nos trabalhos com pesquisa e extensão e juntos estamos pensando e propondo semanalmente, por meio do WhatsApp, sugestões de atividades, leituras, vídeos, músicas daquilo que as crianças podem realizar com a ajuda de seus familiares e junto com eles. Uma mãe nos ajudou criando um grupo de repositório de materiais e outro para eles postarem as atividades que realizam. Então, atualmente o trabalho dialógico ocorre com quatro grupos de WhatsApp; um de interações dialógicas com as famílias e crianças; um de repositório de sugestões de atividades denominado “Materiais”; outro para documentação e postagem pelas famílias de fotografias, vídeos, áudios de como tem sido essas interações e os produtos realizados por eles advindos das sugestões propostas.

Nas sugestões propostas não perdemos o foco de explorar as diferentes linguagens das crianças, todavia começamos a explorá-las no seu cotidiano, tal como seria no contexto escolar. Antes da pandemia, buscávamos trazer o contexto da casa para a escola, agora buscamos levar um pouquinho do que a escola faz no ambiente da casa. Essa proposição está alicerçada em uma aprendizagem significativa, cujas leituras de mundo (contexto) aproximam e fornecem subsídios para que novas leituras possam ocorrer. Diante desse cenário, tivemos uma mudança muito significativa: antes éramos os mediadores intencionais do processo na relação e interação com as crianças e, agora somos os mediadores das famílias e essas por sua vez são os mediadores junto às crianças. Porque através das propostas sugeridas por nós e dos feedbacks das famílias das fotografias, vídeos, áudios e textos escritos, não seríamos os mediadores nas ações com as crianças.

Muitos questionamentos foram postos e refletidos em termos metodológicos: Como faríamos? Quais seriam os meios de Comunicação e Recursos Áudio -Visuais? Gravamos vídeos, áudios e, principalmente, tutoriais com imagens, figuras e textos explorando determinado tema para que a família pudesse desenvolver as sugestões propostas com suas crianças. Algumas leituras são realizadas por mim ou mesmo sugestões de leituras são enviadas por meio de vídeos caseiros ou áudios; leituras de obras também são realizadas pela estagiária da sala de uma maneira muito mais elaborada; apoio ao trabalho com as emoções também estão sendo explorados de diferentes maneiras, por atividades plásticas, por brincadeiras e por meio de conversas particulares, sobretudo quando os pais nos chamam no particular e nos pedem orientações. Esse acolhimento tem sido fundamental ao longo destes quatro meses em que estamos dentro de casa.

Considerações Finais

Diante dessas experiências ao longo deste registro, algumas atividades de comunicação e dialogia constituíram a nossa prática de maneira a acolher as famílias e crianças, entre essas ferramentas de comunicação destacamos: o uso do Whatsapp como recurso principal o que permitiu a criação de quatro grupos (interações com as famílias e crianças, repositório de sugestões de atividades, documentação das atividades realizadas em família e, por fim, um grupo do nosso planejamento relativo às atividades de ensino, pesquisa e extensão). A fim de possibilitar um espaço a mais para que as famílias pudessem acessar estas sugestões foi criada uma pasta no google drive para que as atividades de cada semana pudessem ser alocadas permitindo que as famílias pudessem acessá-las quando não quisessem fazer o uso do celular, por exemplo. Com relação às propostas de atividades, buscamos trabalhar com recursos variados, tais como: vídeos, áudios, tutoriais, arquivos de livros em pdfs (para possibilitar que as famílias pudessem ler para as crianças). As atividades sugeridas se deram semanalmente, geralmente postadas no sábado ou domingo, contendo essa diversificação e

todas relacionadas aos projetos que seriam trabalhados em sala, mas agora adaptados à possibilidade da casa e mediados pela família. Todas essas atividades foram planejadas em conjunto e parceria com os estudantes de graduação e pós-graduação sob a minha orientação, inclusive o apoio aos recursos áudio-visuais, como tutoriais e vídeos editados na contação de história realizados por eles.

Apesar de todos os esforços da nossa parte a fim de manter o vínculo entre a escola e a família, entendemos e respeitamos cada família, bem como a sua participação sempre fora de voluntária. Normalmente as famílias documentam e registram o que fizeram por meio de fotografias, vídeos e as crianças também nos enviam áudios. De forma quase síncrona estabelecemos um diálogo por meio desses áudios como forma de feedbacks, conversas no particular com as famílias sempre ocorrem, sobretudo quando somos solicitados a minimizar angústias e acolher os anseios, inseguranças que nós também sentimos. Por fim, o principal meio de interação é aquele em que compartilhamos o nosso cotidiano, tais como fotografias de receitas, de brincadeiras, do cultivo de plantinhas no jardim, do nascimento de um bichinho de estimação, ou quando uma criança faz um bolo em casa para compartilhar e cantar parabéns para as amigas aniversariantes, soltar pipa, escorregar em uma caixa de papelão, é nessas pequenas alegrias que visualizamos a riqueza que a tecnologia nos proporciona e nos aproxima, pois permite que mesmo longe possamos ver o desenvolvimento das crianças.

Interessante salientar que ao longo dos meses foi ficando mais difícil a devolutiva das famílias e pensamos em investigar os por quês tais devolutivas estavam cada vez mais escassas, mesmo sendo atividades não obrigatórias e sim sugestões de atividades para serem feitas em família. Questionários foram aplicados para podermos ouvir as famílias e tentar arrumar outras maneiras de interação. Ao ler as respostas da maioria das famílias, percebemos que a pouca responsividade não está atrelada às sugestões propostas, mas a esse contexto preocupante a qual nos encontramos, e muitas outras razões que neste momento não

conseguimos ter o controle, tal como podemos observar nos relatos dos familiares presentes na Parte II desta obra.

Diante do exposto e de uma escuta sensível às crianças e famílias, propiciar o suporte de acolhimento se torna cada vez mais premente para que novas rupturas não se façam, para que possamos continuar com o vínculo e para que todos saibamos que estamos aqui. A fim de explorar o excerto de Malaguzzi (2016) trazido no início deste capítulo, buscamos com essas palavras e reflexões trazidas neste capítulo e nessa obra, repensar por meio de diferentes olhares e vozes as interações e relações existentes na parceria entre professores e famílias em tempos da Pandemia da Covid-19, não esquecendo das finalidades educativas como ato político e como recurso didático à serviço da família.

Referências

BAKHTIN, M (V.N. Volochinov) **Marxismo e filosofia da linguagem**. Tradução de Michel Lauch e Iara Frateschi Vieira. 6.ed. São Paulo: Editora Huritec 1992.

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**: Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Brasília, DF: Edições Câmara, 2013b.

CREPALDI, E.M.F. **A importância da família na escola para a construção do desenvolvimento do aluno**. In: Formação de Professores: contextos, sentidos e práticas. Acesso em: 17 de junho de 2020.

LARROSA, J. **Notas sobre a experiência e o saber de experiência**. Jan/Fev/Mar/Abr 2002 No 19. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/rbedu/n19/n19a02.pdf>. Acesso em: Junho, 2019.

LIMA, J A. A presença dos pais na escola: aprofundamento democrático ou perversão pedagógica? In: LIMA, J A. (Org.). **Pais e professores: um desafio à cooperação**. Porto: ASA, 2002. p.133-73.

- MALAGUZZI, L. In: **As cem linguagens da criança: a experiência de Reggio Emilia em transformação**. Org. Carolyn Edwards, Lella Gandini, Georfe Forman, Vol.2, Porto Alegre: Penso, 2016.
- MONTANDON, C. **Les relations des parents avec l' école**. *Lien social et politiques - RLAC*, n. 35, p. 63-73, 1996.
- NOGUEIRA, M. A. **A categoria “família” na pesquisa em sociologia da educação: notas preliminares sobre um processo de desenvolvimento**. *Inter- legere (UFRN)*, n. 9, p. 156-166, 2011. Disponível em: <<http://www.cchla.ufrn.br/interlegere/09/pdf/09es09.pdf>>.
- SZYMANSKI, H. **A relação Família Escola: Desafios e Perspectivas**. Brasília: Editora Plano, 2001.
- SZYMANSKI, H. **A entrevista na Pesquisa em Educação: a prática reflexiva**. Brasília: Editora Plano, 2002.
- SZYMANSKI, H. **Práticas Educativas Familiares e o Sentido da Constituição Identitária**. *Paidéia*, 2006, 16 (33), 81-8910.
- TARDIF, Maurice. **Saberes Docentes e Formação Profissional**. 11o ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.
- VASCONCELLOS, C. S. **Disciplina: construção da disciplina consciente e interativa em sala de aula e na escola**. São Paulo: Libertad, 1995.

Capítulo 2

Acolhimento emocional infantil: o cuidado com a pequena infância em tempos de pandemia

Isabelle Nobrega Borges
Isadora Pascoalino Mariotto
Poliana Bruno Zuin

Introdução

Em tempos de pandemia, muitas questões passam por nossa cabeça: os noticiários, as estatísticas, a imprevisão, o isolamento. Toda a nossa vida e rotina viradas de ponta cabeça por conta da COVID-19, todas essas variáveis nos deixam vulneráveis, nos causando diferentes emoções como ansiedade, estresse e até mesmo tristeza, raiva e medo. Se para nós, adultos e adultas, é uma situação extremamente difícil, consegue imaginar como está sendo para as crianças pequenas? Elas que costumam ser bastante ativas, ir à escola, encontrar e brincar com amigos, agora encontram-se isoladas e algumas vezes sem compreender o real motivo. Segundo as recomendações da UNICEF (2020), é preciso que os pais e responsáveis conversem aberta e honestamente com suas crianças, fazendo perguntas e ouvindo o que elas têm a dizer e explicando a importância de permanecerem em casa o máximo possível para prevenir da contaminação da doença. Outra dica é incentivá-las a expressar seus sentimentos e emoções, mantê-las ativas e em uma rotina, o que ajuda a se sentirem tranquilas e em segurança, sugerem até mesmo buscar informações junto à escola.

Quanto a relação escola-família, tanto a BNCC⁴ (2017) quanto a DCNEI⁵ (2010) afirmam que é fundamental e necessária esta parceria enquanto a criança estiver na creche e pré-escola (não se

⁴ Base Nacional Comum Curricular.

⁵ Diretrizes Curriculares Nacionais para Educação Infantil.

prendendo apenas ao espaço físico da instituição), isto cria a necessidade de diálogo a fim de que as práticas realizadas com as crianças não se dissociem. Este trabalho requer que a equipe de educadores compreenda as famílias, mais do que nunca, como parceiras, pois estas, muitas vezes, veem a professora ou o professor como alguém que pode lhes ajudar a pensar sobre a educação de seus filhos e filhas no próprio ambiente domiciliar, portanto, é preciso que os/as docentes tenham empatia e consciência do seu papel de formadores, a fim de desenvolver nas crianças suas máximas potencialidades.

Na educação infantil, por se tratar de vivências e experiências pautadas em interações e brincadeiras, ainda segundo os documentos oficiais acima citados, é necessária a realização em ambiente coletivo, que permite a convivência entre pares e também entre adultos, por essa razão, a Medida Provisória nº 934⁶, de 1º de abril de 2020, não se qualifica ao ensino infantil.

Referencial Teórico

A formação do sujeito, segundo a teoria Histórico-Cultural se dá entre as relações sociais e experiências de mundo as quais o sujeito vivencia. Segundo Vygotsky (2001), mentor desta corrente da Psicologia, o desenvolvimento do ser humano se dá na interação com o meio social. O conhecimento é fruto das interações que o sujeito estabelece como seu meio sociocultural. Para Vygotsky (1994), é pela mediação com o mundo exterior que o ser humano se desenvolve. No processo sociointerativo é que ocorre a internalização dos modos de pensar e agir de uma dada cultura. Esta internalização de signos e instrumentos é constante e é um processo que se inicia desde o nascimento.

A partir das interações com os adultos, as crianças em suas brincadeiras, no cotidiano, vão se apropriando das diferentes formas de pensar e agir que vão sendo progressivamente internalizadas e se tornam seu modo de pensar. Segundo esta

⁶ MP que isenta as escolas de cumprirem o mínimo de 200 dias letivos, mas mantém a carga horária de 800 horas necessária para completar o ano de letivo

abordagem vygotskyana existe a “Lei do Duplo Desenvolvimento”, na qual todas as funções no desenvolvimento da criança acontecem duas vezes: uma no nível intersicológico (entre as pessoas) e outra no nível intrapsicológico (no interior da criança).

Para Bakhtin (2010), é pelas relações sociais que a linguagem, o pensamento se constitui. Nas trocas de diálogos o sujeito se reflete no outro, e assim coloca sua visão de mundo daquele contexto conversacional. A partir do momento em que o indivíduo se constitui nas interações, ele também se altera, constantemente. Isto é o que Bakhtin chama de alteridade, ao mesmo tempo em que o sujeito se constrói nas relações ele, também, se altera, colocando sua visão de mundo.

E nossas emoções, são desenvolvidas socialmente? Se a linguagem que nos molda e constitui nossos pensamentos, as emoções são desenvolvidas histórica, cultural e socialmente. As crianças lidam diariamente com diversas emoções, sentem raiva, frustração, medo e geralmente por não conseguirem lidar com esses sentimentos e desprovidos de palavras que possam expressar, gritam, choram, mordem a fim de mostrar suas emoções.

As emoções como alegria, medo, angústia, gentileza, são expressas pelas palavras, correto? Se o significado da palavra é moldado social e historicamente, nossas emoções também são. O professor, adulto, tem o papel de instruir e transformar o pensamento de uma criança. Expressar as emoções na infância é algo extremamente importante. E ao falarmos para uma criança “Não fique triste, isto acontece mesmo, você vai conseguir”, lhe damos palavras de estímulos que irão transformar as emoções daquele sujeito.

Na infância, por estarem em constante transformação e maturação cognitiva, todo tipo de aprendizado, afeto que a criança tiver irá influenciar diretamente as suas atitudes, formação intelectual e pessoal. Segundo psicólogos como Vygotsky, os três primeiros anos de vida são cruciais para o desenvolvimento da criança. Durante este período, a atividade cerebral é intensa e o desenvolvimento emocional também. Portanto, tudo o que acontece durante esta fase reflete no futuro e permanece ao longo dos anos.

Segundo Fler e Hammer (2013), sobre como a mediação do outro no desenvolvimento do conceito de emoção é fundamental, “é por meio do processo de relações sociais entre as pessoas que as emoções são expressas, nomeadas e interpretadas como sentimentos” (p. 246). Assim, destacamos a importância de professor, pais, dialogarem com seus filhos sobre as emoções. Para entender e expressar as emoções próprias, é necessário a linguagem, a palavra para organizar os pensamentos e sentimentos.

Diante deste contexto, observar como as crianças estão formando e se apropriando dos conceitos das emoções de suas vivências e experiências no mundo por meio de suas representações através da verbalização.

Metodologia da Pesquisa

Essa pesquisa se constitui como colaborativa, em que visa o trabalho conjunto entre pesquisador, professor e familiares em ambiente virtual (WhatsApp e Google Drive) em tempos de pandemia do Covid-19, no sentido de dar continuidade ao conhecimento das crianças, construção de novas práticas, por meio da ação e da reflexão (BORTONI-RICARDO, 2011). Baseia-se em teorias como Bakhtin (1992), Vygotsky (1998), Luria (1976) e outros teóricos da Linguística e Psicologia, visando uma perspectiva sociointeracionista entre escola-família como instrumento fundamental para construção da linguagem e do desenvolvimento dos conceitos de emoções na infância em tempos do Covid-19. A fim de responder aos objetivos propostos, foi enviado aos pais um questionário para saber como as crianças estão reagindo com a mudança de rotina e com a questão da quarentena. Utilizaremos os seguintes instrumentos de coleta de dados: transcrição dos relatos dos pais e fotos de alguns trechos das conversas. Dessa forma, os dados estão sendo coletados junto a um grupo de 5 famílias com filhos de 3 a 4 anos. A professora do grupo de crianças é a orientadora desse projeto, em que dá aula em uma sala da Unidade e Atendimento à Criança (UAC) da Universidade Federal de São Carlos – UFSCar.

Para a análise, foram selecionadas 5 famílias denominadas de A, B, C, D, E. Por meio do projeto “Explorando os sentimentos”, planejado antes da pandemia, que ocorreria toda quarta-feira durante o ano letivo de 2020, nos indagamos, como dar continuidade a este projeto das emoções e ajudar os pais com seus filhos nos aspectos emocionais? Decidimos enviar aos pais instruções/sugestões de como lidar e nomear as emoções de seus filhos, com o intuito de dar continuidade ao desenvolvimento emocional e intelectual da criança. Tendo como base a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), sabemos que a criança para seu completo desenvolvimento precisa estar em interação social, desse modo optamos pelo ambiente virtual (Whatsapp) como meio de mediação entre pais e professor, não colocando a criança frente a atividades on-line. São os pais que recebem as atividades instrucionais e questionários.

Nestes diálogos entre pesquisador, professor e família procuramos explorar os sentimentos/emoções, tais como: ternura, amor, raiva, medo, tristeza, alegria etc, e enviamos semanalmente atividades como forma de instrução aos pais de como dar continuidade ao desenvolvimento emocional e intelectual de seus filhos. As atividades disponibilizadas não são obrigatórias e, sim, um meio de instruir os pais de como poder dar continuidade ao desenvolvimento das crianças. Nos preocupamos o tempo todo em saber como as famílias e crianças estão psicologicamente e acolhê-las emocionalmente, portanto foram sugeridas atividades simples e intuitivas como impressão de cartões com posições de yoga, para o sentimento de serenidade, brincar de amarelinha, para o sentimento de alegria, confeccionar fantoches de caixa de leite para falar sobre felicidade ou tristeza, a fim de ser um momento divertido em família. Com essas ações, busca-se problematizar e conscientizar as crianças das emoções sentidas.

Dados e Análises

A fim de delinear as intervenções, foram enviadas atividades instrutivas pelo ambiente virtual (Whatsapp) aos pais com temas que iriam ser abordados em ambiente escolar. Com base no livro

“Emocionário: Diga o que você sente”, de Cristina Núñez Pereira e Rafael R. Valcárcel, pela Editora Sextante, foram trabalhadas as seguintes emoções: amor, ódio, raiva, tristeza, alegria entre outras. Para cada temática, enviamos às famílias vídeos, leituras com as emoções a serem abordadas com os filhos. O intuito é instruir e acolher as famílias emocionalmente.

Dos dados coletados até o momento, selecionamos 4 famílias para expor no artigo e alguns trechos de conversas dos pais sobre o questionário enviado, perguntando como as crianças têm reagido e lidado com a questão da pandemia do Covid-19. Será feita transcrição das falas em áudio e de conversas. Em ambiente virtual (Whatsapp) do questionário enviado, as 5 famílias relataram que os filhos estão agitados, estressados, ansiosos e sentem falta da escola.

Relato das famílias

Família A: “A está bem agitada e ansiosa, ela gosta muito de ser superior e dar broncas...”

Família B: “Olha não está sendo fácil. Ela não está se interessando. Eu começo a ler entrar no mundo imaginário. Mas ela dispersa muito rápido e diz que ela quer ir a escolinha. ela está muito agitada tem dias que fica nervosa. Impaciente. Quer rever tia Isadora tia Poliana e suas amigas”.

Família C: “Em relação a C tem horas que é uma briga de ego muito grande, por exemplo, ela quer colo, né, e eu sei lá, eu já tô uns 5 passo pra frente e ela fala quero colo, né, a vem aqui que eu te pego no colo e ela não vem, vem aqui você, e a gente fica, isso eu vejo várias vezes acontecendo isso com ela... Tá muito difícil fazer as atividades com C, na verdade não to conseguindo cumprir a rotina que vocês mandam...mas tanto eu quanto a mãe delas a gente optou por não tentar....o que a gente tem feito é incentivado ela demais assim nas coisas que a gente faz, ela me ajuda a fazer comida, a lavar louça, cuidar do coelhinho...”

Família D: “O D anda bem estressado, joga muitos brinquedos no chão e chora e faz arte...”

Segundo os relatos das famílias, a pesquisadora enviava semanalmente formas de como as famílias poderiam dialogar com os filhos, dizendo as famílias para nomearem as emoções, dizendo: “Filho, eu sei que está triste, bravo, ansioso, mas logo tudo isto vai passar e você vai rever seus amigos, a escola, as professoras.”

Em questão das atividades como meio de instrução aos pais, segundo a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) reforça que é preciso no desenvolvimento infantil explorar aspectos da vivência sociocultural, natureza tátil, estimular a interação entre alunos e professores visando colocar a criança frente a diferenças sociais, regras cotidianas, um conjunto de práticas que estimulem o todo da criança como cognição motora, paladar, aspectos culturais, entre tantos pontos que só podem ser ensinados através da tríade mediativa família-escola-aluno.

Com a pandemia do Covid-19 indagamos, será que o ensino infantil funcionaria pelo método on-line? Muitas escolas por conta da pandemia adotaram esse método, porém, observando os pontos da BNCC além de visar a criança como um ser em desenvolvimento que precisa ter contato para seu completo desenvolvimento, vemos que o meio on-line não cabe à educação infantil. Por isso, como citado, optamos pelo envio de atividades aos pais pelo ambiente virtual (Whatsapp), como sugestões e não como obrigatoriedade, de como dar continuidade ao desenvolvimento emocional e intelectual de seus filhos.

A interação social necessita se fazer presente na vida da criança, pois é nela que se constrói nossa formação. A mediação da linguagem tem o poder de transformar e desenvolver conhecimentos que, sem a interação, não se torna possível. É na e pela linguagem e interação que nos formamos como seres pensantes. É pela linguagem que se desenvolve o pensamento, a emoção.

Pelas Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Infantil (DCNEI, Resolução CNE/CEB nº 5/2009), em seu Artigo 4º, a criança é:

sujeito histórico e de direitos, que, nas interações, relações e práticas cotidianas que vivencia, constrói sua identidade pessoal e coletiva, brinca, imagina, fantasia, deseja, aprende, observa, experimenta, narra, questiona e constrói sentidos sobre a natureza e a sociedade, produzindo cultura (BRASIL, 2009).

Devido a mudança drástica e atípica na vida de todos, a criança sente, através do meio que vive emoções como ansiedade, medo, agitação e reflete estes sentimentos. Alguns pais relataram que os filhos estão os enfrentando, jogam brinquedos no chão, choram, desobedecem. Esses sentimentos e emoções precisam ser nomeados pelos pais, pois segundo Daniel Siegel e Tina Bryson (2015), o neocórtex, responsável pelo planejamento, reflexão, pensamento lógico, ainda está em formação na criança. Até os 4 anos os dois hemisférios do cérebro da criança não trabalham de forma conjunta. O lado esquerdo é responsável pelo pensamento lógico, linguagem, reflexão e o direito é responsável pelo emocional e não-verbal. Nas crianças, o lado direito é dominante e, por isso, reagem através de suas emoções frente a determinados contextos.

As crianças não têm desenvolvido por completo o lado esquerdo do cérebro, assim possuem dificuldades para expressarem suas emoções através da linguagem, vivem no presente e por isso são imediatistas e querem tudo no agora. Isso explica por que choram querendo brincar até tarde, não querem dormir ou simplesmente não querem sair do banho. Dessa forma, quando a criança estiver chorando, gritando, cabe a nós, adultos, ajudá-la a entender seus sentimentos, traduzindo em palavras, nomeando as emoções que ela não consegue descrever, pois seu hemisfério esquerdo do cérebro não está no comando.

Dizer frases como: “Eu sei que está triste porque teve que ir embora do parque. Eu sei que está chateado, mas o que podemos fazer para ficar divertido de novo? Eu sei que está bravo...” isso vai contribuir para o desenvolvimento do hemisfério esquerdo, responsável pela reflexão, raciocínio, e a criança aos poucos vai compreendendo suas emoções e conseguindo expressá-las por meio das palavras.

Ainda segundo Daniel Siegel e Tina Bryson (2016), quando compreendemos que o cérebro das crianças está em processo de mudança e desenvolvimento, somos capazes de entender o estágio de desenvolvimento que elas estão e o que são capazes de fazer, podemos nos colocar em posição de melhor de ouvinte, sendo mais compreensivos, compassivos e amorosos os desafios e dificuldades emocionais e comportamentais que os pequenos e pequenas estão tendo, porque, simplesmente, faz parte do processo.

Vygotsky (1994/2004) revela que a consciência se (trans)forma pela mediação da palavra e seu significado. Por meio da palavra e seu conceito é que se estrutura a consciência e suas emoções. Pelo diálogo, cultura e história que se constroem e se despertam as emoções. É pelo uso da palavra, motivo de sua escolha que as emoções surgem e se afloram.

A palavra tem a função de autorregular nossos comportamentos e ações sobre o mundo, por isto a extrema importância de se trabalhar as emoções e nomeá-las na infância. Familiares e professores atuam como mediadores da linguagem a fim de dar subsídios linguísticos que as crianças ainda não possuem para conseguirem expressar da melhor forma suas emoções.

Assim, destacamos a importância de professores, pais, dialogarem com seus filhos sobre as emoções e nomeá-las para que seus filhos possam compreender o que sentem. Ajudar as crianças a compreenderem e desenvolverem suas emoções através das palavras faz com que ela, em sua vida adulta, consiga lidar melhor com suas frustrações, angústias e medos, desenvolvendo uma inteligência emocional mais elaborada.

Conclusão e desfecho

Tendo em vista que o processo de interação e mediação da linguagem entre professor, família e criança é fundamental para a construção do desenvolvimento emocional na infância vemos a extrema importância para ser colocado em vigor no ensino da Educação Infantil um conteúdo voltado ao ensino das emoções. A função de nomear uma emoção e explicar à criança o que ela

está sentindo, dá a ela recursos para conseguir organizar e regular sua forma de agir no mundo. Com a pandemia da Covid-19, dar subsídios aos professores de como instruir os pais a darem continuidade no desenvolvimento emocional e intelectual da criança via ambiente virtual, Whatsapp. Com o auxílio dos pais, familiares, trabalhando em conjunto com a escola, as crianças crescerão mais fortes e vão conseguir lidar com frustrações, medos entre tantos outros enfrentamentos da vida da melhor forma. Com os resultados obtidos, busca-se contribuir com a grande área de processos de ensino infantil com auxílio do ambiente virtual e aprendizado da Língua Materna, Educação e Psicologia.

REFERÊNCIAS

- BAKHTIN, M (V.N. Volochinov) *Marxismo e filosofia da linguagem*. Tradução de Michel Lauch e Iara Frateschi Vieira. 6.ed. São Paulo: Editora Huritec 1992.
- BORTONI-RICARDO, S. M. *O professor pesquisador: introdução à pesquisa qualitativa*. 2. ed. São Paulo: Parábola, 2011.
- BRASIL, MEC. Secretaria de Educação Básica. *Diretrizes Curriculares Nacionais para Educação Infantil*. Brasília: MEC, 2010. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=15548-d-c-n-educacao-basica-nova-pdf&Itemid=30192. Acesso em: 13 mai. 2020
- BRASIL, MEC. *Base Nacional Comum Curricular*. Brasília: MEC, 2017. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/abase/>. Acesso em: 13 mai. 2020.
- FLEER, M., HAMMER, M. Emotions in imaginative situations: The valued place of fairy tales for support in emotion regulation. *Mind, Culture, and Activity*, 20(3), 240- 259, 2013
- LURIA, A. *El Cerebro em Acción*. Barcelona: Fontanella, 1976.
- MAGIOLINO, L. L. S. (2010). *Emoções humanas e significação numa perspectiva histórico-cultural do desenvolvimento humano: Um estudo teórico da obra de Vigotski*. Tese de

Doutorado, Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP.

UNICEF. Como falar com suas crianças sobre o novo coronavírus (Covid-19). 2020. Disponível em: <https://www.unicef.org/brazil/como-falar-com-criancas-sobre-coronavirus>. Acesso em: 12 mai. 2020.

UNICEF. Coronavírus: como ajudar crianças a lidarem com o estresse?. 2020. Disponível em: <https://www.unicef.org/brazil/historias/coronav%C3%ADrus-como-ajudar-criancas-lidarem-com-o-estresse>. Acesso em: 12 mai. 2020.

UNICEF. Seis formas de apoiar crianças e adolescentes durante o surto de coronavírus /Covid-19. 2020. Disponível em: <https://www.unicef.org/brazil/historias/seis-formas-de-apoiar-criancas-e-adolescentes-durante-o-surto-de-coronavirus>. Acesso em: 12 mai. 2020.

Acesso em: 12 mai. 2020.

SIEGEL, Daniel J; BRYSON, Tina P. **Disciplina sem drama:** guia prático para ajudar na educação, desenvolvimento e comportamento dos seus filhos. 1. ed. São Paulo: NVersos, 2016. 288 p. ISBN 978-85-8444-158-7.

SIEGEL, Daniel J; BRYSON, Tina P. **O Cérebro da Criança:** 12 estratégias para nutrir a mente em desenvolvimento do seu filho e ajudar sua família a prosperar. 1. ed. São Paulo: nVersos, 2015. 237 p. ISBN 978-85-8444-073-3.

VIGOTSKY, L. Teoría de las emociones: Estudio histórico-psicológico. Madrid: Akal Universitaria, 1931-33/2004

Capítulo 3

A Língua Brasileira de Sinais - Libras no Desenvolvimento da Língua e da Linguagem para expressar Emoções e Sentimentos

Diany A. Lee
Poliana Bruno Zuin

A Educação Infantil

A Educação Infantil trilhou um caminho de lutas para vencer o caráter assistencialista ao longo da história da Educação no Brasil até ser incluída na Constituição Federal de 1988 como parte integrante do sistema educacional básico a ser oferecido de forma gratuita pelo governo. Está amparada também pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional nº 9.394/1996, tendo a criança direito ao acesso à escola:

Art. 4º - O dever do Estado com educação escolar pública será efetivado mediante a garantia de [...] Seção IV - atendimento gratuito em creches e pré-escolas às crianças de zero a seis anos de idade.

Conforme consta no documento e na escola que a criança irá se desenvolver plenamente, tal como descrito no Art.29, Seção II, Da Educação Infantil: “[...] em seus aspectos físico, psicológico, intelectual e social, complementando a ação da família e da comunidade” da mesma Lei e também na Lei nº 12.796, de 4 de abril de 2013, Art.6: “É dever dos pais ou responsáveis efetuar a matrícula das crianças na educação básica a partir dos 4 anos de idade”.

Ainda que essas leis as amparem assegurando o seus direitos, as instituições de ensino infantil possuem ainda o seu próprio regimento, seu próprio Plano Político Pedagógico, seu foco e conteúdos norteados e amparados no Referencial Curricular

Nacional para a Educação Infantil – RCNEI um guia que aponta metas de qualidade a serem alcançadas nos âmbito de Formação Pessoal e Social e Conhecimento de Mundo contemplando os eixos de trabalho: Identidade e Autonomia e Movimento, Música, Artes Visuais, Linguagem Oral e Escrita, Natureza e Sociedade e Matemática. Este documento representou um avanço para a época na qual foi publicado e era mais voltado como uma orientação dos conteúdos e objetivos de aprendizagem e não tinham a criança e sua identidade como foco principal. À legitimação da Educação Infantil devem ser acrescidas ainda as orientações das Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Infantil – DCNEI, que ao colocar a criança como protagonista do processo educacional mostra a importância da interação e das atividades lúdicas como ferramentas para desenvolver os conteúdos propostos no RCNEI. A RCNEI já mostram um avanço na direção de colocar a criança em foco reforçando a importância do acesso ao conhecimento cultural e científico, assim como o contato com a natureza, preservando o modo que a criança se situa no mundo; nos traz também o foco nas interações e na brincadeira como eixos estruturantes do currículo, além de considerar os princípios éticos, políticos e estéticos que deveriam nortear a produção do conhecimento nas escolas infantis, estabelecendo um marco conceitual da relação entre o cuidar e o educar.

A partir de 2017 a Base Nacional Comum Curricular – BNCC reforça a visão da criança como protagonista em todos os contextos de que faz parte: ela não apenas interage, mas cria e modifica a cultura e a sociedade; o documento ainda liga diversas áreas de conhecimento e as diferentes linguagens são integradas por meio dos cinco Campos de Experiência (o eu, o outro e o nós; corpo, gestos e movimento; traços, sons, cores e formas; escuta, fala, pensamento e imaginação; espaço, tempo, quantidades, relações e transformações) que passam a substituir os eixos contidos no RCNEI como norte para o conteúdo ensinado, além de instituir Seis Direitos do Aprendizado (conviver, brincar, participar, explorar, expressar e conhecer-se), ou seja, por meio deste último e mais recente documento, a criança é definida como centro do processo de aprendizado,

parte-se do pressuposto de que a criança aprende por meio das experiências vividas no contexto escolar. Para ilustrar um pouco sobre nossa opinião sobre a experiência, Larrosa (2016, p.25) nos convida a pensar:

A experiência, a possibilidade de que algo nos aconteça ou nos toque, requer um gesto de interrupção, um gesto que é quase impossível nos tempos que correm: requer parar para pensar, parar para olhar, parar para escutar, pensar mais devagar, olhar mais devagar, e escutar mais devagar; parar para sentir, sentir mais devagar, demorar-se nos detalhes, suspender a opinião, suspender o juízo, suspender a vontade, suspender automatismo da ação, cultivar a atenção e a delicadeza, abrir os olhos e os ouvidos, falar sobre o que nos acontece, aprender a lentidão, escutar aos outros, cultivar a arte do encontro, calar muito, ter paciência e dar-se tempo e espaço.

Ao citarmos o RCNEI nos deparamos com termos como conteúdo e disciplina, este termo se refere a um conjunto de normas de conduta estabelecidas para manter a ordem e um desenvolvimento normal de determinadas atividades; outro significado para o termo consiste em ordem conveniente a um funcionamento regular, submissão, subordinação a regulamento superior – manter a disciplina equivale, nesta acepção, a seguir o regulamento, adequar-se a uma hierarquia; outro significado para disciplina é a de matéria escolar; também é possível entender disciplina como um tipo de saber específico, com objeto determinado, conhecimentos e saberes relativos a este objeto e métodos próprios (LOPES, 2012 apud PROUST, 1993). Em nosso contexto, da Libras na Educação Infantil para expressão dos sentimentos e emoções, não objetivamos a obrigatoriedade nem a ordem regular e cronológica de atividades e momentos em Libras nesta etapa escolar, tanto quando estas aconteciam dentro da escola de forma presencial, bem como as propostas enviadas para serem realizadas em casa com as famílias.

Em meio ao cenário da pandemia da COVID-19 os órgãos mundiais de saúde recomendam o isolamento e distanciamento social para prevenção da propagação do vírus e proteção de todos. Mesmo vivendo essa situação há a preocupação com o

processo de ensino-aprendizagem, entendemos que este deve acompanhar o desenvolvimento natural da criança, evitando habilidades e conteúdos que estão distantes do mundo infantil levando em consideração seus interesses e realidade sociocultural, de forma gradual e não linear e/ou fragmentada em conteúdos e disciplinas. É importante que o corpo escolar, o docente, o currículo e o planejamento das atividades sejam voltados para atender as reais necessidades do menor, numa perspectiva individual e ao mesmo tempo abrangendo-se ao coletivo, promovendo o desenvolvimento da criança como ser social, pois à medida que esta se desenvolve e cresce sua capacidade de assimilação e aprendizado que a acompanharão por todas as futuras etapas escolares e além dela, em seu convívio com aqueles que a cercam e a constituem como ser social dentro da sociedade por meio de interações com o outro e com o mundo. Cabe assim ressaltar que para garantir diferentes experiências às crianças pequenas, se parte do entendimento de que as ações no contexto educativo infantil devem considerar as orientações de todos os documentos oficiais brasileiros, principalmente os mais recentes e, atendendo à tal, desenvolver momentos com a e em Libras aparece como proposta metodológica a compor e contribuir com este desenvolvimento.

A Língua Brasileira de Sinais – Libras

A Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002, de reconhecimento da Libras é de “língua como instrumento de comunicação” é, preferencial e majoritariamente, a primeira língua do surdo, conforme decreto nº 5.626/2005 que regulamenta a Lei acima referida:

Parágrafo único. Entende-se como Língua Brasileira de Sinais - Libras a forma de comunicação e expressão, em que o sistema linguístico de natureza visual-motora, com estrutura gramatical própria, constituem um sistema linguístico de transmissão de ideias e fatos, oriundos de comunidades de pessoas surdas do Brasil. (BRASIL, 2002).

Atualmente a Libras é composta por cinco parâmetros aqui destacados:

Configuração de mão (CM): são as formas que as mãos assumem na produção dos sinais;

Ponto de Articulação (PA) ou Localização (L): é o lugar do corpo ou do espaço em que é realizado o sinal: tronco, cabeça, mão e espaço neutro.

Movimento (M): é indissociável do espaço, unidirecional, bidirecional, de contorno ou forma geométrica; interação; contato, torcedura, dobramento e interno das mãos, retilíneo, helicoidal, circular, semicircular, sinuoso, angular.

Orientação das mãos (O): é a direção para a qual a palma da mão aponta na produção do sinal: para cima, para baixo, para o corpo, para frente, para a direita ou para a esquerda.

As expressões não-manuais (ENM) tal como a expressão facial ou o movimento do corpo, envolvem movimento da face, dos olhos, da cabeça e do tronco. A expressão facial e a corporal podem traduzir alegria, tristeza, raiva, amor, encantamento etc., dando mais sentido à Libras e, em alguns casos, determinando o significado de um sinal. Assim, as expressões faciais são essenciais para determinar o tipo de frase (afirmativas, exclamativas, interrogativas e negativas); como não existe entonação (ou modulação) em Libras, que é o que especifica as diferenças entre frases, assim como a Língua Portuguesa que indica o tipo de frase conforme variação na entonação da voz.

Esta última é de grande importância para expressão dos sentimentos, pois indicam a intensidade do que se expressa, quanto mais expressões não-manuais envolvidas no sinal, maior seu grau de riqueza e completude do sinal em Libras.

Há inexistência, até o momento, de parâmetros oficiais que possam oferecer diretrizes específicas para a condução do ensino da Língua de Sinais na Educação Infantil. Entretanto com amparo nos três documentos oficiais: Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil (RCNEI), Diretrizes Curriculares Nacionais para Educação Infantil (DCNEI) e principalmente a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) temos orientações para estruturar um trabalho com este tema, bem como delinear objetivos, tópicos a serem desenvolvidos,

orientações didáticas e formas de avaliação para a aquisição da língua e da linguagem tanto da língua materna quanto segunda língua, respeitando o estilo pedagógico e a diversidade e inclusão cultural brasileira.

No entanto, vale ressaltar que para o aprendizado de línguas na Educação Infantil, a maneira como o professor conduz o aluno para aquisição da língua e da linguagem é de extrema importância e se torna determinante no processo avaliativo tendo em vista que ao corrigir a criança afetará seu filtro afetivo e a sua vontade de se comunicar.

Língua, Linguagem, Emoções e Sentimentos

Nos capítulos da Professora Poliana Bruno Zuin e Amarílio Ferreira Júnior no Capítulo: “Educação Infantil: rupturas e acolhimento de famílias e crianças por meio da tecnologia em tempos de Covid-19” e: “Facilidades e dificuldades das e nas interações e parcerias entre professores e família em isolamento social” das autoras Diany A. Lee e Isadora P. Mariotto, sob orientação da Professora Poliana, estão descritos o contexto histórico, cultural e cotidiano (anterior e atual) de nossa prática, bem como apresenta o cenário em que desenvolvíamos e desenvolvemos as atividades e propostas. Mais especificamente a prática pedagógica de momentos em Libras na Educação Infantil com propostas de acolhimento às famílias está pautada nas contribuições dos estudos do educador brasileiro Paulo Freire, o psicólogo Lev Semyonovich Vygotsky, proponente da Teoria Histórico-Cultural e a teoria de Mikhail Mikhailovich Bakhtin, um filósofo e pensador russo pesquisador da linguagem humana.

Para Paulo Freire (1996) o diálogo, a conversa, são momentos em que os sujeitos podem expressar suas necessidades físicas, emocionais e intelectuais e, para ele, o papel das crianças dentro desse contexto dialógico deve ser assumido com seriedade e com o respeito na construção de cada ser, dentro e a partir do seu contexto, viabilizando a autonomia e o momento de cada uma delas, na interação com e entre elas: “O respeito à autonomia e à dignidade de cada um é um imperativo ético e não

um favor que podemos ou não conceder uns aos outros.” (FREIRE, 1996, p. 58). Freire (1996) defende esta pedagogia com o outro, tendo em vista o processo de humanização e da educação como prática da liberdade, o qual contribui para que o ser humano veja-se na sua real vocação que é transformar sua realidade e o mundo. Vygotsky (1997) ao referendar sobre a linguagem e a comunicação, nos mostra que essas têm papéis decisivos na formação dos processos mentais. Vale ressaltar que a principal trajetória do desenvolvimento psicológico da criança é um processo que se origina nas relações sociais, interpessoais e se transforma em individual e intrapessoal. O autor nos traz que, para as crianças, o desenvolvimento da linguagem e suas estruturas têm origens sociais externas, nas trocas comunicativas entre criança e adulto e dependem de reações de incentivo e de reconhecimento. Por meio da aquisição e domínio da língua/linguagem é que a criança entra em contato com o meio que a rodeia, sendo capaz de interagir com este e transformá-lo; a Língua não é apenas um instrumento de comunicação, mas também um símbolo de identidade. No que diz respeito à aquisição da língua, a criança aprende conceitos espontâneos de sua experiência diária e a escola não poderia de deixar de fazer parte deste processo.

Bakhtin (1992[1929]) em sua abordagem enunciativo-discursiva busca compreender as relações constitutivas da/na língua, para ele a língua é um sistema semiótico criado e produzido, que serve como elo entre as características singulares do indivíduo e suas ideologias, bem como seus valores sociais, onde os signos agem como mediadores desta relação. Ao entrar em contato com o mundo e com os outros através das interações sociais, a criança adquire experiências e vivências que farão parte da sua história, é papel do professor mediar esse conhecimento. Ao falarmos a respeito de Língua e Linguagem, consideramos a utilização da norma culta da Língua nativa vigente – Língua Portuguesa –, pelo professor.

Nas palavras de Bakhtin (1920-1930/2000a) as relações estabelecidas na comunicação humana só são possíveis através de uma relação com o outro e, é chamada de relação eu-outro(s) e “determina o regresso a nós mesmos, retorno não coincidente

com a forma como me represento e como recebo o olhar do outro”, para este autor essa relação com o outro nos torna um pouco mais conscientes de quem somos, pois não o somos sem o outro e, esta relação nos constitui para a vida e para vivermos com o outro (BAKHTIN, 2000b, p. 70-75). A partir do momento em que os envolvidos se constituem através das interações comunicativas, eles também se alteram e são por elas constituídas, isto é a alteridade (BAKHTIN, 2000b, p.150).

Dessa forma, entendemos que a construção das subjetividades (representação e expressão do pensamento, de ideias e sentimentos) depende das relações estabelecidas e situações vividas e experienciadas por cada um em diferentes contextos e práticas sociais, bem como em maior variedade possível delas, o que favorece e facilita a aquisição de um segundo idioma.

Sobre o ensino de uma segunda língua para as crianças na Educação Infantil, essa concepção propicia a organização de uma educação que oferece ao aluno, vivência com maior variedade possível de situações de interação comunicativa, diversos tipos de textos inscritos em gêneros discursivos e produção de enunciados ligados às várias situações de enunciação (BAKHTIN, 1992[1929], p. 17). Entendemos que as vivências não se dão somente através das interações comunicativas orais, mas também as que envolvem as demais linguagens e sentidos: auditiva, visual, tátil, gráfica e corporal como um todo.

Ao pensarmos no ensino da Libras no contexto da Educação Infantil nos referimos ao Método denominado Natural, criado nos anos 1980 pelo linguista americano Stephen Krashen, que trouxe ao ensino de línguas uma abordagem psicológica com contribuições de Vygotsky sobre a da psicologia educacional (Zona de Desenvolvimento Proximal), o autor acredita que os aprendizes de língua devem construir seu conhecimento através de processamento de enunciados de linguagem ligeiramente além de suas habilidades, propondo um ensino lúdico, com base numa comunicação criativa e do estreitamento das relações com a criação do vínculo afetivo entre professor e alunos.

Tendo em vista que nenhum método é exatamente uma receita que sirva a todo e qualquer contexto educacional, a partir dessas hipóteses da teoria de Krashen (1983) é possível dar subsídios ao professor, levando-o a nortear seu trabalho, de forma a conduzir a aquisição de conhecimento pelas crianças de forma natural, redirecionando-os e aconselhando-os sempre que necessário e fazendo com que as crianças se sintam parte de um grupo e à vontade para aprender, criando um ambiente positivo para a aquisição da língua de forma natural, sem pressão ou cobrança desnecessária, dessa forma é inevitável o interesse por parte da criança em arriscar novas palavras, deduzindo-as a partir da observação do professor e das brincadeiras desenvolvidas para estimular essa interação, deixando a criança num ambiente confortável e seguro para aprender mais e adquirindo cada vez mais insumo. Neste método o que se avalia é o processo e não o produto, tal qual como visamos e propomos para/nos momentos em Libras.

Os Sentimentos e a Libras

Para Smirnov (1969), a maneira de reagir do homem frente às situações, aos acontecimentos e às pessoas são definidas por emoções e sentimentos, sendo ambos sociais, históricos e determinados por relações sociais entre homens, por classes sociais e por exigências sociais. Entretanto, destaca algumas diferenças, a primeira corresponde mais à satisfação de necessidades orgânicas, relacionadas com as sensações, enquanto a segunda corresponde às necessidades culturais e espirituais, as quais apareceram durante o desenvolvimento histórico do sujeito na sociedade. Os sentimentos dependem das condições de vida do homem, de suas relações e necessidades, porém o caráter social não é exclusivo deles, pois o autor considera que as emoções, ainda que mais associadas a fenômenos orgânicos, são sempre e inevitavelmente reações de um ser social, ligadas às exigências sociais de cada período histórico da humanidade. Para ele, a necessidade de Vygotsky de abordar a temática das emoções surge a partir de seus estudos sobre o pensamento e a linguagem, visto que as concepções de linguagem e emoção estão

diretamente relacionadas ao significado que acompanha cada palavra, atrelada ainda há um tempo e espaço na história da humanidade.

As emoções e os sentimentos se desenvolvem e se modificam, são constitutivos da personalidade do sujeito e permeados por vivências e pela história, seja a própria ou a coletiva. O homem deveria ser educado para os sentimentos, no sentido de desenvolver um posicionamento ante a realidade e construir novas formas de agir nela, novos sentimentos e uma nova moral: a moral do homem soviético, o sentimento da coletividade e a valorização do trabalho, concordando assim com a Teoria Histórico-Cultural de Vygotsky, que nos traz que o homem age na realidade e também reage a ela (MACHADO; FACCI; BARROCO, 2011, p. 5). Para Vygotsky, principal teórico desta corrente, a historicidade é também uma das qualidades das funções superiores da emoção e do sentimento. Além disso, a historicidade pressupõe o desenvolvimento emocional, uma vez que a história caminha com o desenvolvimento da humanidade e, com isso, modificam-se os significados e sentidos dos sentimentos e das emoções.

Zavialoff (1998) esclarece o papel da linguagem como organizadora de emoções e meio para expressá-las, como conectora dos planos fisiológico e psicológico. Desta forma, entendemos que todas as emoções são constitutivas dos seres humanos e de suas relações e interações; sem elas, não teríamos evoluído.

As crianças, como sujeitos ativos na sociedade lidam diariamente com muitas emoções e sentimentos, elas sentem raiva, alegria, tristeza, frustração e reagem a esses sentimentos de diversas maneiras seja através da euforia, grito, choro, sorriso e, às vezes, o fazem de maneira inapropriada. Diante deste contexto, há a necessidade de saber identificar, reconhecer, entender, compreender e comunicar as emoções e este processo é bastante importante na Educação Infantil. Podemos refletir o quanto é importante um trabalho socioemocional para o processo de desenvolvimento cognitivo e das funções superiores das crianças, pois as emoções interferem na vida delas, mas, quando devidamente reconhecidas e nomeadas, além de

percebidas entre e por elas mesmas e pelos adultos, as auxiliam nas relações interpessoais e também consigo mesmas de maneira menos conflituosa.

Podemos dizer ainda que a educação emocional infantil significa falar abertamente com os pequenos sobre suas emoções, mostrar-lhes o que elas representam e ensinar-lhes a lidar com cada uma delas de forma assertiva, ou seja, incentivando o desenvolvimento de sua inteligência emocional. Para isso, aparece como proposta metodológica momentos com a Libras em uma roda de conversa. A roda de conversa possibilita ampliar as percepções que as crianças têm sobre si, sobre o outro e sobre tudo que as rodeia; o diálogo proporcionado neste momento pressupõe um exercício de fala e escuta em que as crianças assumem papel ativo na comunicação, na partilha de informações, histórias, pensamentos e opiniões entre os participantes, é um momento de constituição de sujeitos (DE ANGELO, 2011, p. 60).

Trabalhar com sentimentos é possibilitar sua manifestação, favorecer uma tomada de consciência de si mesmo, de suas intolerâncias, alegrias, mágoas, desejos etc., buscando identificá-los, bem como ter a possibilidade de aprender a lidar com eles.

Através da Libras e dos sinais de sentimentos e emoções nesta língua, as crianças tem a oportunidade de além de expressar-se oralmente em sua língua materna, aprender um segundo idioma e aprimorar a linguagem corporal através da comunicação visual, gestual, tátil, corpórea e extra-sensoriais além de um facilitador à aquisição da língua materna e exercício para: a coordenação motora, direcionalidade, localização corpórea-espacial e geo-espacial, sendo estes, parâmetros e componentes estruturais linguísticos da língua de sinais. Através das expressões não manuais, as crianças, ao sinalizarem os sentimentos, percebem-se e imitam em sua face e postura corporal, modelos já vistos anteriormente conforme sua experiência; estes modelos podem ser delas mesmas e/ou pessoas que a cercam e foram observadas por elas. Por exemplo, para o sinal de triste, é comum que estas, façam bico com o lábio inferior e inclinem suas cabeças em direção ao peito; para o sinal de feliz, o sorriso é grande e a palavra oralizada é pronunciada

com força e entusiasmo, os movimentos do sinal se tornam mais abertos e expansivos.

Existem muitos livros infantis e também músicas próprias à faixa etária que auxiliam os pequenos no autoconhecimento e no reconhecimento e legitimação de seus sentimentos. Estas atividades e momentos no âmbito escolar ajudam em seu autoconhecimento; a lidarem melhor com frustrações e com os “nãos” dos pais e adultos; a ter mais empatia em suas relações interpessoais e se ver com o outro e através dele, pois conseguem identificar com mais facilidade os sentimentos do outro e colocar-se em seu lugar e, especialmente, o autoconhecimento sobre suas emoções e sentimentos proporciona maior autocontrole emocional à criança em seu desenvolvimento; o que evita atitudes e ações exageradas e não correspondente às emoções.

Os Sentimentos das Famílias

Semanalmente, às terças-feiras, enviamos 3 (três) vídeos, os dois primeiros de 30 segundos e o terceiro de 1 minuto a 1 minuto e meio; o primeiro é um “oi” para as crianças suas famílias, o segundo cantamos (oralmente em Libras) a canção da Boa Tarde:

“Uma boa tarde começa com alegria
Uma boa tarde começa com amor
O sol a brilhar, as aves a cantar
Boa Tarde! Boa Tarde! Boa Tarde!”

No terceiro apresentamos alguns sinais em Libras: comidas, frutas, cumprimentos, sentimentos, tempo. Ao final dos últimos vídeos, as questionamos sobre seus gostos buscando incentivar que as crianças se expressem e digam suas preferências e se expressem: o que gostam, o que não gostam.



Imagem 1: Sinais em Libras dos sentimentos feito pela professora de Libras.
 Fonte: acervo da autora.

Através das expressões não manuais, mais especificamente as expressões faciais, observamos pelos vídeos enviados o rosto e postura corporal que as crianças expressam, naturalmente e sem esforço algum, conforto ou vergonha na frente da câmera e também quando e se gostam ou não de algo. Esta parceria com os pais no envio dos vídeos de seus momentos com as crianças em casa é bastante valiosa, como professora, ainda há a saudade de cada uma delas e também da presencialidade, pois de alguma forma podemos vê-los e acompanhá-los em suas atividades, desenvolvimento e dia a dia.

Convidamos os pais que participam do projeto a responder um questionário semi-estruturado com questões como: “Vocês (famílias) estão gostando de aprender Libras com seus filhos?”, “De forma geral, qual sua opinião sobre o ensino da Libras na Educação Infantil?”, “Qual sua opinião sobre as atividades em Libras propostas durante o período de isolamento social?”, entre outras. Tal questionário buscou ouvir a voz dos pais sobre essas propostas de acolhimento dos vídeos em Libras, sejam as

facilidades, dificuldades e também pontos a serem aprimorados nesta prática para que as atividades proporcionem um melhor acolhimento aos pais e também momentos em família.

Ressaltamos que as atividades podiam ser feitas em casa a qualquer época e/ou período do dia, da semana e do mês, apenas propusemos ideias de atividades para os pais realizarem com seus filhos, desta forma não possuíam caráter obrigatório como uma tarefa a ser realizado dentro de um prazo determinado e entregue, nem para os pais e sequer às crianças.

Sobre as atividades em Libras alguns pais ressaltaram a importância da inclusão por parte dos ouvintes com os surdos e que seu filho poderá, de alguma forma e mesmo que inicialmente, proporcioná-la quando tiver algum amigo assim na escola em próximos anos escolares ou em outros ambientes, além de ressaltarem a importância das crianças entenderem as diferenças e, as atividades em Libras, a língua dos surdos sendo apresentada a crianças ouvintes, visa valorizá-las desde a mais tenra idade. Há preocupação dos pais em apresentar outras formas de comunicação e também de situações cotidianas diferentes às crianças além de sua própria realidade e de seu mundo:

Ainda, não conhecemos as diversidades que temos que enfrentar, gosto de expor situações para meus filhos que lhe dê alternativa de escolha para os próximos desafios, sejam de trabalho, convivência ou escolar. (Família 1)

Porque é importante as crianças saberem que existe outra maneira de se comunicar. (Família 2)

Dentre alguma das falas trazidas pelos pais sobre os vídeos enviados é que parte das crianças o interesse em assistir os vídeos, às vezes apenas para assistir o sinal ou a música e às vezes elas reproduzem os sinais:

Achei bem proveitoso para a idade deles e tem tido resultado, pois o interesse em fazer partiu dele depois de assistir o vídeo. E minha filha com 3 anos também entendeu. (Família 1)

Os vídeos têm essa finalidade, ou seja, a não obrigatoriedade da reprodução dos sinais pela criança e também a da não obrigatoriedade de gravação dos pais para envio a nós e demais colegas do grupo, pois entendemos que mesmo que tenhamos a mediação intencional com finalidade pedagógica, a criança deve sentir-se a vontade para fazer os sinais. Há de se ressaltar que os vídeos são propostas de atividades que os pais podem realizar em casa com seus filhos para proporcionar momentos em família, ou seja, não buscamos transferir aos pais a responsabilidade da mediação com seus filhos ou deixar-lhes esta tarefa. Apesar de não recebermos muitos registros em vídeo das crianças fazendo os sinais, os pais nos contam que as crianças fazem os sinais em momentos do dia a dia como quando estão assistindo televisão, ou em conversas sobre o tempo e para expressar suas comidas favoritas e até mesmo em brincadeiras com o animal de estimação e entre os amiguinhos e não necessariamente na hora que assistem ao vídeo ou quando são perguntados pelos pais, mas em momentos de descontração, ou seja, quando se sentem à vontade.

A fim de melhorar nossa prática e também as propostas enviadas perguntamos aos pais como tem sido essa experiência para eles e o que podemos melhorar, tanto para acolhê-los como para facilitar a realização dos sinais, seja para eles ou por dificuldades que identificou com seus filhos:

Entendo que para o público que foi feito o trabalho está muito bom. Independente do período valorizo muito o trabalho, disposição e preocupação que vcs demonstraram para executar. (Família 1)

Poderia estar integrada as demais atividades dentro do PDF da semana e tema dos animais por exemplo. (Família 3)

Minha opinião é que de certa forma não nos sentimos tão sozinhos e os vídeos são importantes para eles (as crianças) saberem que as professoras estão juntas no aprendizado. (Família 4)

Está sendo bem legal, pois podemos acompanhar e aprender junto. (Família 5)

A nossa filha não quer fazer muitas vezes... mas nós temos gostado muito e procuramos incentivar. Talvez vídeos mais lúdicos e coloridos chamassem a atenção... com figuras... não sei... (Família 6)

Por meio das falas dos pais, pretendemos continuar com as propostas de atividades, pois apesar das dificuldades encontradas pela distância e falta da presencialidade, consideramos importante que de alguma forma a Libras faça parte de momentos de descontração no cotidiano da criança, além de proporcionar momentos em família; concordamos com as falas trazidas pelos próprios pais sobre inclusão e também sobre a variedade de situações comunicacionais para o desenvolvimento desta faixa etária e também que as famílias, sintam-se de alguma forma acolhida por nós professoras mesmo à distância mantendo a relação escola-família. Sem nos desviar de nosso objetivo e referencial teórico e metodológico adaptaremos os vídeos a fim de atender à solicitação dos pais, para que a Libras ainda seja uma ferramenta de comunicação e também de expressão dos sentimentos, gostos e preferências.

Considerações Finais

Ao proporcionarmos momentos em que as crianças possam extravasar e expressar suas emoções e sentimentos e, mais profundamente, reconhecê-los em sala de aula e com suas famílias, em propostas gráficas ou verbais, por exemplo, estamos valorizando esses sentimentos e mostrando às crianças, que o que elas sentem é muito relevante e tem significado para nós que, de fato, nos importamos com elas. Além disso, crianças que têm a oportunidade de reconhecer os próprios sentimentos, compreendendo o que lhes causa alegria, tristeza, dor, admiração e tantos outros, têm condições de perceber a importância deles e de construir a ideia de que as outras pessoas também podem sentir, exercício tão importante, sobretudo àqueles que, num pensamento ainda pré-operatório, enfrentam fortes traços egocêntricos. Na Educação Infantil e, principalmente, neste momento em que a presencialidade não é possível e estamos

todos “confinados” em nossas casas, torna-se muitas vezes dificultoso nomear os sentimentos, traduzindo-os em palavras por conta do misto deles que há e se faz dentro de nós, por isso, destacamos a importância de momentos com diversas línguas e linguagens para que as crianças possam avaliar as situações realizadas e que acontecem no dia, citando as mais e menos preferidas, dando sugestões, opinando e confrontando ideias, e atualmente, cada famílias o faz em seu lar. Isso as faz sentirem-se validadas em suas escolhas e opiniões e também a se conhecer e se expressar mais livremente fortalecendo a relação e elo familiar.

Quando as crianças entendem as emoções e as comunicam de maneira assertiva e eficiente, elas podem e conseguem, ao reconhecê-las, escolher melhores estratégias para resolver problemas e lidar com todo e qualquer tipo de eventos cotidiano: negativos ou positivos, desenvolvendo, gradualmente, a percepção sobre a perspectiva do outro.

Tais aprendizados e contribuições à nossa formação e áreas de pesquisa (Linguística, Educação, Educação Infantil), apenas foram possíveis por vivermos e estarmos vivenciando tal cenário mundial, nos trazendo novas experiências e ressignificações como estudantes, professores, orientados, estreitando laços e relações com colegas de trabalho, orientador e também com as famílias. Os sentimentos precisam ser expressos por nós, independente de nossa idade e ocupação para que as relações com os que estão ao nosso redor sejam fortalecidas e consigamos melhorar nossa prática pedagógica e, conseqüentemente, a forma como acolhermos às crianças e suas famílias.

Referências

- BAKHTIN, Mikhail. (1920-1930). O autor e o herói. In: _____. **Estética da criação verbal**. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2000a.
- BAKHTIN, Mikhail. (1970-1971). Os gêneros do Discurso. In: _____. **Estética da criação verbal**. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2000b.

BAKHTIN, Mikhail. (Volochínov). **Marxismo e Filosofia da Linguagem**. São Paulo: Hucitec, 1992 (texto original de 1929).

BRASIL. Ministério da Educação. **Lei nº. 9.394**, de 20 de dezembro de 1996. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Brasília, DF: 20 de dezembro de 1996. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/L9394.htm>

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Especial. **Lei Nº. 10.436**, de 24 de abril de 2002. Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais – LIBRAS e dá outras providências. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2002/110436.htm>

Brasil. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil**/Secretaria de Educação Básica. – Brasília: MEC, SEB, 2010. Disponível em: <<http://ndi.ufsc.br/files/2012/02/Diretrizes-Curriculares-para-a-E-I.pdf>>

Brasil. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **Critérios para um atendimento em creches que respeite os direitos fundamentais das crianças** / Maria Malta Campos e Fúlvia Rosemberg. – 6.ed. Brasília: MEC, SEB, 2009. 44 p.: il. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/dmdocuments/direitosfundamentais.pdf>>

BRASIL. MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO et al. **Referencial curricular nacional para educação infantil**. MEC/SEF, 1998.

BAKHTIN, Mikhail Mikhailovich. **Estética da criação verbal**. Livraria Martins Fontes, 1992.

DE ANGELO, Adilson. **O espaço-tempo da fala na educação infantil: a roda de conversa como dispositivo pedagógico**. In: ROCHA, Eloisa Acires Candal; KRAMER, Sônia (Orgs.). Educação Infantil: enfoques em diálogo. Campinas: Papirus, 2011.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

KRASHEN, Stephen D. **Second Language Acquisition and Second Language Learning**. Oxford: Pergamon Press, 1983.

LOPES, A. **RCNEI: uma proposta integradora ou interdisciplinar?**. Portal Educação, 24 ago. 2012. Disponível em: <<https://siteantigo.portaleducacao.com.br/conteudo/>>

artigos/idiomas/rcnei-uma-proposta-integradora-ou-interdisciplinar/15012>. Acesso em: 27 mai. 2020.

MACHADO, Letícia Vier; FACCI, Marilda Gonçalves Dias; BARROCO, Sonia Mari Shima. Teoría de las emociones en Vigotski. **Psicologia em Estudo**, v. 16, n. 4, p. 647-657, 2011.

PROUST, J. **A interdisciplinaridade nas ciências cognitivas**. Revista Tempo Brasileiro, n. 113, p. 97-118, abr./jun. 1993.

Smirnov, A. A. (1969). Las emociones y los sentimientos. In A. A. Smirnov, Leontiev, A. N., Rubinshtein, S. L., Tieplov, B. M. **Psicologia** (pp. 355-381). México: Editorial Grijalbo S. A, 1969.

VYGOTSKY, Lev Semyonovich. **Pensamento e Linguagem**. (Trad.) São Paulo: Martins Fontes, 1998b.

VYGOTSKY, Lev Semyonovich. **Obras Escogidas**. Fundamentos de Defectologia. Tomo V. Edição em Língua Castellana. Madrid – España: Visor Dis, 1997.19

Zavialoff, N. Introduction. In L.S. Vigotski, **Théorie des émotions: étude historico-psychologique** (pp. 5-83). Paris: L'Harmatan, 1988.

Capítulo 4

A Língua Brasileira de Sinais (Libras), a Terapia Ocupacional e os Sentimentos nas Interações Escola-Família em tempos de Isolamento Social

Diany A. Lee
Kétlin Cristina Ferreira
Poliana Bruno Zuin

Introdução e Justificativa

Em meados de março de 2020, as atividades escolares foram suspensas em todo o Brasil conforme normas e regulamentações da Organização Mundial da Saúde e, consequentemente, do Ministério da Saúde (2020) para prevenção das pessoas ao contágio do novo coronavírus (Sars-Cov-2), também conhecido como COVID-19, o órgão brasileiro fez o anúncio com as recomendações que as autoridades e a população em geral devem adotar de agora em diante, dentre elas, destacam-se: o isolamento domiciliar e o cancelamento ou adiamento de grandes eventos; colocação de equipamentos com álcool em gel em serviços públicos e privados; aumento na frequência de limpeza de locais onde muita gente coloca as mãos corriqueiramente além de redobrar os cuidados com a higiene pessoal básica. O objetivo de tais medidas é evitar um crescimento acelerado no ritmo de casos confirmados.

A Unidade de Atendimento à Criança adotou tais medidas preventivas e ações de contenção à propagação do novo coronavírus visando reduzir exposição pessoal e interações presenciais entre a escola (professores, funcionários, estagiários) e membros da comunidade (pais, familiares, responsáveis). A unidade escolar não só se enquadrou como também adotou as medidas de suspensão de aulas, atividades curriculares e medidas de caráter temporário visando reduzir exposição pessoal e interações presenciais entre membros da comunidade UFSCar e externa conforme as Portarias da Instituição de Nível superior à qual faz

parte e demais decretos federais e governamentais; estas Portarias discorrem sobre a situação de emergência em saúde pública devido à propagação da COVID-19 e que a classificação da situação mundial deste vírus como pandemia significa o risco potencial de a doença infecciosa atingir a população mundial de forma simultânea. Tais recomendações tem reconhecimento por parte do Governo do Estado de São Paulo em decorrência dos primeiros casos de contaminação comunitária no estado, o qual motivou a determinação para suspensão de atividades escolares em todos os níveis no estado; e ainda determina quarentena a partir de 24/03/2020, devido ao agravamento crescente da pandemia.

Para assegurar todas estas medidas e ainda cumprir com o ano letivo conforme a Medida Provisória nº 934 de 1º de abril de 2020, que estabelece normas excepcionais sobre o ano letivo da educação básica e do ensino superior decorrentes das medidas para enfrentamento da situação de emergência de saúde pública:

Art. 1º O estabelecimento de ensino de educação básica fica dispensado, em caráter excepcional, da obrigatoriedade de observância ao mínimo de dias de efetivo trabalho escolar, nos termos do disposto no inciso I do caput e no § 1º do art. 24 e no inciso II do caput do art. 31 da Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996⁷, desde que cumprida a carga horária mínima anual estabelecida nos referidos dispositivos, observadas as normas a serem editadas pelos respectivos sistemas de ensino.

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional nos fala que o ensino fundamental presencial pode ter complementação de aprendizagem com o ensino à distância em situações emergenciais.

Os acontecimentos dos últimos dois meses somado às notícias constantes sobre a prorrogação da quarentena têm gerado estresse e ansiedade em todos, incluso e principalmente nas crianças que, na faixa etária da Educação Infantil, são bastante ativas. Antes desse período começar, as crianças tinham a escola, lazer, atividades físicas e interação com outras crianças

⁷ II - carga horária mínima anual de 800 (oitocentas) horas, distribuída por um mínimo de 200 (duzentos) dias de trabalho educacional;

e adultos não apenas em ambiente escolar, como também familiares (avôs, avós, tios (as), primos) e até possivelmente colegas vizinhos que por ventura frequentam a casa um do outro, parques, praças e, agora não podem mais sair de casa. A rotina de todas as pessoas foi muito comprometida e gerando angústia e descontentamento, inclusive nos pequenos (UNICEF, 2020).

De acordo com estudos do Fundo das Nações Unidas para a Infância (United Nations Children's Fund – UNICEF), durante este momento de distanciamento social é importante que a criança se sinta segura, acolhida e amada. E os pais têm um papel muito importante na hora de conversar sobre a COVID-19, inclusive explicando a importância de permanecerem em casa para a prevenção da doença, o objetivo aqui é levar tranquilidade à elas, sendo positivo sobre o assunto; recomenda a criação de brincadeiras e atividades em família para ajudar as crianças a lidarem com o estresse de ficar dentro de casa, o que ajuda a se distraírem; outra recomendação é estabelecer atividades diárias dentro de casa, tentando seguir uma rotina, o que ajuda transmitindo-lhe segurança e tranquilidade. O órgão recomenda ainda que os pais orientem as crianças a falarem caso não se sintam bem e com base nesta orientação buscamos trabalhar os sentimentos em Libras como forma de auxiliar e orientar os pais com seus filhos neste momento.

Desta forma, as propostas, sugestões e ideias por nossa parte em tempos de coronavírus e frente ao isolamento social, se tratam de uma possibilidade de acolhimento aos pais em atendimento à solicitação de alguns deles, por meio de atividades curtas e simples, que faziam parte da rotina escolar. Com objetivo de auxiliar uma rotina em suas casas, reforçamos que tais propostas não têm caráter obrigatório, como um trabalho a ser realizado dentro de um prazo determinado, nem para os pais e sequer às crianças.

Referencial Teórico

Diante deste cenário este trabalho visa proporcionar um acolhimento aos pais que, em casa com seus filhos estão procurando se adaptar e proporcionar momentos de distração e

tranquilidade. Considerando as orientações da Base Nacional Comum Curricular - BNCC (2017) sobre a importância da relação escola-família e, reforçada pelas atuais Diretrizes Curriculares Nacionais para Educação Infantil - DCNEI (2010):

A integração com a família necessita ser mantida e desenvolvida ao longo da permanência da criança na creche e pré-escola, exigência inescapável ante as características das crianças de zero a cinco anos de idade, o que cria a necessidade de diálogo para que as práticas junto às crianças não se fragmentem.

Com este exposto entendemos ser necessário e imprescindível o diálogo entre a instituição, representada pelo professor, estagiário, estudantes de graduação e pós-graduação que atuavam junto às crianças e a família em suas casas. Ao citar à 'permanência da criança na creche e pré-escola' não deve se entender tais palavras em sua literalidade e restrita apenas ao espaço físico escolar, mas sim em seu significado mais amplo, na condição de que uma criança pertencente à etapa pré-escolar, compreendida de 0 a 5 anos, independe do espaço físico que ocupa.

Para Wilcok (1993), existe uma necessidade humana pelo fazer, precisamos nos envolver em ocupações, para suprir nossas necessidades, desenvolver habilidades e permitir que nossas capacidades pessoais sejam desenvolvidas.

A definição de ocupação está ligada a todas as atividades cotidianas que as pessoas desempenham como indivíduos, famílias, membros de grupo, para dar significado e propósito para a vida e manter a saúde de um modo geral (WFOT, 2012).

Quando relacionamos isso a infância, é preciso destacar que as crianças estão em um movimento de mudança progressiva relacionada as ocupações, e essas surgem a partir de suas interações com o ambiente, e ao que ele lhe proporciona. (WISEMAN; DAVIS; POLATAJKO, 2005).

Os papéis ocupados pelas crianças, contribuem para o seu desenvolvimento e são desempenhados ao decorrer do tempo, bem como, ser filho, estudante, amigo, irmão.

Partindo disso, destaca-se a importância da compreensão do cotidiano, que é polissêmico e que se caracteriza no que é de costume, que acontece todo dia, é a vida do presente (SILVA 2020 apud HELLER, 2004). É através do cotidiano que as oportunidades de aprendizagem e domínio de habilidades são adquiridas na infância. Sendo assim a rotina entra como um importante fator de regulação e sustentação das ações da criança no mundo.

Nesse sentido, a rotina é capaz de trazer uma certa previsibilidade que acalma e garante o que pode vir depois. Desta forma a criança se torna mais colaborativa, menos ansiosa e o cuidador começa a entender o que esperar da criança em cada momento (LOPES, 2018).

A incorporação de ritmo e rotina faz com que a criança tenha uma noção rítmica da vida, de modo que auxilie na compreensão de etapas e do funcionamento do mundo a sua volta (CASTRO, 2017).

Considerando que as crianças da presente experiência tinham em sua rotina a participação na educação infantil e isso foi retirado, por causa da necessidade de isolamento social devido COVID-19 entendemos que essa rotina foi transformada e precisa ser ressignificada. Visto que o impacto desta pandemia, não se encaixa apenas no emocional adulto, mas infantil também, e isso se configura de diversas maneiras, bem como por mudanças de comportamento, terror noturno, além de projeção dessa nova situação em outros medos imaginários, não necessariamente ligados a expressão verbal (BECKER, 2020).

Essa falta de compreensão macro do porque não se pode mais sair, ir à escola, ver um amigo, trás a criança uma sensação de instabilidade, e é por isso que é imprescindível legitimar essas formas de expressão da criança, frente a nova realidade e tentar explicar por meio da fantasia, de brincadeiras o que se está acontecendo.

Para Mahoney (1993), o sentimento ocupará sempre uma posição central em todos os momentos do desenvolvimento, independente da idade.

Neste sentido o projeto proposto na descrição deste capítulo tem como objetivo servir como uma forma de

acolhimento aos sentimentos e emoções vivenciadas por essas crianças e familiares durante o período de quarentena, não somente por meio de atividades advindas da terapia ocupacional para compreensão mais concreta do que pode significar cada sentimento, como também pela Língua Brasileira de Sinais, que se configura em complementariedade das ações desenvolvidas.

A Libras e a Terapia Ocupacional

A Língua Brasileira de Sinais é, preferencial e majoritariamente, a primeira língua do surdo, conforme decreto nº 5.626/2005 que regulamenta a Lei nº 10.436/2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais – Libras:

Parágrafo único. Entende-se como Língua Brasileira de Sinais - Libras a forma de comunicação e expressão, em que o sistema linguístico de natureza visual-motora, com estrutura gramatical própria, constitui um sistema linguístico de transmissão de ideias e fatos, oriundos de comunidades de pessoas surdas do Brasil. (BRASIL, 2002).

Em nosso caso, a Libras é considerado o ensino de uma segunda língua, pois as crianças são ouvintes; tal situação propicia a organização de uma educação que oferece ao aluno, vivência com maior variedade possível de situações de interações sociais e comunicativa, diversos tipos de gêneros discursivos e produção de enunciados ligados às várias situações dentro da realidade dele e de acordo com sua faixa etária. O enunciado é aqui “entendido como uma unidade da comunicação verbal” (BAKHTIN, 2000, p. 295) e que faz parte do diálogo, este por sua vez se apresenta com clareza e simplicidade, elucidando que e as relações estabelecidas na comunicação só são possíveis através de uma relação com o outro. Através das práticas de letramento, propomos formas de possibilitar à criança, o entendimento do mundo por meio de experiências com diferentes formas de linguagens e, conjuntamente, a aquisição da língua materna e possível primeiro contato com uma segunda língua, a Libras.

Atualmente a Libras é composta por cinco parâmetros aqui destacados.

Configuração de mão (CM): são as formas que as mãos assumem na produção dos sinais;

Ponto de Articulação (PA) ou Localização (L): é o lugar do corpo ou do espaço em que é realizado o sinal: tronco, cabeça, mão e espaço neutro.

Movimento (M): é indissociável do espaço, unidirecional, bidirecional, de contorno ou forma geométrica; interação; contato, torcedura, dobramento e interno das mãos, retilíneo, helicoidal, circular, semicircular, sinuoso, angular.

Orientação das mãos (O): é a direção para a qual a palma da mão aponta na produção do sinal: para cima, para baixo, para o corpo, para frente, para a direita ou para a esquerda.

As expressões não-manuais (ENM) tal como a expressão facial ou o movimento do corpo, envolvem movimento da face, dos olhos, da cabeça e do tronco. A expressão facial e a corporal podem traduzir alegria, tristeza, raiva, amor, encantamento etc., dando mais sentido à Libras e, em alguns casos, determinando o significado de um sinal. Assim, as expressões faciais são essenciais para determinar o tipo de frase (afirmativas, exclamativas, interrogativas e negativas); como não existe entonação (ou modulação) em Libras, que é o que especifica as diferenças entre frases, assim como a Língua Portuguesa que indica o tipo de frase conforme variação na entonação da voz. Esta última a mais importante na expressão dos sentimentos.

O profissional de Terapia Ocupacional dentro da Educação se inseriu historicamente por meio da “Educação Especial”, com o intuito de auxiliar as instituições no desenvolvimento de ações com crianças com deficiência (ROCHA, 2007).

No entanto em 2018 a profissão foi reconhecida pelo Conselho Federal de Fisioterapia e Terapia Ocupacional (COFFITO) como uma profissão com especialidade em contextos escolares, podendo então trabalhar em todas as áreas de desempenho ocupacional e atividades cotidianas nestes espaços, bem como: educação, brincar, lazer, participação social, atividade de vida diária (AVD), atividade instrumentais de vida

diária (AIVD), descanso e sono, além de vida com autonomia e independência (COFFITO, 2018).

Sendo assim, experimentando uma nova forma de atuação, onde a Terapia Ocupacional pudesse auxiliar não somente no desenvolvimento atípico, mas também das crianças com desenvolvimento típico.

O objetivo da nossa ação, sempre fortalecer a potência de pensar, agir e prosperar as habilidades dos sujeitos envolvidos, agindo como facilitador da resolução de problemas, a partir do trabalho com autonomia do grupo e de seus membros (ROCHA, 2007). Neste sentido, o trabalho do profissional de Terapia Ocupacional para com a compreensão dos sentimentos e emoções pelas crianças, vai de encontro com a preparação e apresentação de recursos facilitadores, bem como as atividades e brincadeiras propostas, que em sua primazia se embasa na busca pela autonomia da criança e na aquisição de habilidades.

Tal como afirma Libânio (2013), é pensar a criança, de maneira que nela própria seja possível encontrar o caminho. E onde se descodifique que apenas e somente o adulto é detentor de conhecimento.

Contextualizando o ambiente antes do isolamento social

As atividades eram desenvolvidas numa classe com crianças de 3 a 4 anos de idade na Unidade de Atendimento à Criança da UFSCar – UAC, sob orientação da também responsável pela classe, Prof.^a Dr. Poliana Bruno Zuin. A Unidade é voltada para primeira etapa da educação básica atendendo crianças de 3 meses a 5 anos e 11 meses e possui turmas no período da manhã e da tarde; é parte de um sistema nacional de educação, leva em consideração os documentos governamentais e legislativos que regulamentam a educação infantil, além de estar localizada dentro do Campus da UFSCar, na cidade de São Carlos.

Os projetos de pesquisa e extensão se configuravam em atividades semanais, propostas para cada dia da semana, com temas específicos. Sobre o projeto da “Libras na Educação Infantil” antes presencialmente acontecia semanalmente às terças-feiras e o da Terapia Ocupacional, também anteriormente

presencial e intitulado “Como que as crianças vão se apropriando do conceito relativo aos sentimentos e emoções”, acontecia todas as quarta-feira. Reformulamos então essa configuração inicial buscando trazer discussão sobre os sentimentos para as crianças, por intermédio dos meios de comunicação via celular.

Participaram desta experiência 12 pais e suas respectivas crianças, de uma escola de educação infantil pública, que por causa do COVID-19 tiveram suas ações encerradas.

A ideia surgiu a partir da necessidade de ações voltadas ao enfrentamento do COVID-19 e de como professores e alunos de um grupo de extensão da educação infantil, poderiam contribuir ainda que a distância; à pedido de uma mãe, a professora Poliana convidou as voluntárias do grupo de extensão para contribuírem com atividades de acolhimento aos pais e ideias e sugestões do que os pais poderiam fazer em casa com seus filhos. Esse grupo de extensão coordenado pela professora Poliana Bruno Zuin, conta com o total de 22 alunos tanto da graduação de Terapia Ocupacional, quanto de Pedagogia, quanto com alunos de mestrado Programa de Pós-Graduação em Linguística, orientados pela mesma; todos da mesma universidade. O grupo era movimentado por suas ações presenciais de acordo com cada dia da semana e se reestruturou com o objetivo de acolher essas famílias e crianças durante o isolamento social, por meio de atividades propostas e montadas pelas alunas para cada dia da semana, para que os pais pudessem ter um acervo de brincadeiras e atividades educativas específicas para a idade. Em sua maior parte, o grupo conta bastante com o incentivo e mediações da professora para que as alunas dialoguem com os pais, entre elas e também para que os pais possam trocar experiências entre eles durante este período de forma que haja um acolhimento por e para todos os envolvidos.

Procedimentos

Foram criados três grupos na rede de comunicação por celular, WhatsApp:

Um grupo com todos os membros, alunos, mestrandos e professora, com o objetivo de enviar os documentos e atividades preparadas de acordo com o tema do projeto do dia envolvido.

Um segundo grupo de movimentação única pela coordenadora para publicar as atividades, vídeos, áudios propostos, na forma de banco de dados aos pais. Além de um repositório no Google Drive com todas as atividades.

E por fim, o terceiro grupo cujos pais e crianças se comunicavam com a equipe e enviavam fotos, vídeos e áudios fazendo as atividades propostas para cada dia.

O projeto de extensão anteriormente presencial sobre a compreensão das crianças sobre sentimentos e emoções, continuou a ser realizada por meio desse canal novo, neste mesmo sentido o projeto de ensino e Aprendizado de Libras na Educação infantil, também se reconfigurou para tal ação. Todas as atividades enviadas pelas alunas têm orientação e mediação constante da professora: sugestão de tema para as atividades propostas às crianças e também artigos e estudos que corroborem com a preparação das atividades e organização de materiais, bem como outros temas pertinentes às áreas de estudo e pesquisa de cada uma.

As atividades propostas pela aluna de Terapia Ocupacional são preparadas toda semana, em um total de 7 (sete) até o presente momento, onde foram trabalhados os sentimentos: irritação, serenidade, felicidade, alegria, tristeza, compaixão e vergonha. A graduanda Kétlin C. Ferreira preparou para cada sentimento uma brincadeira e ou atividade com o intuito de promover uma compreensão mais concreta sobre as histórias contadas por áudio pela professora Poliana Bruno Zuin e pelos vídeos de Libras feito pela mestrandia Diany A. Lee, que também totalizam 7 (sete) até o presente momento.

Tais atividades podem ser demonstradas a seguir como forma de exemplificação do que foi idealizado.

Primeira proposta para trabalhar o sentimento de irritação: Construção de um pernilongo, como forma de demonstração e busca na memória de como seu zumbido traz irritação aos ouvidos. O próximo sentimento foi serenidade e o objetivo é trabalhar um bingo, com os familiares onde as crianças e eles teriam que se envolver em exercícios de yoga.

**VAMOS MONTAR UM PERNILONGO?
O SENTIMENTO HOJE É IRRITAÇÃO!**

MATERIAIS NECESSÁRIOS:

Roilo de papel higiênico, de papel toalha ou semelhante, cola branca, lápis de cor ou tinta, régua e tesoura.

- 1 COMO FAZER PASSO 1**
Recorte 2 círculos um pouco maiores que a abertura do rolo de papel higiênico em um papel mais firme.
- 2 COMO FAZER PASSO 2**
Recorte as asinhas disponíveis no final deste documento.
- 3 COMO FAZER PASSO 3**
Recorte dois círculos menores para fazer os olhos.
- 4 COMO FAZER PASSO 4**
Recorte ou use de modelo o cone disponível nesse documento para o nariz do pernilongo.

➔ continue

**VAMOS FAZER UM JOGO DE YOGA?
SENTIMENTO HOJE É SERENIDADE!**

MATERIAIS NECESSÁRIOS:

Tesoura e um saquinho para embalar (air as peças. Não se esqueça de colocar roupas confortáveis).

PASSOS:

1. Recorte as imagens e embale dentro de um saquinho ou sobre uma mesa.
2. Sorteie quem irá pegar a peça por ordem e realizar o movimento.

DEPOIS DISSO É SÓ JOGAR!!

OS EXERCÍCIOS DE YOGA, AJUDAM A CRIANÇA A DESENVOLVER SUA CAPACIDADE DE **MOTRICIDADE GROSSA**, BEM COMO ELEMENTOS ENVOLVENDO, **EQUILÍBRIO**, **PROPRIOCEÇÃO** (IDENTIFICAR O PRÓPRIO CORPO NO ESPAÇO), ALÉM DE **RECONHECIMENTO DAS PARTES DO CORPO**, **RESPONSÁVEIS PELA NOÇÃO DE AMBIENTE**, PEQUENO, GRANDE, ALTO, BAIXO.

A terapia ocupacional reconhece que tudo isso pode ser ganho por meio de ações lúdicas, conforme o brincar.

Imagem ilustrativa: tema irritação e serenidade.

E assim por diante, a proposta para felicidade foi a construção de um fantoche de caixa de leite. Para o sentimento de alegria, realização de brincadeiras montadas pelas próprias crianças, como amarelinha. Tristeza foi trabalhado um vídeo explicativo sobre o sentimento, como podemos conversar com os pais e a realização de um jogo da memória pelas crianças com todos os sentimentos já trabalhados anteriormente. Para trabalhar compaixão foi realizado um jogo de contação de histórias e resolução, onde as crianças teriam que escolher o final do conto, a partir das opções que elas consideravam corretas, e a partir disso que os pais conversassem sobre.

E por fim para trabalhar o sentimento de vergonha foi sugerido um jogo das emoções, onde o intuito é montar as carinhas de acordo com o que elas representam e a partir disso conversar sobre o que cada sentimento provoca.

Todas as atividades propostas, foram desenvolvidas pensando na faixa etária da criança e nas habilidades que ela poderia aperfeiçoar ou ganhar, bem como sempre trabalhando a

motricidade fina, por meio da colagem, pintura, recorte. Além da busca por desenvolvimento de aspectos da criatividade, da elaboração e planejamento de ideias e reforçar a socialização por intermédio da comunicação com os pais ou responsáveis.

Análise de Dados

O método de análise utilizado, para entender a viabilidade e a importância desse projeto online, foi por meio do grupo de comunicação via celular, onde os pais, crianças e membros da equipe podiam compartilhar além dos materiais propostas para atividades comentários, elogios, dúvidas, dificuldades em casa e dicas de como realizar cada atividade, ou seja, sua experiência com as demais famílias também passando pela mesma situação.

As fotos e áudios enviados comprovam a eficiência de um acolhimento e atenção voltada tanto aos pais e familiares, quanto às crianças, em relação ao que eles poderiam fazer para ajudar os filhos a manterem uma rotina, com entretenimento e atividades pertinentes a sua faixa etária. Além de comprovar a necessidade dessa comunicação escola-família, para o desenvolvimento com toda a complexidade do ser criança, bem como afirmam Marcondes e Sigolo (2012):

A família e a escola são, inquestionavelmente, dois importantes contextos de desenvolvimento infantil. É necessário que ambos se conheçam e reconheçam, visando a elaborar estratégias que assegurem melhores condições para o desenvolvimento pleno e integral das crianças que a eles pertencem (CHECHIA, 2002; MAGALHÃES, 2004; OLIVEIRA, 2004 apud MARCONDES e SIGOLO, 2012).

Sendo assim, apresentamos a seguir imagens das crianças realizando algumas das atividades propostas, bem como resultados das devolutivas recebidas.



Foto 1 – Realização da atividade sobre irritação – acervo do grupo



Foto 2 – Realização da atividade sobre irritação – acervo do grupo



Foto 3 – Brincando com a atividade realizada sobre irritação – acervo do grupo



Foto 4 – Realização da atividade sobre tristeza – acervo do grupo



Foto 5 –Print⁸ do vídeo brincando com a atividade sobre tristeza – acervo do grupo



Foto 6 – Print do vídeo, dia frio – acervo do grupo

⁸ Print – impressão digital da tela de exibição



Foto 7 – Print do vídeo, beijinhos – acervo do grupo



Foto 8 – Print do vídeo, casa ensolarada – acervo do grupo

Considerações Finais

Dialogar é um processo que possibilita a fala e a escuta, nos convida a aprender com a vivência do outro e respeitar a diferentes opiniões, é o momento de cada um dentro de um momento maior em que outros participam; dialogar não é reduzir a opinião do outro e prevalecer sobre ela, não é falar para o outro, mas falar com ele (FREIRE, 1987). O diálogo, a conversa, a comunicação são linguagens que passam e perpassam por nós, nos ensina significados que interiorizamos e ressignificamos, nos mostra sentidos que nos começam a nos constituir, transforma nossa realidade e nosso mundo para que possamos então transformar o mundo ao nosso redor.

Dentro da Terapia ocupacional, consideramos as ocupações e a rotina, muito importantes para o sujeito, ambas são responsáveis por todas as ações desenvolvidas ao longo do dia, em uma situação de isolamento social e pandemia onde as pessoas devem ficar em casa e principalmente as crianças têm suas rotinas transformadas, criar um acolhimento e uma forma de auxiliar essas famílias na construção de um cotidiano saudável para essas crianças é um importante papel da educação e de profissionais de saúde. A Libras contribui tanto no aspecto pedagógico como também com fatores inclusivos, por ser uma segunda língua para as crianças ouvintes; contribui ainda com o desenvolvimento da comunicação para expressão, além de proporcionar momentos onde a criança pode aprimorar outras linguagens: corporais, visuais, auditivas e táteis além da motoricidade, direcionalidade e orientação espacial.

O projeto tem tido resultados muito positivos até o presente momento, visto que as devolutivas das famílias e crianças, tem sido essencial para compreensão de como nossas ações, tem auxiliado.

... eu fico muito irritada quando um mosquitinho me pica de tanta coceira (ELISA, 3 anos, 2020).

“Fizemos o pernilongo. Joaquim se empenhou bastante e se divertiu muito brincando com ele depois” (TALITA, mãe do JOAQUIM, 3 anos, 2020).

“O da Lara não deu muito certo, risos ... as asas ficaram muito pesadas, risos, mas tentamos” (ERICA, mãe da LARA, 3 anos, 2020).

O objetivo não é de que os pais sigam veemente cada atividade, e as realizem todos os dias, a ideia é que se forme um arsenal de conteúdos sobre diversos temas, para que possam ser utilizados da melhor maneira por eles, inclusive o tema do presente projeto, que é falar sobre sentimentos e emoções de maneira lúdica com as crianças, envolvendo também a aprendizagem da Linguagem Brasileira de Sinais.

Referências

AOTA. Framework: domain & process. 2nd. **The American Journal Occupational Therapy**. V. 63, v. 6, p. 625-683, nov/dec, 2008.

A IMPORTÂNCIA da rotina para o equilíbrio emocional da criança. Direção de: Profa. Dra Ilíada de Castro, 2017. Gravação e edição: Isadora de Castro. 5min.

A IMPORTANCIA da rotina na vida da criança. Direção de produção: Trio Group. Lopes, 2018. Por: Criar e crescer. 8:21 min.

BAKHTIN, Mikhail. (1970-1971). Os gêneros do Discurso. In: _____. **Estética da criação verbal**. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

BRASIL. **Medida provisória nº934**, de 1º de abril de 2020. Estabelece normas excepcionais sobre o ano letivo da educação básica e do ensino superior decorrentes das medidas para enfrentamento da situação de emergência de saúde pública de que trata a Lei nº 13.979, de 6 de fevereiro de 2020. Diário Oficial da União. 1 abr. 2020; Seção 1:1. Disponível em: < <http://pesquisa.in.gov.br/imprensa/jsp/visualiza/index.jsp?jornal=600&pagina=1&data=01/04/2020&totalArquivos=1> >. Acesso em: 27 abr. 2020.

BRASIL. Ministério da Educação. **Lei nº 9.394**, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação

nacional. Artigo 80. O Poder Público incentivará o desenvolvimento e a veiculação de programas de ensino a distância, em todos os níveis e modalidades de ensino, e de educação continuada. Disponível em: < <http://portal.mec.gov.br/seed/arquivos/pdf/tvescola/leis/lein9394.pdf> >. Acesso em: 27 abr. 2020.

BRASIL, MEC. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: MEC, 2017. Disponível em: < <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/abase/> Acesso em: 27 abr. 2020.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil**/Secretaria de Educação Básica. – Brasília: MEC, SEB, 2010. Disponível em: <http://ndi.ufsc.br/files/2012/02/Diretrizes-Curriculares-para-a-E-I.pdf>. Acessado em: 11 mar. 2020.

BRASIL. MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO et al. **Referencial Curricular Nacional para Educação Infantil**. Brasília: MEC/SEF, 1998. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/rcnei_vol1.pdf. Acesso em: 13 mar. 2020.

BRASIL. **Decreto Federal nº 5.626**, de 22 de dezembro de 2005. Regulamenta a Lei no 10.436, de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras, e o art. 18 da Lei no 10.098, de 19 de dezembro de 2000. Diário Oficial da União, Brasília, DF, n. 246, 23 dez. 2005, Seção 1, p.28. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2005/decreto/d5626.htm. Acessado em: 10 mar. 2020.

BRASIL. **Lei Nº. 10.436**, de 24 de abril de 2002. Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais – LIBRAS e dá outras providências. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 25 abr. 2002. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2002/110436.htm. Acessado em: 10 mar. 2020.

BRASIL. MINISTÉRIO DA SAÚDE. **Sobre a doença**. 2020. Disponível em: < <https://coronavirus.saude.gov.br/sobre-a-doenca#como-se-protoger>>. Acessado em: 27 mai. 2020.

BRASIL. Presidência da República. Casa Civil. Subchefia para Assuntos Jurídicos. Lei nº 9394, de 20 de dezembro de 1996. LEI Nº 9.394, DE 20 DE DEZEMBRO DE 1996. Estabelece as

diretrizes e bases da educação nacional. **Portal da Legislação**. Brasília, 20 dez. 1996. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19394.htm.

COMO LIDAR com o medo infantil durante a quarentena? Direção de produção: Trio Group. Becker, 2020. Por: Criar e crescer. 9 min.

KINDERSLEY, Anabel; KINDERSLEY, Barnabas. **Crianças como você**: uma emocionante celebração da infância no mundo. São Paulo, Ática, 2020.

LIBÂNIO, Anabela Marques Saraiva. Educação pela Arte: Uma experiência para dar sentido aos sentidos. 2013. 213 f. Mestrado (Mestre em Educação) - **Faculdade de Ciências Sociais e Humanas - Universidade Nova de Lisboa**, [S. l.], 2013. Disponível em: <https://run.unl.pt/bitstream/10362/10826/1/Capa%20interior%20%28cd%29.pdf>.

MAHONEY. A.A. Emoção e ação pedagógica na infância: contribuições da psicologia humanística. *Temas psicol.* 1993, vol. 1, n. 3, pp. 67-72. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-389X1993000300009. Acesso em maio de 2020.

MARCONDES, Keila Hellen Barbato; SIGOLO, Silvia Regina Ricco Lucato. Comunicação e envolvimento: possibilidades de interconexões entre família-escola?. **Paidéia (Ribeirão Preto)**, Ribeirão Preto, v. 22, n. 51, p. 91-99, Apr. 2012. Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-863X2012000100011&lng=en&nrm=iso>. access on 28 May 2020. <http://dx.doi.org/10.1590/S0103-863X2012000100011>.

ROCHA, E. F. A Terapia Ocupacional e as ações na educação: aprofundando interfaces. **Rev. Ter. Ocup. Univ. São Paulo**, v.18, n. 3, p. 122-127, set./dez. 2007. DOI <https://doi.org/10.11606/issn.2238-6149.v18i3p122-127>. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/>

SILVA, D. B. Terapia ocupacional, cotidiano e pandemia COVID-19: inquietações acerca do ocupar o tempo-espaço. **Rer. Interinst. Bras. Ter. Ocup.** Rio de Janeiro, suplemento, 2020, v.4, p. 529-553. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/>

index.php/ribto/article/view/34489/pdf. Acesso em maio de 2020.

UNICEF. **6 ways parents can support their kids through the coronavirus disease (COVID-19) outbreak.** 2020. Disponível em: <<https://www.unicef.org/coronavirus/6-ways-parents-can-support-their-kids-through-coronavirus-covid-19>>. Acesso em: 12 mai. 2020.

UNICEF. **How to talk to your child about coronavirus disease 2019 (COVID-19): 8 tips to help comfort and protect children.** 2020. Disponível em: <<https://www.unicef.org/coronavirus/how-talk-your-child-about-coronavirus-covid-19>>. Acesso em: 12 mai. 2020.

UNICEF. **Tips for parenting during the coronavirus (COVID-19) outbreak: ideas to help parents and caregivers do the most important job in the world.** Disponível em: <<https://www.unicef.org/coronavirus/covid-19-parenting-tips>>. Acesso em: 12 mai. 2020.

WILCOCK, A. A theory of the human need for occupation. **Journal of Occupational Science**, v. 1, n. 1, p.17-24, 1993. Disponível em <<[Http://Dx.Doi.Org/10.1080/14427591.1993.9686375](http://Dx.Doi.Org/10.1080/14427591.1993.9686375)>>. Acesso em maio de 2020.

WISEMAN, J. O.; DAVIS, J. A.; POLATAJKO, H. J. Occupational development: towards an understanding of children's doing. **Journal of Occupational Science**, v. 12, n. 1, p. 26-35, 2005.

Capítulo 5

Ações da Terapia Ocupacional em interface com Educação Infantil: estratégias para atividades durante a pandemia COVID-19

Amanda Mendes Molina
Kétlin Cristina Ferreira
Poliana Bruno Zuin

Introdução

Devido a doença COVID-19, causada pelo novo coronavírus, as atividades escolares foram suspensas em todo o Brasil, como uma medida de prevenção e contenção de contaminação pela doença. A Organização Mundial da Saúde (OMS) e o Ministério de Saúde do Brasil regulamentaram a necessidade das famílias se manterem em isolamento social domiciliar e cancelar/adiar grandes eventos, a fim de evitar aglomerações. As recomendações adotadas também estão ligadas ao uso de álcool em gel e máscaras, quando for necessário sair de casa. Desde então as rotinas das crianças foram transformadas, não somente pelo fato de não poderem mais sair para atividades rotineiras, como também passaram a ter um ritmo diferente para realizar as coisas, visto que tiveram suas atividades escolares presenciais descontinuadas. Partindo disso, diversas ações têm sido desenvolvidas para suprir as necessidades de aprendizado das crianças nesse contexto que as crianças não podem frequentar a escola e os responsáveis dão um passo a frente para auxiliar os professores na escolarização das crianças.

Para a Associação de Terapia Ocupacional (AOTA) o profissional de Terapia Ocupacional (TO) deve promover saúde, bem-estar, participação e engajamento dos indivíduos em suas ocupações (WHO, 2020). Sendo assim, no contexto atual segundo a Federação Mundial de Terapeutas Ocupacionais

(WFOT) a TO “reconhece as consequências e mudanças que estão ocorrendo na maneira que as pessoas acessam e realizam suas ocupações como resultado da pandemia COVID-19” (WFOT, [2020]). Por isso, entendemos que esta deve atuar ajudando as equipes multiprofissionais frente a pandemia, promovendo proteção, promoção, recuperação, adaptação e modificações que auxiliem o indivíduo e o coletivo.

Desta forma, um dos públicos cuja Terapia Ocupacional presta assistência é o público infantil, que pode ter modificações no que diz respeito à estrutura pessoal e familiar em decorrência da COVID-19(SILVA, 2020).

A ocupação humana dentro da Terapia Ocupacional assume significados diferentes para as pessoas, influenciadas pelos contextos. É dentro dela que se compõe a rotina, fornecendo a estrutura para realização das atividades (SILVA, 2020). Sendo assim é de extrema importância no atual cenário trabalhar a manutenção com a da rotina.

De acordo com a OMS, é recomendado que crianças menores de 5 anos se envolvam com atividades mais ativas e menos passivas, como assistir televisão ou permanecer no celular. No entanto, em época de isolamento social, considerando a velocidade com que a tecnologia atinge as novas gerações, essa exposição as telas ficam mais recorrente.

Devemos reiterar que apesar disso, a principal e predominante atividade da infância é o brincar. O brincar é responsável por exigir uma participação ativa da criança na procura de soluções e de alternativas, de forma que proporciona o “aprender-fazendo” (JOAQUIM e ALBUQUERQUE, 2016). É por isso que com a necessidade de ficar em casa, o brincar deve ser encorajado.

Neste capítulo contaremos sobre as ações de duas alunas (Ketlin Cristina e Amanda Molina) cursando o quarto ano de Terapia Ocupacional na Universidade Federal de São Carlos - UFSCar, orientadas pela Prof^a Dra^a Poliana Bruno Zuin em um projeto de extensão que visa a realização de atividades e brincadeiras temáticas, cujo objetivo é auxiliar na manutenção da rotina dessas crianças, incentivar o brincar frente a um desenvolvimento saudável e apontar como a Terapia

Ocupacional pode contribuir nos projetos de educação e acolhimento diante da pandemia.



Foto: Discentes Amanda Molina e Ketlin Cristina (respectivamente), integrantes do projeto.

Contextualização antes da pandemia

O projeto denominado “Artes Plásticas na Educação Infantil: dialogando com a Terapia Ocupacional”, é um projeto de extensão coordenado pela Prof^ª Dr^ª Poliana Bruno Zuin, em uma escola de educação infantil pública, mais conhecida como Unidade de Atendimento à Criança - UAC localizada dentro da Universidade Federal de São Carlos - UFSCar. Tal projeto era anteriormente realizado todos os dias da semana, no qual cada aluno de graduação de Terapia Ocupacional era supervisionado e se dedicava a proposta de cada dia distinto.

Ao decorrer deste texto, contaremos a experiência de duas alunas de Terapia Ocupacional que participavam dos respectivos do projeto do mesmo projeto de extensão orientado pela professora Zuin porém com duas temáticas distintas: “Como crianças se apropriam do conceito de sentimentos” e

“Estratégias para ensino-aprendizagem dos animais na educação infantil”. Os projetos que eram anteriormente realizados às quarta e quinta-feira de maneira presencial foram reestruturados para acolher as necessidades de aprendizagem das crianças e também as famílias neste período de isolamento, além de auxiliar na produção de materiais para que os pais ou responsáveis possam criar uma rotina de atividades para os filhos em casa.

A ideia surgiu a partir da demanda de uma mãe, que solicitou ajuda da Prof^a Poliana Zuin. Assim os alunos de graduação e pós graduação que fazem parte do projeto se uniram para criar um grupo onde os projetos pudessem ser desenvolvidos de forma adaptada ao novo contexto.

Para isso, foram criadas as seguintes estratégias:

- Três grupos de comunicação por celular, via aplicativo whatsapp foram criados, além de um drive onde as atividades seriam armazenadas e todos poderiam ter acesso. É importante ressaltar que todos os responsáveis pelas crianças possuem acesso a internet e também as plataformas nas quais as atividades eram armazenadas, de modo que essa estratégia seja eficaz.
- O primeiro grupo era composto pela Docente Zuin, coordenadora do projeto, e também todas os alunos envolvidos, que optaram por participar deste desafio de readaptar o projeto de acordo com as novas condições. Este grupo era destinado a discussões sobre atividades, conversas, indicações, compartilhamentos e envio das atividades construídas por cada aluna do projeto.
- O segundo grupo era administrado apenas pela professora Poliana, no qual as atividades eram enviadas e poderiam ser baixadas pelos pais ou responsáveis.
- O terceiro grupo teve como função ser um grupo de devolutivas e feedbacks, no qual todos os envolvidos, docente, alunas do projeto de extensão, responsáveis e crianças participam e trocam ideias. É um grupo utilizado também para que se enviam áudios, vídeos e fotos das crianças fazendo as atividades.

Atividades propostas por cada tema durante a Pandemia

● “Como as crianças se apropriam do conceito de sentimentos e emoções”

Dentro do tema “Como as crianças se apropriam do conceito de sentimentos e emoções”, a aluna Kétlin Cristina Ferreira orientada pela professora Poliana, graduanda do quarto ano de Terapia Ocupacional, desenvolveu até o presente momento sete atividades, de acordo com os sentimentos propostos, sendo eles: irritação, felicidade, alegria, serenidade, tristeza, compaixão e vergonha. Esse projeto foi reestruturado com o objetivo de acolher os sentimentos que permeiam o estado emocional das crianças, diante de tal mudança. Considerando ainda trazer de maneira lúdica para os responsáveis, formas alternativas de conversar sobre o que a criança está sentindo, que muitas vezes se demonstra por meio de mudanças de comportamento.

A importância em identificar as dificuldades de comunicação emocional da criança, são caracterizados por Matsukura (2007 apud CID e SQUASSONI), como um fator relacionado ao cuidado da saúde mental infantil, e é por isso que esse projeto antes presencial, foi reconfigurado, para essa comunicação a distância que é de fundamental importância entre profissionais de saúde, educadores e família.

As propostas das ações foram distribuídas da seguinte maneira: para cada sentimento escolhido na semana, a professora e mestrandas participantes escolhiam uma história para ser contada, por meio de áudio ou vídeos, e cada história era complementada por um documento em pdf (tutorial) cuja descrição da atividade proposta pela aluna era contada e detalhada a fim de que os pais pudessem reproduzi-las em casa. É importante destacar que essa parceria entre a educação e os alunos de terapia ocupacional, visam trazer propostas coerentes às respectivas idades das crianças participantes e buscando sempre o desenvolvimento ou aprimoramento de alguma habilidade pela criança.

Nesse sentido, todas as atividades, brincadeiras e sugestões entregues foram baseadas em habilidades próprias desse período

da infância. Para com o sentimento de irritação, propôs-se a criação de um perninho com materiais recicláveis, o objetivo era resgatar a memória da irritação trazida pelo zumbido e promover o desenvolvimento da motricidade fina, por meio do uso de colagem, recorte, pintura. Essa atividade foi acompanhada pela história Olívia e o mau humor.

Para construção do que é o sentimento felicidade, foi indicado o livro “A felicidade das borboletas”, e a proposta dessa semana foi construir elementos para uma brincadeira em família, que deixasse a criança feliz, além de estimular a compreensão de situações, no desenvolvimento lógico, nas questões sensoriais, e motricidade global e fina a atividade envolvia os processos de interação social, de imitação e uso da fantasia. Por isso o projeto de construção de um fantoche por meio da caixa de leite e materiais de fácil acesso. Convém elucidar que em todas as atividades propostas o auxílio dos adultos e a interação dos mesmos para que fossem realizadas era necessário. Nesse sentido a criança estaria exercitando também a imaginação, criatividade, projeção dos sentimentos em histórias inventadas e laços familiares.

Como a alegria é um sentimento mais “instantâneo” o objetivo pensado foi trazer por meio de brincadeiras em família, a associação das crianças sobre o que esse sentimento proporciona e quais as sensações. A estruturação do documento, propunha dois brinquedos a serem montados, o primeiro foi a cobrinha de papel, que consiste em pegar um papel, dobrar, recortar as bordas e usar um canudinho para soprá-la e movimentá-la. E a segunda a fabricação de uma amarelinha de monstrinho, pegadinhas foram disponibilizadas no documento para molde ou impressão, de forma que ao montar as famílias também exercitassem a explicação dos números e com a atividade o desenvolvimento da motricidade global, equilíbrio e percepção do espaço.

Para serenidade, em conjunto pensamos em como a natureza nos traz serenidade, e por isso foi disponibilizado a história denominada “Dois passarinhos”. Seguindo essa linha a proposta pensada, foi em um tutorial de exercícios de yoga para serem feitas em conjunto das crianças e responsáveis. A yoga

ajuda a desenvolver a motricidade global da criança, e a partir disso, trabalha elementos como: equilíbrio, propriocepção (identificar o corpo no espaço), reconhecimento das partes do corpo e noção de dimensão do ambiente, se é pequeno, grande, alto e baixo. Com o intuito de trazer a yoga ainda de uma forma mais lúdica esse tutorial foi estruturado em um bingo de cartas com um total de 6 posições, assim ao recortar e sortear cada carta, os exercícios se tornariam ainda mais divertidos.

No sentimento de tristeza, foi usado o recurso jogo da memória, criado pela aluna, como jogo da memória dos sentimentos trabalhados até então. Além do jogo foi construído um vídeo interativo pela aluna para enviar as crianças, onde tinham perguntas como: Como você sabe que está triste? Você já sentiu isso?, o vídeo contava com exemplos de situações e era finalizado com a proposta do jogo a ser construído. O objetivo principal era conversar sobre a tristeza e suscitar nas crianças e pais a conversa sobre o assunto, além de tentar resgatar por meio da memória todos aqueles sentimentos que já haviam sido trabalhados.

Por fim os sentimentos de compaixão e vergonha, para ambos os sentimentos a estruturação usada, foi por meio de jogos pensados pela própria aluna. Para compaixão a aluna criou um jogo de contos, denominado “Jogo para ensinar o sentimento de compaixão para crianças”, o documento é organizado começando pela explicação do que é esse sentimento e o que ele provoca nas pessoas, em seguida uma descrição sobre o jogo. Ele foi criado da seguinte maneira: uma parte do jogo ensina como montar caixinhas surpresas para se colocar as cartas e alternativas de respostas que as crianças podem escolher. E a segunda parte contém três historinhas curtas criadas pela aluna e as fichas de alternativas. O intuito é que as famílias usem esse jogo como recurso para introduzir conversas e ensinamentos sobre esse sentimento e qual seria o mais certo a se proceder.

O jogo pensado para trabalhar o sentimento de vergonha, foi um jogo de identificação dos sentimentos. Ele se estruturou da seguinte maneira: Primeiro a criança teria que fazer seis círculos e para cada círculo um rostinho que representasse um sentimento diferente. Esses mesmos desenhos teriam que ser

reproduzidos em cada lado do dado disponibilizado para montagem e cada círculo teria que ser dividido em dois, para que ao jogar o dado com um rostinho completo, a criança tentasse unir as partes corretas. No final do documento, tinha exemplos de carinhas que poderiam ser desenhadas e a correspondência com cada sentimento. Além de trabalhar a motricidade fina, memória e associação de pares as crianças junto com os pais ou responsáveis poderiam usar do momento para perguntar e pedir ajuda, o que se encaixa também no objetivo de recurso de apoio às famílias, para retratar o tema dos sentimentos.



Foto: exemplo de realização de atividade do sentimento tristeza.

O objetivo geral de todas as atividades foi trazer de modo lúdico, possibilidades para que os responsáveis pudessem conversar com a criança sobre aquele sentimento, além de

promover meios nas quais elas pudessem trabalhar a motricidade fina e global e os demais aspectos citados em cada proposta.

● **“Estratégias para ensino-aprendizagem dos animais na educação infantil.**

A aluna responsável por desenvolver essa temática em conjunto com a Professora Zuin é a Amanda Mendes Molina, graduanda de quarto ano de Terapia Ocupacional da Universidade Federal de São Carlos - UFSCar.

Até o presente momento, foram trabalhados através da estratégia não presencial os seguintes animais: coelho, galinha, pato, vaca, porco, cavalo e ovelha. Algumas aves como pardal, beija-flor, João de barro e arara azul ainda serão trabalhadas no decorrer do primeiro semestre de 2020.

O projeto foi reorganizado para que pudessem ser utilizadas estratégias eficazes para dar continuidade ao processo de aprendizagem dos animais, mesmo com a suspensão das aulas presenciais na escola. Todas as atividades pensadas e sugeridas buscavam levar em consideração a possibilidade de serem executadas: o tempo que os pais teriam disponível para auxiliar as crianças na execução das atividades e quais recursos e materiais são prováveis de se ter em casa, visto que o ideal do projeto desde o início era utilizar materiais recicláveis.

Reiterando o que já foi retratado neste capítulo, o brincar é inerente à infância. Por isso a busca de propostas de atividades lúdicas, das quais as crianças possam participar do processo de construção da atividade, se entreter, se divertir, brincar e aprender de maneira não maçante (tanto para as crianças quanto para os pais).

A escolha dessa atividade (atividade lúdica) pode ser compreendida por ser uma atividade da infância. É na infância que ela se inaugura e como atividade humana, abre possibilidades para um campo onde as subjetividades se encontram com os elementos da realidade externa, possibilitando uma experiência criativa com o conhecimento (JURDI, p. 27, 2004).

Em cada semana era proposto trabalhar o aprendizado de um animal diferente. A proposta da atividade era organizada em pdf pela aluna e docente e uma vez que as duas estivessem de acordo, a mesma era encaminhada para os responsáveis no final de semana para que pudessem se planejar.

Para cada animal a proposta geral se dispunha em:

- Um vídeo lúdico introdutório, que conduz com a faixa etária dos alunos, na qual o animal a ser trabalho é o protagonista;
- Uma história, através de livros online, vídeos com contação de história ou áudios/vídeos no qual a Professora Zuin lia para os alunos materiais que não eram encontrados gratuitamente online;
- Informações principais dos animais, em sentenças breves e simples, acompanhadas de imagens. Como exemplos: a qual classe o animal pertence?; possui pêlos ou penas?; esse animal pode ser encontrado com uma variedade de cores?; possui focinho ou bico?; do que se alimenta?; esse animal fornece algo para os humanos? As imagens têm como objetivo aproximar as crianças das informações de uma maneira mais lúdica e ilustrativa;
- Atividades sugeridas. Ao passar das semanas, a estratégia de sugerir mais atividades para que os responsáveis pudessem escolher dentre elas quais se adequam mais ao contexto que estavam vivendo em seu domicílio foi adotada. As atividades levavam em consideração quais recursos e materiais seriam necessários para realizá-las, de modo que optou-se por sugerir atividades que utilizam materiais simples como tinta, canetinha, lápis de cor, papel e materiais recicláveis. Como exemplo de atividades sugeridas pode-se citar o carimbo de mão e carimbo de pé (no qual é passado tinta de cores distintas nas mãos ou pés da criança e ela carimba o mesmo numa folha e após personalizar com canetinha esse carimbo representa um animal); origami, contação e encenação de história, construção dos animais com garrafa pet ou rolo de papel higiênico.



Foto: exemplo de atividade desenvolvida pelas crianças na semana dos porquinhos.

As atividades também, em seu geral, buscam desenvolver a coordenação motora global e coordenação motora fina, coordenação viso motora, destreza manual, lateralidade, além do raciocínio lógico, linguagem e estímulo a criatividade para favorecer os processos de aprendizagem. Tal temática do projeto bem como suas atividades serão mais bem detalhadas no capítulo “É O BICHO! Interface Terapia Ocupacional e Educação Infantil no aprendizado sobre os animais no contexto da pandemia de COVID-19”.

Considerações finais

A principal preocupação da Terapia Ocupacional para com o seu público alvo de atuação parte principalmente da identificação de onde aquele sujeito traz suas dificuldades e a partir disso o profissional faz uma análise em todos os quesitos que envolvem sua vida cotidiana, engajamento e ocupação.

Pontuamos assim que a proposta vai de acordo com a definição de ocupação dada pela WFOT, na qual afirma-se que

na terapia ocupacional, ocupações se referem a atividades diárias que as pessoas realizam como indivíduos, em família e com a comunidade para ocupar tempo e trazer significado e propósito à vida. Ocupações incluem coisas que as pessoas precisam e querem realizar e também o que é esperado que realizem (WFOT, [2012?]).

No caso do público infantil, nosso objetivo visa sempre o desenvolvimento e sua potencialização. Pensamos nossas ações de maneira lúdica, porque é a melhor forma como uma criança pode absorver alguma habilidade, sempre partindo de um propósito.

Nesse sentido, as propostas estabelecidas durante esse capítulo não somente partem de um projeto inicial pensado específico para cada temática: sentimentos e animais. Essas experiências fazem parte da estruturação de um projeto idealizado para atender as necessidades das famílias durante a pandemia em seu período de isolamento social, que afeta a rotina das crianças, trazendo dificuldades no engajamento e na ocupação. Deste modo, as ações propostas deste projetos são coerentes e caminham junto com o que a WFOT traz em sua declaração pública da resposta da Terapia Ocupacional à pandemia do COVID-19: “os terapeutas ocupacionais irão trabalhar com pessoas para desenvolver estratégias para facilitar o contínuo acesso a suas ocupações” (WFOT, [2020?]).

Referências

CID, M.F.B., SQUASSONI C.E.T Elementos acerca do desenvolvimento socioemocional. In: **Desenvolvimento da criança de zero a seis anos e a terapia ocupacional**. EDUFSCAR, 2016.

JOAQUIM, R. H. V. T.; ALBUQUERQUE, I. O brincar e o desenvolvimento infantil. In: **Desenvolvimento da criança de zero a seis anos e a terapia ocupacional**. EDUFSCAR, 2016. JURDI, A.P. S.; BRUNELLO, M. I. B.; HONDA, M. Terapia ocupacional e propostas de intervenção na rede pública de ensino. **Rev. Ter. Ocup. Univ. São Paulo**, v.15, n.1. p. 26-32, jan./abr., 2004. DOI: <https://doi.org/10.11606/issn.2238-6149.v15i1p26-32> Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/rto/article/view/13934/15752>. Acesso em: 27 mar. 2020

SILVA, M. R. A terapia ocupacional pediátrica brasileira diante da pandemia da COVID-19: reformulando a prática profissional. **Rev. Interinst. Bras. Ter. Ocup. Rio de Janeiro**. 2020 Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/ribto/article/view/34171> Acesso em: maio de 2020.

World Federation of Occupational Therapists (WFOT). [about occupational therapy]. About Occupational Therapy [acesso junho de 2020]. Disponível em: <https://www.wfot.org/about/about-occupational-therapy#:~:text=Definition%20%22Occupation%22,and%20are%20expected%20to%20do>.

World Federation of Occupational Therapists (WFOT). [about public statement occupational therapy response to the COVID-19 pandemic]. About Public Statement Occupational Therapy Response to the COVID-19 Pandemic [acesso junho de 2020]. Disponível em: <https://www.wfot.org/about/public-statement-occupational-therapy-response-to-the-covid-19-pandemic>

World Health Orgazation (WHO). [homepage na internet]. WHO announces COVID-19 outbreak a pandemic. [acesso maio de 2020]. Disponível em: <http://www.euro.who.int/en/health-topics/health-emergencies/coronavirus-covid-19/news/news/2020/3/who-announces-covid-19-outbreak-a-pandemic>

World Health Organization. Guidelines on physical activity, sedentary behaviour and sleep for children under 5 years of page. 2019. [acesso maio de 2020]. Disponível em: <https://apps.who.int/iris/handle/10665/311664>.

Capítulo 6

A Cozinha como espaço de convivência: cheiros, sabores, afetos e memórias

Daniele Souza de Oliveira
Poliana Bruno Zuin

Em tempos de pandemia, o isolamento se tornou a opção mais segura para a maioria das pessoas. Junto com ela trouxe o desafio de tornar o lar um ambiente para convívio, lazer, trabalho, estudo e diversas outras ocupações cotidianas. Distantes da escola, as crianças estão sendo assistidas pelos familiares e as escolas têm tido amplo debate de como deve ser as relações em tempos de pandemia.

Isto posto, algumas instituições escolares estão conseguindo gravar aulas, propondo atividades e muitas vezes realizando aula online. Mas ao que se refere à Educação Infantil, como deve ser realizada essa relação?

Como professora e pesquisadoras de práticas na Educação Infantil e buscando firmar parceria entre professor e família é que utilizamos a tecnologia, como um dos mediadores para diálogo e interação com as famílias em prol de educação e acolhimento para as crianças e seus familiares. Buscando amenizar as consequências que o isolamento pode gerar e tentando manter as crianças envolvidas em atividades que auxiliem no seu desenvolvimento físico, cognitivo e social, junto a seus familiares, acredito que a Educação Infantil nesse momento deve promover o acolhimento a essas crianças e famílias, de maneira a mediar atividades que sejam sugeridas para que pais e filhos possam ter momentos prazerosos, de leitura, de pintura, de culinária, etc.

Pensando um pouco neste novo contexto, verificamos que as famílias nunca tiveram tanto tempo para estar presente junto às crianças como agora. Observa-se que o isolamento trouxe a oportunidade de ressignificar o papel dos familiares na educação

dos filhos, permitindo a realização de experiências fora do contexto escolar, mas que podem trazer significado para ambos e contribuir para o desenvolvimento infantil. Nos alimentar por exemplo é um ato que faz parte das nossas Atividades de Vida Diária, e é tão essencial quanto respirar e beber água, pois precisamos dos alimentos para fornecer nutrientes ao nosso corpo. Por esse motivo, sendo essa uma atividade essencial para todos os seres humanos, e em tempos de pandemia, a cozinha pode ser um excelente espaço de convivência, afetos e aprendizagens.

A cozinha é um ambiente que para muitas famílias traz a ideia de acolhimento, um momento de convivência entre os membros da família. As sugestões de atividades relacionadas à cozinha e à culinária fazem parte do Projeto “Eu e meu Mundo” em que se busca trabalhar o cotidiano da criança para depois ir explorando conceitos que são a ela mais distantes.

Explorar as ações que ocorrem na casa é um bom caminho para a escola e a família, pois permite que as aprendizagens se tornem significativas. Mesmo que cada indivíduo tenha suas atividades a desempenhar ao longo do dia, o ato de se alimentar pode ser um dos momentos em que todos podem estar juntos. Muitas famílias provavelmente podem já considerar a cozinha como um espaço de convivência, mas com o isolamento, outras ainda podem estar em processo de adaptação e buscando meios para se ter mais qualidade de vida e um ambiente agradável para se estar.

Investir na cozinha como um espaço de convivência e afeto pode ser um excelente começo, principalmente quando se tem crianças em casa, as quais estão sempre em busca de diversão, e os pais precisam ser criativos para suprir essa necessidade. Afinal, quando as crianças estão no ambiente escolar ou quando podem sair com os familiares, socializam com outras crianças e pessoas, realizam diferentes atividades, tem momentos para brincar e correr, mas dentro de casa tudo fica mais limitado. Para entender como a cozinha pode ser esse espaço de convivência e afeto, é importante entender como se forma uma comida afetiva e como isso está relacionado com o convívio.

Muito mais que alimentar-se para nutrir-se, o homem tem a necessidade de se relacionar com outros homens, por isso, na história da alimentação, desde os tempos remotos, os homens estão sempre em comunhão, com outros homens. Assim, a alimentação e a atividade de se alimentar é algo histórico-cultural, ultrapassando o sentido de nutrir-se para sobreviver, uma vez que nela estão contidos aspectos culturais de uma determinada sociedade, comunidade e região como, por exemplo: rituais, tipos específicos de consumo de alimentos (geralmente ligados há preceitos de uma religião), diferentes modos de manufatura e produção, entre muitos outros aspectos. (Poliana Zuin e Luís Fernando Soares Zuin, p.22, 2009)

O livro sobre o simbolismo da comida no Brasil de Da Matta (1987), estabelece que alimento seja tudo aquilo que pode ser ingerido, já a comida é o alimento no qual o indivíduo imprime a preferência ao fazer suas refeições, baseado em sua cultura, experiências, sentimentos e simbolismo relacionados ao alimento em questão (apud TAVARES, 2018, p. 13). O alimento pode ser interpretado pela forma que ele é feito ou mesmo consumido, contribuindo para o conceito de comida afetiva, ou seja, a comida pode ser produzida de modo que faça com que aquele que coma, sinta sensações além da saciedade (TAVARES, 2018). Afetividade é um estado psicológico do ser humano que pode ser modificado a partir de situações, tal estado é de grande influência no comportamento, WALLON (2007 p. 28, apud TAVARES, 2018, p. 16). A partir desses apontamentos é possível pensar que em todo o processo de cozinhar, desde a escolha dos alimentos, seu preparo para se tornar comida, o envolvimento da(s) pessoa(s) que estão cozinhando e o significado daquele ambiente para a família, podem envolver sentimentos memórias e pensamentos, e por isso a comida pode se tornar afetiva.

Nossa afetividade é construída desde que nascemos, já na relação alimentar com o seio da mãe, e conforme crescemos, de acordo com a relação com meio externo, mais principalmente de acordo com as relações familiares, as afetividades vão se alterando. Em isolamento social as famílias podem usar a

cozinha como um ambiente para conviver mais e para estimular o afeto, Tavares (2018, p. 18-19) considera que:

O ato de cozinhar com afeto possui significados que estão enraizados no cerne familiar, um prato tradicional feito pela mãe que vai passando de geração em geração. O afeto e o gosto de se fazer uma comida estão diretamente ligados ao sujeito, despertando ou não sentimento. É na reunião familiar que acontece o encontro em torno da mesa. O modo de preparo é por vezes, afetuosos, memoriando aquele que tem aptidão para tal, ficando marcado no âmbito familiar.

Todos já devem conhecer as famosas “Madeleines” de Proust descritas no romance “*À la recherche du temps perdu*”. Nesta obra, Marcel Proust nos traz um relato detalhado da madeleine com chá, quando por meio desses sabores sua memória o levou a sua infância com sua tia. O relato de suas memórias nos faz querer sentir todas as sensações descritas por Proust (2012) ao provar a madeleine, vejamos:

“o aroma e o sabor permanecem ainda por muito tempo, como almas, chamando-se, ouvindo, esperando, sobre as ruínas de tudo o mais, levando sem se submeterem, sobre suas gotículas quase impalpáveis, o imenso edifício das recordações.”

Não é diferente na retratação contida no filme “Ratatouille” em que o crítico de gastronomia ao colocar uma colherada do prato em sua boca, no restaurante “Le Gaston”, logo se lembra emotivamente do preparo do prato que sua mãe lhe fazia, evocando inúmeras emoções.

Cada família traz consigo memórias gustativas e receitas que lhe são caras e de famílias. Todavia, nem todas as famílias da atualidade possuem tempo de se debruçar na cozinha e preparar os pratos das principais refeições. Dada a correria profissional, muitas famílias acabam comendo fora e as crianças muitas vezes na escola, possuindo pouco tempo para juntos prepararem as refeições de acordo com suas preferências, hábitos e gostos, fazendo com que a cozinha se torne o “coração da casa”, ou seja, um ambiente para gerar acolhimento e afeto.

Diante do exposto, o acolhimento realizado por nós às famílias do Grupo 3 da Professora Poliana da Unidade de Atendimento à Criança (UAC - UFSCar) também foi referente à propostas de sugestões de atividades que pudessem ser realizadas na cozinha a fim de alimentar não só o corpo, mas a alma. Maria Callas nos dizia “que quem ama cozinhar, ama criar”, propiciar aos pequenos a arte da culinária evoca inúmeras aprendizagens.

As atividades sugeridas que envolviam a cozinha a princípio iniciaram-se como trocas de receitas, postagem de fotografias de alguns pratos, etc. Em um segundo momento, teve não só o objetivo de promover esse espaço como um momento de acolhimento e partilha de afeto, como também objetivou auxiliar e estimular o desenvolvimento infantil das crianças por meio das atividades, trabalhando diferentes aspectos motores, cognitivos e sociais, tentando realizar uma aproximação das crianças com aquilo que consomem, para adquirirem conhecimentos como de onde vem os alimentos, como é cuidado e preparado.

Dentre as diferentes atividades propostas, as que envolviam a cozinha e os alimentos tiveram uma maior participação dos familiares. Pensando nisso, é possível compreender que neste contexto de pandemia e isolamento social, este ambiente está sendo importante para essas famílias. Isso provavelmente ocorre pelo fato de a cozinha ser um ambiente em que é necessário se estar e realizar atividades diariamente. Além disso, como foi necessário se readaptar dentro de casa para desempenhar diversas funções cotidianas e conseguir inserir as crianças neste contexto, afinal, antes elas passavam um período na escola e agora estão em casa, a cozinha é um ambiente mais fácil de se inserir as crianças e despertar o interesse das mesmas. Assim como, é possível considerar que dependendo das atividades alguns familiares podem ter mais dificuldade em desenvolvê-las com as crianças do que as atividades realizadas na cozinha, que provavelmente já é um ambiente que estão mais confortáveis e habituados.

A seguir é possível visualizar por meio de fotografias compartilhadas pelas famílias, resultados e momentos de atividades que foram realizadas neste ambiente ou relacionadas a ele:

Fotografia 1



Fonte: acervo autoras

Fotografia 2



Fonte: acervo das autoras

Nestas duas primeiras imagens as duas crianças estão auxiliando um familiar no preparo de um alimento, na primeira

imagem estão fazendo um bolo e na segunda estão fazendo danoninho caseiro. Ambas as atividades permitiram que as crianças trabalhassem tanto sua coordenação motora global quanto sua coordenação motora fina, e o desenvolvimento da autonomia.

De acordo com a obra de Zuin, P. e Zuin, L.F. (2009, p.117)

Outro ponto importante para a formação da criança é a preparação dos alimentos junto com os pais, familiares ou outros mediadores. Não há problema que levemos os pequenos à cozinha, desde que se vá ensinando a eles os perigos, atribuindo-lhes tarefas que são acessíveis às diferentes idades. É fundamental para a aprendizagem, estar inserido no processo. Desta maneira, participar na preparação de qualquer prato faz com eles aprendam a apreciar ainda mais os alimentos a serem consumidos. Nesses momentos, as crianças irão percebendo os valores simbólicos dos rituais, dos costumes, apreendendo a história dos seus convivas e de sua cultura.

Fotografia 3



Fonte: acervo autoras

Fotografia 4



Fonte: acervo autoras

Na terceira e quarta imagem, as crianças criaram desenhos nos pratos utilizando os alimentos. Nesta atividade ocorre o estímulo da criatividade, as crianças tiveram contato com diferentes estímulos sensoriais e texturas que a comida oferece, assim como estimulou a capacidade lógica de executar com os materiais disponíveis uma imagem que se tinha em mente.

Fotografia 5



Fonte: acervo autoras

Esta imagem é o resultado da produção de tinta caseira utilizando alimentos realizada por uma criança com auxílio de um familiar. O objetivo desta atividade foi unir a pintura infantil que é muito importante para o desenvolvimento das crianças com a produção de tintas originadas de alimentos. Tanto o ato de a criança auxiliar na produção quanto o ato de pintar, permitiu que ela trabalhasse coordenação motora, agilidade, ritmo, percepção espacial, além de a pintura ser uma atividade que transmite sensação de bem-estar psicológico.

Fotografia 6



Fonte: acervo autoras

Nesta atividade a criança construiu com auxílio de um familiar um fogão, a construção do fogão em 3 dimensões permitiu que a criança começasse a desenvolver a noção do espaço tridimensional e de sua representação, assim como decoração de forma livre exercitando a criatividade, e como o fogão e a cozinha estão associados ao ato de comer exercitando a sua memória e a autonomia.

Diante do exposto, a cozinha, lugar de afetos e sabores é um espaço de inúmeras aprendizagens e de interações.

Referências:

Da MATTA, R. Sobre o simbolismo da comida no Brasil.

Correio da Unesco, 15(7):21- 23, 1987.

PROUST, M. Em busca do Tempo Perdido, No Caminho de Swann, Vol.I, Globo Livros, 2012.

TAVARES, Adriano Pereira. Comida afetiva: uma expressão de gosto, hospitalidade e memória. 2018.

ZUIN, L.F. e ZUIN, P.B. Tradição e Alimentação. Aparecida, SP: Ideias e Letras, 2009.

Capítulo 7

Um jardim para cultivar

Daniele Souza de Oliveira
Poliana Bruno Zuin

O ano de 2020 trouxe grandes impactos em todo o mundo devido a pandemia causada pela COVID-19. Pensando nas famílias de crianças que estão na educação infantil, além dos riscos para a saúde física, a doença tem causado impactos no modo de vida dessas pessoas, que agora precisam conciliar a educação e bem-estar dos filhos com o trabalho e os deveres cotidianos. Também não há como negar que esse isolamento social por tempo ainda indeterminado, acarreta prejuízos no desenvolvimento e aprendizagem das crianças, principalmente pelo fato de que alunos da educação infantil com até 6 anos de idade, dentro do contexto escolar, tem acesso a experiências concretas e interativas que auxiliam a consolidar o conhecimento que estão adquirindo. Deste modo, pensando nesses fatos, este texto tem como objetivo apresentar um jardim para se cultivar dentro de casa, como uma das alternativas e possibilidades para continuar estimulando o desenvolvimento e aprendizagem das crianças de uma maneira divertida, apontando aspectos de como o jardim pode melhorar a qualidade de vida das famílias e a interação com as crianças. Neste capítulo busca-se relatar as observações sobre as experiências vivenciadas por meio da parceria entre a Professora Poliana com as famílias e crianças do Grupo 3 do período da tarde na Unidade de Atendimento a Criança (UAC), e a participação de graduandas e mestrandas da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), usando tecnologias como meio para realização desse acolhimento.

1. Importância do contato com a natureza para a Infância

Antes de falar sobre o jardim é importante entender como o contato com a natureza é benéfico para o desenvolvimento das crianças como um todo. Pensando no projeto “Eu e Meu Mundo” do qual eu participo, buscando trazer atividades plásticas e sensoriais com a supervisão da Professora Poliana, com as temáticas sugeridas por ela, buscamos dar continuidade aos trabalhos da sala, antes da Pandemia. Havíamos trazido o contexto da casa e explorado junto com as crianças alguns ambientes como quarto (com o objetivo de explorar as leituras das crianças sobre esse espaço na casa), banheiro (higiene pessoal) e cozinha (um lugar lúdico e de exploração de cheiros e sabores). Dando continuidade a esse projeto buscamos trabalhar com a cozinha e o jardim, sendo esse último um local de onde podem vir os alimentos. Diante desse contexto que buscamos sugerir atividades de acolhimento entre os familiares e as crianças por meio da exploração dos jardins.

Segundo Cocito (2016), alguns espaços podem não se configurar de forma convencional e não nos oferecer “pistas” claras de que é um espaço com potencialidades pedagógicas e promotoras do desenvolvimento infantil. Atualmente, apesar de muitas famílias viverem em ambientes em que seus filhos têm contato mais próximo com a natureza, a maioria vive em ambientes urbanos e sem elementos da natureza presentes. Além disso, a vida moderna faz com que contato físico com o próprio meio ambiente natural seja cada vez mais indireto e limitado a ocasiões especiais (TUAN, 2012 apud COCITO, 2016).

Apresentar e manter o contato das crianças com a natureza, permite que elas desenvolvam todos os seus sentidos porque terão contato com diferentes sons, cores, texturas, gostos e cheiros; estimula a criatividade por favorecer a imaginação; pode incentivar a melhora da alimentação, pois as crianças podem ter contato direto com alimentos que consomem; auxilia no desenvolvimento do sistema imunológico; permite que as famílias ensinem as crianças sobre a importância do cuidado com a natureza, desenvolvendo a consciência ecológica e aspectos da sustentabilidade.

Ademais, a natureza é um ambiente propício para que as crianças desenvolvam sua autonomia, liberdade, aprendizagem e, permite um brincar que vai além dos brinquedos já existentes, a criança é livre para inventar o seu modo de brincar com os elementos da natureza, um mundo à parte, que motiva as crianças de forma que cada momento nesse ambiente gere uma oportunidade diferente.

Conjuntamente, a experimentação e movimentação das crianças no ambiente em que estão inseridas permite que o sistema nervoso amadureça de modo que vão adquirindo habilidades que modificam o comportamento motor das mesmas. Esse comportamento é dividido em coordenação motora global: responsável pelo movimento dos grandes músculos que mantém a postura e permite a realização de movimentos globais (OLIVEIRA, 2002), e coordenação motora fina: responsável pelos movimentos e destreza manual a partir da coordenação dos pequenos músculos, permitindo ao indivíduo pegar objetos com a ponta dos dedos e com as mãos, escrever, desenhar, etc., (PESSOA, 2003).

Apesar de se ter características típicas esperadas ao longo do desenvolvimento, tudo é variável a depender dos estímulos e oportunidades que lhes são disponibilizados pelas pessoas ao seu redor e pelo ambiente. De acordo com Vygotsky (2001), nos constituímos na história ao mesmo tempo em que fazemos a história, ou seja, são as relações sociais e o ambiente no qual estamos inseridos que vão nos constituindo, o que possibilita que também venhamos a modificar esse ambiente e essas relações. Deste modo, o contato com a natureza propicia um ambiente repleto de estímulos diferentes, de experiências que auxiliam no desenvolvimento da criança. Pensar em possibilidades que possam trazer as crianças para mais perto da natureza é uma forma de enriquecer seu desenvolvimento como um todo.

2. O jardim

Existem diversas maneiras de realizar essa aproximação entre a natureza e as crianças, mas pensando que o isolamento social limita esse contato, cultivar um jardim em casa pode ser

uma excelente alternativa. Um jardim, pode além de gerar a oportunidade de as crianças e as famílias terem o contato com a natureza citado anteriormente, como também trazer beleza e alegria para um ambiente, auxiliar no relaxamento por meio das cores e cheiros das plantas, permite ter um ambiente mais úmido e com melhor qualidade do ar. Para algumas pessoas as plantas podem ter poderes curativos, para outras inspiram a criatividade, auxiliam na concentração, diminui o estresse, acalma os olhos e diversos outros benefícios, que conduzem a uma melhor qualidade de vida. Permite ainda, que outras vidas possam existir e embelezar o dia e aproximar as crianças de diferentes tipos de animais, como as aves e os insetos.

O jardim pode ser construído em diferentes lugares, na varanda de um apartamento, no quintal ou corredor de uma casa, em um espaço mais aberto ou em outros ambientes de uma casa, depende das possibilidades de cada família. Além disso, não é necessário se ter um espaço grande para elaborar o jardim, usando a criatividade é possível fazê-lo em um pequeno espaço. É preciso pensar em que ambiente gostaria de ter um jardim, quais plantas gostaria de se ter e quais são possíveis para aquele espaço e ambiente. Em um jardim pode-se cultivar flores, frutas, temperos, legumes, verduras e plantas dos mais variados tipos. Podendo já adquirir plantas desenvolvidas ou cultivar por meio de mudas e sementes. O jardim pode ser construído no chão, diretamente na terra ou utilizando pequenos e grandes vasos, assim como pode ser feito na parede, conhecido como jardim vertical.

Para se cultivar um jardim também é importante buscar conhecimentos básicos acerca da botânica sobre água, luz, adubo, pragas e doenças, pois as plantas necessitam de atenção e cuidado para viverem. Existem diversos conteúdos sobre a jardinagem disponíveis hoje em dia, com acesso à internet e/ou a livros esses conhecimentos podem ser adquiridos facilmente.

Muitas pessoas acreditam que para ter plantas em casa é necessário muito trabalho para mantê-las, no entanto, as dificuldades dependem do tipo de planta, da quantidade e do tamanho do espaço. Porém, isso não é um impeditivo se há o desejo de se cultivar um jardim. Basta pensar e planejar de acordo

com a disponibilidade para os cuidados que devem ser realizados, por isso é importante buscar conhecer as plantas desejadas, para planejar e executar de forma a alcançar esse objetivo.

Durante a construção do jardim é importante inserir as crianças nesse processo, para que elas criem conexão com a atividade e esta se torne uma experiência significativa para ela, estimulando seu interesse a longo prazo. Para isso, as famílias podem pedir ajuda das crianças: no plantio para que ela entre em contato com a terra e a planta, exercitando sua coordenação motora fina, os sentidos; na organização da disposição dos vasos ou das mudas exercitando tanto a coordenação motora global quanto a fina, e a autonomia. Além disso, é interessante ensinar as crianças durante a construção do jardim como chama cada planta, se é uma flor, se é um pé de fruta, se é um legume etc., para que elas possam ir fazendo associações com informações que já possuem e para que possam aprender novas coisas. Após a construção de um jardim, as famílias podem ensinar as crianças como o cultivar de fato, permitindo que elas auxiliem nos cuidados como regar, adubar, podar, estimulando as capacidades das crianças, bem como de acordo com o desenvolvimento das plantas, ir ensinando ou lembrando características das plantas, como por exemplo em que podem ser usadas, a importância de cultivar plantas e a também sobre o meio ambiente.

Todo esse processo, que para muitos pode não parecer, pode ajudar a criança a desenvolver aprendizado, capacidades, melhorar o convívio, permitir até que as famílias tenham esse momento de fazer uma atividade juntos, partilhar, criar memórias e, conseqüentemente, trazer mais bem-estar a toda a família. Para a criança pode se tornar uma brincadeira, ou até um hábito cotidiano, pois ela aprendeu a cuidar de algo, como vai aos poucos aprendendo a cuidar de si.

É importante considerar, que talvez muitas famílias não possam construir de fato um jardim nesse momento de pandemia por diversas questões, como falta de acesso a recursos, condições financeiras entre outros. Mas é possível construir um jardim de papel ou com materiais recicláveis durante esse momento, não haverá o contato direto com a natureza, mas também é um estímulo ao desenvolvimento e aprendizagem, um

momento para brincar entre família, além de ser um incentivo para despertar o interesse para se ter um jardim de verdade quando possível.

3. Considerações sobre o acolhimento realizado com as famílias

Diversas atividades estão sendo propostas as famílias semanalmente por meio de um grupo no WhatsApp, com o objetivo de que cada dia da semana as crianças tenham a oportunidade de realizar diferentes experiências e aprendizados. Dentre as atividades, as relacionadas ao jardim foram de inglês e também sugestões de plantio, bem como trabalhos com folhas, tais como a Frotagem, além da observação e escuta dos passarinhos que estão nele:

A seguir, fotos de atividades de duas crianças:

Fotografia 1



Fonte: Acervo das autoras

Fotografia 2



Fonte: acervo das autoras

Em outros momentos as atividades baseavam-se: em observação e cuidados, tais como: as crianças tinham que pensar sobre o que as plantas precisam para nascer, ensinando-as por vídeo sobre os elementos e seus nomes, inclusive em inglês, a partir de uma atividade já realizada anteriormente com as crianças plantando uma rosa. Também foi sugerido que as crianças plantassem milho de pipoca colocando os elementos da natureza aprendidos.

É necessário salientar que a Professora Poliana também gravou um vídeo em seu jardim interagindo com as propostas dos projetos de inglês e “Eu e meu Mundo” evidenciando as cores de flores em português e inglês que tinha em seu Jardim. A Professora evidenciou o cultivo de um jardim de temperos explicando para que preparações utilizava de maneira a estimular o plantio em casa, bem como a realização de refeições usando a horta caseira. Nessa dialogia entre as famílias, algumas enviaram

fotografias do que estavam plantando ou cultivando, tal como abobora, feijão, alho e o próprio milho.

A seguir, fotos de plantas cultivadas por 4 crianças a partir da atividade proposta:

Fotografia 3



Fotografia 4



Fonte: acervo das autoras Fonte: acervo das autoras

Fotografia 5



Fotografia 6



Fonte: acervo das autoras Fonte: acervo das autoras

Nesse período em que as crianças estão em casa com as famílias, elas também puderam presenciar os efeitos do outono, e como continuidade do que anteriormente a professora Poliana

havia ensinado as crianças sobre o planeta Terra em relação ao processo de rotação, translação e as estações do ano, foram propostas atividades em que as crianças pudessem utilizar as folhas que caíram das árvores durante o outono para realizá-las, como observamos a seguir:

Atividade proposta para realização de colagem com as folhas:



OUTONO
EXPLORANDO O JARDIM

Vamos coletar algumas folhas no jardim e nas ruas?

Busque por folhas bonitas, folhas mais quebradas, qualquer folha que te chame a atenção. :]
Colete uma boa quantidade.

Depois de coletadas, cole-as em uma folha de papel, formando desenhos. Use sua criatividade!

Alguns exemplos de colagem com folhas estão na próxima página.

The image shows a green worksheet with a pattern of light green circles. It contains text in Portuguese and several examples of collages. The collages use autumn leaves to create animals like a bear, a fox, a rabbit, a cat, and a bird. One collage shows a bear's face with a leaf for its nose and a leaf for its mouth. Another shows a fox's head with a leaf for its ear and a leaf for its tail. A third shows a rabbit's head with a leaf for its ear and a leaf for its nose. A fourth shows a cat's head with a leaf for its ear and a leaf for its nose. A fifth shows a bird's head with a leaf for its beak and a leaf for its eye. A sixth shows a bear's head with a leaf for its nose and a leaf for its mouth. A seventh shows a fox's head with a leaf for its ear and a leaf for its tail. A eighth shows a rabbit's head with a leaf for its ear and a leaf for its nose. A ninth shows a cat's head with a leaf for its ear and a leaf for its nose. A tenth shows a bird's head with a leaf for its beak and a leaf for its eye. A eleventh shows a bear's head with a leaf for its nose and a leaf for its mouth. A twelfth shows a fox's head with a leaf for its ear and a leaf for its tail. A thirteenth shows a rabbit's head with a leaf for its ear and a leaf for its nose. A fourteenth shows a cat's head with a leaf for its ear and a leaf for its nose. A fifteenth shows a bird's head with a leaf for its beak and a leaf for its eye.

O que estamos exercitando?

A realização dessa atividade trabalha a coordenação motora global ao procurar as folhas e a coordenação motora fina ao pegar as folhas, ao realizar o processo de montagem de animais com as folhas e também na utilização da cola, pois a criança pode usar aos mãos para abrir a cola e passa-la nas folhas com os dedos ou pincel.

A utilização da cola sozinha, também estimula a autonomia, além disso, geralmente ao usá-la sozinha a criança coloca cola em excesso ou despeja mais do que o necessário para uso. Nesse momento, vocês podem estimular a criança a resolver este problema, fazer ela pensar: "E agora, caiu cola demais, como resolver?", talvez o que a criança proponha como solução não resolva de primeira, mas vai se trabalhando esse aspecto de resolução de problemas nas tentativas.

Trabalha também aspectos sensoriais, pois quanto maior a diversidade de folhas, a criança terá contato com diferentes texturas e com o cheiro que essas folhas possuem.

Foto de um passarinho feito com colagem das folhas por uma das crianças e compartilhada pela família:

Fotografia 7



Fonte: acervo das autoras

Atividade proposta para realização de frotagem:

JARDIM
PINTANDO A NATUREZA

Vamos coletar algumas folhas no jardim e nas ruas?
Busque por folhas bonitas, folhas mais quebradas, qualquer folha que te chame a atenção :)
Colete uma boa quantidade.
Você pode usar algumas das folhas que sobraram da atividade anterior, ou então coletar folhas novas!

Nessa atividades, vamos explorar as impressões das folhas em papel utilizando giz de cera - essa técnica se chama *frotagem*.
Vocês também podem explorar outras coisas com relevos e texturas diferentes para essa atividade.

Como fazer:
Em uma superfície, coloque as folhas (ou os outros objetos) embaixo de um papel. Peça para que a criança aperte o papel contra o que está embaixo e para que ela pinte com o giz.
Os relevos farão desenhos coloridos na folha de papel :)
Vocês também podem substituir o giz de cera por carvão ou lápis de cor.

A collage of six small images showing the process of leaf rubbing (frotagem) on paper. The images are arranged in a 2x3 grid. The top row shows hands holding a piece of paper over a leaf and then rubbing it. The middle row shows the resulting colorful impressions of leaves on paper. The bottom row shows more examples of leaf impressions, including one with a green leaf and another with a brown leaf.



Foto de uma das crianças realizando todos os processos da atividade proposta:

Fotografia 8



Fonte: acervo das autoras

A próxima foto é de uma criança com um passarinho confeccionado por ela juntamente com os seus familiares a partir da atividade de observação sobre as aves que vêm até o jardim e auxiliam na propagação das plantas quando se alimentam:

Fotografia 9



Fonte: acervo das autoras

4. Considerações finais

Por meio dos dados em mãos, vimos por fotografias enviadas pelas famílias que houve uma pequena participação em relação as atividades sugeridas relacionadas ao jardim.

Analisando de uma maneira geral, mesmo as atividades que tiveram retorno, foram realizadas por menos da metade do total de famílias, mostrando que a grande maioria não está

conseguindo realizá-las. Pensando que em tempos de pandemia, as famílias estão vivendo uma nova realidade, é possível que não estejam realizando as atividades por falta de tempo, por não conseguirem conciliar todas as atividades cotidianas, por não conseguirem se organizar para tais atividades, por terem filhos em diferentes idades e com necessidades diferentes, e diversos outros motivos que não são palpáveis aos nossos olhos, pois estamos tendo um contato mais indireto com essas famílias e crianças.

A partir disso, é possível concluir que o isolamento é uma situação muito delicada e que provavelmente afeta muitas famílias de diferentes formas, de acordo com a realidade de cada uma. Mesmo que apenas algumas famílias estejam dando retorno sobre as atividades, este acolhimento por meio de tecnologias é de extrema importância para incentivar e orientar as famílias a como lidar com a atual situação. Sabemos que não são todas as escolas que estão conseguindo realizar esse diálogo com as famílias e é possível imaginar o quão difícil deve estar sendo este período. Diante desse contexto, é importante que a escola insista no acolhimento mesmo que não tenha os resultados mais desejados, para que continue existindo a relação escola → família, sugerindo atividades que auxiliem na aprendizagem e no desenvolvimento das crianças, utilizando diferentes estratégias como, por exemplo, o cultivo do jardim abordado neste capítulo.

Referencias:

COCITO, Renata Pavesi. A natureza como espaço educacional: oportunidades para a infância. In: Colloquium Humanarum. 2016. p. 94-100.

GAGLIONI, Cesar. Quais os efeitos da pandemia no desenvolvimento infantil. Nexo Jornal, 2020. Disponível em: <<https://www.nexojornal.com.br/expresso/2020/05/11/Quais-os-efeitos-da-pandemia-no-desenvolvimento-infantil>>. Acesso em: 20, maio, 2020.

JANNER, Eduardo; ERICHSEN, Ronaldo; JARDIM, Cátia Martins. contribuições da educação ambiental no jardim escolar promovendo o desenvolvimento da aprendizagem, observação e pesquisa. Anais do Salão Internacional de Ensino, Pesquisa e Extensão, v. 6, n. 1, 2014.

OLIVEIRA, G. C. Psicomotricidade: educação e reeducação num enfoque psicopedagógico. 7. Ed. Petrópolis: Vozes, 2002.

PESSOA, J. H. L. Desenvolvimento da criança, uma visão pediátrica. Sinopse de Pediatria, v. 9, n. 3, 2003.

Capítulo 8

Brincadeiras como Atividade Principal da Infância

Kétlin Cristina Ferreira
Poliana Bruno Zuin

Introdução

Existe um consenso entre diversos autores de que o brincar é a principal e predominante atividade da infância (CORDAZZO; VIEIRA, 2007; JOAQUIM; ALBUQUERQUE, 2016; CARDIA, 2011). E é por esse motivo que vem sendo estudado no campo científico, suas peculiaridades, relações com o desenvolvimento infantil e suas definições.

Leontiev (2001) já dissertava que os jogos e as brincadeiras se constituíam como a atividade principal da infância, mencionando a sua importância para a formação da personalidade da criança. Conforme aponta Facci (2006), apoiada nos estudos da teoria histórico-cultural, como por exemplo, Vygotsky e Elkonin, por volta dos dois anos de idade a criança começa a desenvolver a linguagem típica do comportamento humano que é a comunicação, porém nessa etapa do desenvolvimento da criança sua função é compreender a ação dos objetos, é assimilar suas ações com o mundo objeto. Utilizando-se dessas atividades ela vai reproduzindo ações realizadas pelos adultos com esses objetos, se esforçando para agir como um adulto, tal como apontava Leontiev.

Este capítulo tem por objetivo apresentar com base em pressupostos teóricos, informações sobre a importância do brincar dentro do desenvolvimento infantil e como a escola e a família tem papel importante na estimulação das brincadeiras dentro de sua rotina domiciliar.

Convém ressaltar que embora essa temática já venha sendo estudada por pesquisadores, no momento atual onde muitas

famílias brasileiras se encontram em isolamento social devido a pandemia da COVID-19 ela se torna extremamente importante. Visto que o Ministério da Saúde Brasileiro caracteriza a COVID-19 como uma doença de quadro clínico que varia de infecções assintomáticas para quadros respiratórios graves e tem seu meio de transmissão de uma pessoa para a outra (BRASIL, 2020).

Pensando na mudança da rotina e no afastamento presencial das crianças das unidades escolares, vale destacar a importância de reflexões acerca da relação entre a escola e a família. Afinal, embora sejam caracterizadas como entidades distintas, o diálogo entre ambas é fundamental para promover o desenvolvimento e aprendizagem da criança (LOPES, 2016). É por isso que a temática presente dentro do livro, na qual se encontra este capítulo, é sobre o acolhimento e uso das tecnologias da educação em parceria com as famílias.

O referencial teórico que será usado neste capítulo, se refere a autores que consideram que a aprendizagem e desenvolvimento humano são construídos e influenciados por um contexto, tanto cultural, como social e histórico. Como por exemplo, as teorias de Vygotsky (1991) e Biscoli (2005). Seguindo essa linha, faz-se necessário, elucidar algumas definições existentes sobre brinquedo, brincadeira e jogo.

A brincadeira é considerada a ação que a criança tem para desempenhar uma atividade lúdica (BISCOLI, 2005). Além disso, ela é vista como uma atividade livre e que não tem demarcações. O Brinquedo é conceituado como objeto de suporte da brincadeira. A finalidade dele é estimular a representação e expressão de imagens que enfocam aspectos da realidade (JOAQUIM, ALBUQUERQUE, 2016). Ainda em relação ao brinquedo Brougère; Wajskop (1997 apud CORDAZZO; VIEIRA, 2007) conceituam que este é um objeto cultural que tem significados e representações de acordo com o contexto e com a época, ou seja, ele é um produto que tem funções sociais dentro da ação lúdica. Para eles o simbólico torna-se a função do objeto. Neste caso um cabo de vassoura pode mudar de função nas mãos de uma criança, ao transformá-lo em um cavalo. E jogo é a brincadeira com regras preestabelecidas. Enquanto a brincadeira é livre e tem um fim

em si mesma, o jogo tem um objetivo final a ser alcançado (BROUGÈRE; WAJKOP, 1997 apud CORDAZZO; VIEIRA, 2007).

Desta forma, os estímulos lúdicos propiciados pelas mediações objetais podem ocorrer pelo brincar ou pelo jogar, que podem ser confundidos, visto que no final ambos podem ser usados como recursos para estimular e integrar aspectos do desenvolvimento. “ O prazer presente no brincar motiva a criança a continuar sua atividade e desta forma proporciona o aprender-fazendo, com atividades dinâmicas e desafiadoras, que exigem participação ativa da criança” (JOAQUIM; ALBUQUERQUE, 2016).

Quando se trabalha o lúdico na educação, abre-se um espaço para que a criança expresse seus sentimentos, oferecendo a ela a oportunidade para desenvolver a afetividade, para assimilação de novos conhecimentos. A partir do lúdico criam-se espaços para a ação simbólica e a linguagem podendo ser trabalhado com limites e regras entre a imaginação e o real (CARDIA, 2011, 4 p.).

Para Dias Facci (2004) a percepção que a criança tem do mundo irá definir os conteúdos da brincadeira. Nesse sentido, o comportamento dos pais, os vídeos consumidos na internet, as histórias que escuta, todo esse repertório será usado dentro do seu processo de brincar.

A criança desde seu primeiro ano de vida até os 3 anos de idade, tem suas ações baseadas na imitação cotidiana e a partir disso passa a dar vida aos objetos. Ela vai primeiro observar os gestos e ações das pessoas a sua volta e, depois, reproduzi-las de forma mais simplificada (CARDIA, 2011). Seguindo essa linha a família é o primeiro ambiente de socialização e mediadora da criança, por meio dela a criança recebe valores, regras, crenças.

Como primeira mediadora entre o homem e a cultura, a família constitui a unidade dinâmica das relações de cunho afetivo, social e cognitivo que estão imersas nas condições materiais, históricas e culturais de um dado grupo social. Ela é a matriz da aprendizagem humana, com significados e práticas culturais próprias que geram modelos de relação interpessoal e de

construção individual e coletiva (DESSEN; POLONIA, 2007, 2 p.).

Sendo assim, a família tem em sua origem um papel significativo na contribuição para o desenvolvimento infantil e aquisição de habilidades dentro de sua rotina. Para tanto, esse capítulo visa focar na influência da brincadeira no desenvolvimento e a participação dos pais, por isso, fez-se necessário as definições teóricas acima.

A brincadeira no desenvolvimento infantil

Embora existam contribuições de teóricos variados, assume-se aqui o brincar como uma linguagem da criança, uma forma de comunicação não verbal capaz de expor o que sentem. Esse brincar pode se manifestar de diversas formas, com o movimento, a arte, música, é uma linguagem expressiva que compreende o período entre o nascimento e os 6 anos de idade (CYPEL, 2011).

O brincar promove aprendizagem de modo natural, é por meio da brincadeira que a criança cria zonas de desenvolvimento que lhe proporcionam saltos qualitativos nas etapas e níveis esperados em cada fase (VYGOTSKY, 1991 apud CORDAZZO; VIEIRA, 2007).

A brincadeira, seja simbólica ou de regras, não tem apenas um caráter de diversão ou de passatempo. Pela brincadeira a criança, sem a intencionalidade, estimula uma série de aspectos que contribuem tanto para o desenvolvimento individual do ser quanto para o social. Primeiramente a brincadeira desenvolve os aspectos físicos e sensoriais. Os jogos sensoriais, de exercício e as atividades físicas que são promovidas pelas brincadeiras auxiliam a criança a desenvolver os aspectos referentes à percepção, habilidades motoras, força e resistência e até as questões referentes à termorregulação e controle de peso (SMITH, 1982, apud CORDAZZO; VIEIRA, 2007, 5 p.).

Outro aspecto que pode ser observado é que com a brincadeira a criança pode desenvolver sua capacidade

emocional e da personalidade. O brincar se relaciona com a aquisição de novas habilidades, e com a capacidade de elaborar vivências emocionais significativas (CYPEL, 2011). Sendo assim, brincando a criança consegue compreender melhor o que sente e se comunicar por meio daquela fonte.

Ao se estudar as inúmeras potencialidades do uso da brincadeira no desenvolvimento infantil, percebeu-se também que brincadeiras e jogos poderiam ser usados como facilitadores e estimuladores da aprendizagem na educação. No entanto, seu uso no currículo pré-escolar só passou a ser efetivo com a expansão de novos ideais, surgidos na década de 80, um movimento de repensar o processo e as relações entre o ensino e a aprendizagem. Autores como Vygotsky, Emília Ferreiro, Freinet, Montessori, Waldorf, Paulo Freire, Bakhtin, entre outros, vão adentrando o discurso pedagógico e novas práticas e teorias vão sendo tecidas.

No Brasil o processo de valorização desses componentes só chegou na década de 80, com a criação de brinquedotecas e com o aumento da produção científica em cima dessa temática (KISHIMOTO, 2020). Como afirma Kishimoto (2020), não podemos contrariar a natureza da busca pelo prazer, alegria, exploração livre e não constrangimento, se quisermos usar de recurso os jogos e brincadeiras. É por isso que precisamos estar atentos aos processos desenvolvidos durante o jogo ou o brincar, afinal são eles os responsáveis pela capacidade de estimular a criança, ao se perder ou contrariar a natureza do prazer e livre exploração se corremos o risco de não incentivar a busca da criança por alguma habilidade.

Ao lidar com diferentes situações dentro da brincadeira a criança, cria situações, problemas das quais ela tem que lidar e que sem intencionalidade, auxiliarão em aspectos futuros.

Na influência para o desenvolvimento infantil o brincar pode ser utilizado como uma ferramenta para estimular déficits e dificuldades encontradas em alguns aspectos do desenvolvimento. Entretanto é preciso estar atento ao desenvolvimento global e não a aspectos isolados, já que todos os

aspectos estão interligados e exercem influências (CORDAZZO; VIEIRA, 2007).

Nesse sentido, as famílias podem se pautar em brincadeiras específicas para cada idade do desenvolvimento infantil, conseguindo estimular de maneira global aspectos que assegurarão à criança a potencialização das habilidades já adquiridas e uma base para aquisição de novas.

Diante do exposto, o presente capítulo busca abordar os conceitos relativos aos brinquedos e brincadeiras com interface entre a Terapia Ocupacional e a Educação mediante projeto de extensão desenvolvido pela Profa. Dra. Poliana Bruno Zuin, cadastrado da Pró-reitoria de Extensão da UFSCar – ProEx. Desta maneira, as atividades buscam estimular a criação de brinquedos auxiliando no desenvolvimento da atividade criadora da criança.

O brinquedo adequado

Para se atentar a qual brincadeira ou brinquedo realizar com as crianças, é importante estar atento ao desenvolvimento infantil, e minimamente entender o que esperar de cada fase. Além disso, o brinquedo pode ser todo objeto que estimular o brincar, logo, tudo aquilo que atrair a atenção da criança.

Pensando de maneira sustentável, destaca-se também que o brinquedo pode ser criado e construído pelos adultos junto com os filhos e, não necessariamente, precisa ser comprado, qualquer coisa pode se transformar em algo com imaginação e criatividade. No entanto, é preciso estar atento a objetos cortantes, que podem ser engolidos ou causar algum risco. Cabe destacar que é necessária a supervisão até mesmo de brinquedos que pareçam não causar danos, um lápis, uma canetinha, objetos de encaixe. De acordo com Joaquim e Albuquerque (2016), aos 3 anos de idade:

Inicia o aprendizado de conceitos pedagógicos e imitação. Compreende regras sociais e apresenta maior interação com adultos e crianças. Aumenta a independência nas atividades de

autocuidado, e seu controle motor, equilíbrio, força e coordenação estão mais apurados. Podem ser oferecidos brinquedos e brincadeiras diversos como colagem com diferentes materiais, carimbos industriais e de espuma, fantoches, teatro, fantasias, parquinho, tanquinhos de areia, bonequinhos e brinquedos de encaixe (JOAQUIM; ALBUQUERQUE, 2016, 55 p.)

Para Joaquim e Albuquerque (2016) aos 4 anos de idade:

A criança apresenta interações sociais mais ricas com outras crianças e adultos. As habilidades físicas e motoras estão mais definidas e se interessa por explorar o meio ambiente e atividade lúdicas ao ar livre. Está mais independente nas atividades de autocuidado, sendo capaz de sozinha, vestir-se, lavar o rosto e as mãos, usar banheiro, alimentar-se. Quebra-cabeça com peças grandes, colagem com diferentes materiais, brincadeira de cortar e colar, colorir e riscar papel, brincadeira de identificar e nomear objetos ou figuras em livros (JOAQUIM; ALBUQUERQUE, 2016, 55 p.).

Como exemplo dessas ações apresenta-se aqui diversas atividades propostas pelo projeto de extensão. Uso da massinha, experimentação de comidinhas com objetivo de trabalhar questões sensoriais, a plantação de sementinhas com o objetivo de criar uma horta, produção de carimbos por meio das folhas das árvores, tintas por meio das frutas, fantoches de caixinha de leite, a reprodução da casinha dos três porquinhos com palitinhos de sorvete, jogos da memória etc.

Considerações Finais

A rotina da casa nessa quarentena faz com que as famílias interajam mais com as crianças permitindo que momentos de brincadeiras entre pais, filhos e irmãos possam acontecer, até mesmo durante o preparo das refeições, serviços da rotina da casa, entre outros. Nesses momentos, as crianças dessa faixa etária estão explorando o mundo objetal e tentando se apropriar dos papéis desempenhados pelo mundo adulto, os imitando.

Muitos vídeos e fotografias foram postados pelas famílias que retratam esses momentos.

Tal como explorado neste capítulo, o brinquedo e as brincadeiras se constituem como atividade principal da infância, não sendo necessário muito para que a criança transforme qualquer objeto em um brinquedo, usando a sua imaginação para explorá-los. Antigamente, não se tinha tantos brinquedos como se tem hoje, e explorávamos esse lado lúdico próprio da infância, como pedras, com elementos da natureza, bonecas feitas de meia, bolas feitas também deste material, a diversão estava em recriar. Hoje, pelo fato das crianças terem muitos brinquedos, nem sempre dão importância para eles, como podemos observar no documentário: “Criança, a alma do negócio” realizado pelo instituto Alana. Pieter Bruegel retrata em sua obra “Jogos Infantis” de 1560, as brincadeiras de rua e a infinidade de brinquedos presentes nessa época. Como metáfora transposicional, recriaram esse quadro retratando a realidade das crianças de hoje nos seus lares com os aparatos eletrônicos. Nessa pandemia isso nunca fora tão real.

Diante do exposto, sugerimos que possamos fornecer às crianças brincadeiras de outrora em família, para que possamos estimular o processo de imaginação delas, as colocando em um maior contato com a natureza.

Referências

ARCE, A. e DUARTE, N. (org.) Brincadeiras de papéis sociais na educação infantil – as contribuições de Vigotski, Leontiev e Elkonin. São Paulo: Xamã, 2006

BRASIL. Ministério da Saúde, [2020?]. Página inicial. Disponível em: <https://coronavirus.saude.gov.br/>. Acesso em: 14 jun. 2020

BISCOLI, I. Â. **Atividade lúdica uma análise da produção acadêmica brasileira no período de 1995 a 2001**. 2005. Dissertação de Mestrado, Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/103029> Acesso em: jun,202

CARDIA, J, A, P. **A importância da presença do lúdico e da brincadeira nas séries iniciais: um relato de pesquisa.** Revista eletrônica de educação, 2011, V. N. 9. Disponível em: <https://docplayer.com.br/126295-A-importancia-da-presenca-do-ludico-e-da-brincadeira-nas-series-iniciais-um-relato-de-pesquisa.html> Acesso em: jun,2020.

CORDAZZO, S, T, D; VIEIRA, M, L. **A brincadeira e suas implicações nos processos de aprendizagem e desenvolvimento.** . Estud. pesqui. psicol., Rio de Janeiro , v. 7, n. 1, jun. 2007. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1808-42812007000100009 Acesso em: jun,2020.

CYPEL, L. R. C. Criança dos 25 aos 36 meses. IN: Fundamentos do desenvolvimento infantil, 2013. p. 152-165. Disponível em: <https://www.fmcsv.org.br/pt-BR/biblioteca/fundamentos-do-desenvolvimento-infantil---da-gestacao-aos-3-anos/> Acesso em: 25 mar de 2020.

DESSEN. M; POLONIA. A; **A Família e a Escola como contextos de desenvolvimento humano.** Universidade de Brasília, Distrito Federal, Brasil. Paidéia, 2017, 17(36), 21-32. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/paideia/v17n36/v17n36a03.pdf> Acesso em: jun,2020.

DIAS FACCI, M. G. **A periodização do desenvolvimento psicológico individual na perspectiva de Leontiev,Elkonin e Vygotsky.** Cadernos Cedes. v. 24, n. 62, p. 64-81, 2004. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0101-32622004000100005&script=sci_abstract&tlng=pt Acesso em: jun,2020.

FACCI, M.G.D. Os estágios do desenvolvimento psicológico segundo a psicologia sociohistórica, ARCE, A. e DUARTE, N. (org.) Brincadeiras de papéis sociais na educação infantil – as contribuições de Vigotski, Leontiev e Elkonin. São Paulo: Xamã, 2006

JOAQUIM, R.H.V.T.; DELLA BARBA, P. C. S.; ALBUQUERQUE, I. **Desenvolvimento da criança de zero a seis anos e a terapia ocupacional.** 1. ed. São Carlos: EDUSFCAR, 2015. 89 p.

KISHIMOTO, T, M. **O brinquedo na educação:** Considerações históricas. (ano 2) Disponível em: http://www.crmariocovas.sp.gov.br/pdf/ideias_07_p039-045_c.pdf Acesso em: jun,2020.

LOPES, D, A, B, et al.; **A importância da relação entre escola e família n desenvolvimento intelectual e afetivo do aluno.** Ver. Saberes, V. 4, N.1, p. 20-29, 2016. Disponível em: <https://facsapaulo.edu.br/wp-content/uploads/sites/16/2018/05/ed5/3.pdf> Acesso em: jun,2020.

Sugestões de brincadeiras em: <https://paisefilhos.uol.com.br/crianca/15-brincadeiras-criativas-e-divertidas-para-criancas-de-3-anos/> Acesso em: jun, 2020

Capítulo 9

É O BICHO! Interface Terapia Ocupacional e Educação Infantil no aprendizado sobre os animais no contexto da pandemia de COVID-19.

Amanda Molina
Poliana Bruno Zuin

→ Vivências, experiências, aprendizados...

Esse capítulo se configura como um relato de experiência no projeto de extensão “Artes Plásticas na Educação Infantil: dialogando com a Terapia Ocupacional”, coordenado pela Docente Poliana Zuin. O projeto tem como alvo alunos e alunas de 3 a 4 anos que frequentam a Unidade de Atendimento à Criança - UAC, da Universidade Federal de São Carlos durante o primeiro semestre de 2020.

Como aluna do quarto ano de Graduação do Curso de Terapia Ocupacional (TO) na Universidade Federal de São Carlos - UFSCar fiquei sabendo do projeto de extensão por uma colega de curso. Tenho um interesse muito grande na área educacional, além de ter muita afeição por crianças e atividades manuais e assim entrei em contato com a Docente Zuin para saber mais sobre o projeto e me encantei. O projeto de extensão foi dividido de modo que temas distintos seriam trabalhados por estudantes e voluntárias no Projeto de Extensão (Proex) em dias diferentes no decorrer da semana. Fiquei responsável por auxiliar a professora Zuin nas estratégias de ensino sobre ao que se refere ao projeto denominado “Animais da Terra, da Água e do Ar”. Nesse projeto, a docente busca trabalhar de forma lúdica diferentes tipos de animais, trazendo a literatura e as artes plásticas como eixo dos trabalhos a serem desenvolvidos.

Para iniciar os trabalhos com as crianças a docente faz um levantamento junto às crianças e famílias a fim de saber se

possuem animais de estimação e quais são, nomes... como ressaltado anteriormente, os projetos apesar de terem dias distintos eles se relacionam como, por exemplo, a história da família, se moram em casa, prédio ou chácara, com quem moram, se possuem animais de estimação, etc. Para que as crianças possam ter um pouco do contexto de sua casa na escola fotografias são colocadas na sala e no decorrer de alguns meses vão sendo explorados cada tipo de animal apresentado e trazidos pelas crianças. O fato das fotografias estarem na parede da sala faz com que as crianças se sintam mais seguras por ter a sua referência ali e quando bate a saudade de seus familiares elas vão até as fotografias. O fato das fotografias estarem acessíveis a elas, permite que elas interajam entre si e façam observações sobre os animais que cada um tem, o nome, quantos, enfim essa troca e esse diálogo entre eles relaciona muitas aprendizagens, tal como podemos observar na imagem abaixo:



Crianças olhando suas imagens: Familiares e Animais de Estimação

Fonte: Professora Poliana Zuin

Particpei também de uma aula-passeio proposta pela docente para a chácara de uma das alunas da turma no intuito de conhecer melhor as galinhas.



Chácara de uma das alunas: conhecendo as galinhas.

Fonte: Professora Poliana Zuin

Além de aulas-passeio e contando com a colaboração das famílias, alguns animais são trazidos para a sala como foi o caso do Jabuti. Todas essas atividades buscam propiciar o entendimento do mundo da criança e permite ao mesmo tempo que elas conheçam os diferentes tipos de animais, o seu habitat, o que comem, como cuidar, etc. Em seguida, a representação plástica é feita, envolvendo sucatas e texturas, vejamos:



Jabutis na sala de aula e representando o jabuti com garrafa pet e cola colorida.

Fonte: Professora Poliana Bruno Zuin

O projeto de extensão tem como objetivo proporcionar experiências práticas e sensíveis como estratégia para o processo de aprendizado, de modo a superar aulas meramente expositivas. Jurdi (2004, p.27) aponta que “o processo da educação se dá através de encontros, os quais possibilitam o acesso a conhecimentos que fazem com que o indivíduo se aproprie do mundo humano”. Assim, a proposta inicial era que as crianças entrassem em contato com os animais e depois o representassem por meio de atividades manuais e artes plásticas com materiais recicláveis, estimulando a criatividade, coordenação motora e significação das atividades. O fato de utilizar materiais descartáveis para representar os animais amplia a percepção da criança em relação ao mundo a sua volta e se constitui coo ferramentas de para o desenvolvimento de sua criatividade.

→ **Pandemia COVID -19**

O contexto mundial e brasileiro afetou muito os caminhos a serem percorridos no decorrer do semestre, nos desafiando a criar novas estratégias efetivas para essa proposta de interface Terapia Ocupacional e Educação Infantil. Durante o primeiro semestre de 2020, o mundo foi afetado por uma pandemia, que em definição dada pela Organização Mundial da Saúde - OMS (2010) é a disseminação mundial de uma nova doença. No cenário atual, a doença é a COVID19, causada pelo coronavírus SARS-CoV2. O Ministério da Saúde Brasileiro define a COVID19 como uma doença

que apresenta um quadro clínico que varia de infecções assintomáticas a quadros respiratórios graves. De acordo com a Organização Mundial de Saúde (OMS), a maioria dos pacientes com COVID-19 (cerca de 80%) podem ser assintomáticos e cerca de 20% dos casos podem requerer atendimento hospitalar por apresentarem dificuldade respiratória e desses casos aproximadamente 5% podem necessitar de suporte para o tratamento de insuficiência respiratória (suporte ventilatório) (BRASIL, [2020]).

O Ministério da Saúde Brasileiro aponta tosse, febre, coriza, dor de garganta como principais sintomas da COVID19 e o meio de transmissão de uma pessoa doente para outro ou contato próximo (apertos de mão, espirro, tosse, entre outros). Assim, o Ministério lista diversas ações que podem ser preventivas no que diz respeito ao contágio do coronavírus, tal como lavar constantemente as mãos com água e sabão, ao tossir ou espirrar cobrir a boca com o cotovelo, evitar tocar nos olhos, nariz e boca, usar máscaras, manter uma distância no mínimo de dois metros de outras pessoas. Apesar de todas essas recomendações, o isolamento social tem se mostrado a estratégia mais eficaz contra o coronavírus, e o Ministério reitera isso ao pontuar que se evite circulação desnecessária nas ruas e pede que, quem puder, fique em casa (BRASIL, [2020?])

→ E a educação?

Esse cenário trouxe consequências mundiais, nacionais e afetou também o contexto universitário, no qual se inclui as atividades da Universidade Federal de São Carlos - UFSCar e, desse modo, a Unidade de Atendimento à Criança - UAC. Através das Portarias GR-4371 e GR-4380 de 15/03/2020 e 20/03/2020 a Pró-Reitoria de Graduação - ProGrad UFSCar (2020) anunciou a suspensão de aulas e atividades curriculares presenciais por tempo indeterminado e replanejamento de atividades administrativas a partir de 16/03/2020, como medida de prevenção ao COVID-19. A Resolução CoG nº 319 de 27 de março aponta no artigo 1 que a Universidade irá

Suspender os calendários acadêmicos e administrativos dos cursos presenciais de graduação da Universidade Federal de São Carlos pelo tempo que perdurar a situação de emergência em saúde pública decorrente da epidemia de coronavírus (COVID-19) no estado de São Paulo (PROGRAD, 2020).

Tais medidas tomadas pela Universidade caminham ao encontro das medidas que tomadas a nível nacional e estadual. Em 22 de março a partir do Decreto Nº 64.881 João Dória,

governador do estado de São Paulo, decreta quarentena em todo estado no artigo 1: “Fica decretada medida de quarentena no Estado de São Paulo, consistente em restrição de atividades de maneira a evitar a possível contaminação ou propagação do coronavírus, nos termos deste decreto”.

→ Modificando e reinventando: um desafio à Educação Infantil no contexto de pandemia!

Instaura-se então um enorme desafio no que diz respeito a educação infantil: como readaptar todo um planejamento de ensino a partir de aulas que não serão mais presenciais? A Secretaria de Educação do Estado de São Paulo [2020?] reiterou que “no período em que as aulas estiverem suspensas, serão ofertadas atividades pedagógicas a distância, por meio de tecnologia, sobre as quais as Diretorias de Ensino e as unidades escolares receberão orientações”. Todavia, a UAC é uma instituição Federal.

Precisa-se, desta maneira, traçar uma linha de raciocínio: se as crianças não estão mais frequentando a escola, visto que as aulas estão suspensas, as mesmas ficarão em casa. O Decreto N° 64.881 também suspende “o atendimento presencial ao público em estabelecimentos comerciais e prestadores de serviços”. Por outro lado, os estabelecimentos que tenham por objeto atividades essenciais como saúde, alimentação, abastecimento, segurança e comunicação social não tem suas atividades suspensas. O impacto disso recai sobre as famílias, e afetam, por consequência, as crianças.

O Governo de São Paulo aponta que “a Secretaria de Estado da Saúde orienta a não deixar crianças e jovens sob os cuidados de pessoas com mais de 60 anos, pois estes constituem grupo de risco em caso de contágio com o coronavírus” [2020?]. Com a suspensão das aulas, porém, onde e com quem as crianças sob cuidado de trabalhadores essenciais devem ficar? Como os trabalhos que puderam ser adaptados para home office podem ser efetuados com as crianças em casa?.

Muitas discussões foram tecidas em relação a atividades remotas e ensino à distância. Porém, para que seja efetiva a estratégia de comunicação com as famílias utilizando-se das mídias e tecnologias faz-se necessária uma boa comunicação entre as instituições, docentes e responsáveis pelas crianças. O IBGE, em seus dados de 2018, aponta que em média 20% das residências no Brasil não possuem acesso a internet. Precisamos nos certificar, em um primeiro momento, de que as atividades à distância são possíveis de serem realizadas e se o acesso à internet é possível para as famílias. As atividades também devem ser planejadas com muita responsabilidade.

Sabemos que a Educação Infantil é um espaço de interação e brincadeiras entre as crianças e os adultos que a rodeiam, de maneira que não se aplica Ensino à Distância a essa faixa etária. Todavia, as famílias e, principalmente, as crianças necessitam de acolhimento e de interação para que não se perca o vínculo previamente estabelecido.

Desta maneira, podemos pensar em estratégias que aproximem as famílias aos seus filhos. Uma maneira encontrada foi a sugestão de atividades para que as famílias realizassem junto aos seus pequenos. Quando falamos sobre atividades para a faixa etária de 3 anos, elas são idealizadas para serem feitas com auxílio de adultos. Esse adulto normalmente é quem irá explicar a atividade para a criança, preparar os materiais, acompanhar no decorrer da atividade. É preciso então planejar atividades que os responsáveis consigam executar com as crianças, no que diz respeito a tempo e materiais disponíveis.

→ Trilhando novos caminhos: reinventar o projeto “Artes Plásticas na Educação Infantil: dialogando com a Terapia Ocupacional”

No que diz respeito ao projeto “Artes Plásticas na Educação Infantil: dialogando com a Terapia Ocupacional” se mantém um grupo no aplicativo WhatsApp, no qual estão os responsáveis pelas crianças, a docente Zuin, coordenadora do projeto, e as discentes que participam. Todos os responsáveis possuem acesso

a internet então essa é uma estratégia possível a ser executada. Semanalmente, são planejadas as atividades sob a orientação da docente, sobre temáticas e possibilidades de trabalhos, como escolha do livro em relação ao tema, atividade a ser executada, por exemplo: tutoriais, vídeos, músicas, livros, áudios, etc. Essas atividades são enviadas pela docente via WhatsApp aos sábados de manhã. É enviado um cronograma da semana toda, de modo que os pais possam se planejar e ajustar melhor as atividades de acordo com seu tempo e materiais disponíveis. Todas as atividades ficam salvas num drive na internet de modo que os responsáveis possam ter acesso à elas a qualquer momento.

Como disse inicialmente, trabalho no Projeto “Animais da Terra, da Água e do Ar”. Todas as quintas-feiras abordamos os assuntos relacionados ao aprendizado do mundo animal. Mas por onde começar?

→ Planejamento e categorização

Foi decidido para trabalhar com os animais separá-los em determinadas categorias. Primeiro aprendemos sobre os bichos de estimação, o que foi muito interessante visto que, presencialmente, algumas crianças puderam levar seus bichinhos para a sala de aula. Estudamos os jabutis, as galinhas, os coelhos. Tentamos manter essa participação das crianças também no ensino pedindo fotos dos animais para que fossem incorporados na proposta de aula da semana.

Estudamos em seguida os animais da fazendinha, tais como: cavalo, vaca, porco, ovelha, pato. A proposta seguinte é estudar os pássaros, por exemplo pardal, joão de barro, beija-flor, arara-azul; ainda buscar-se-á trabalhar com os animais ameaçados de extinção que fazem parte do cerrado, lugar onde residem as crianças e, por fim, os insetos da primavera com a criação por elas de um insetário.

Partindo de animais que as crianças já são familiarizadas, como por exemplo a observação dos pássaros em casa, os nomes, as cores, os cantos, faz com que elas ampliem o olhar ao mundo a sua volta. Esse olhar pode provavelmente ser mediado

pelo olhar de outros contextos, como livros, desenhos, músicas e filmes. Traçada essa linha, planejamos as atividades semanalmente, de acordo com o feedback dos responsáveis.

→ **Aproximação: recursos imagéticos, visuais e sonoros;**

Como não foi mais possível realizar uma experiência prática das crianças com os animais, usamos muitos recursos visuais.

Através de slides, por exemplo, organizamos de maneira clara e simples informações que consideramos fundamentais sobre os animais. Colocamos do que se alimentam, a qual classe pertencem, qual som fazem, se nos fornecem algum produto, se possuem pelos ou penas, quais as cores, se possuem bico ou focinho e algumas curiosidades. Todas as informações são descritas de maneira bem breve e acompanham imagens que tornam o processo todo mais lúdico e menos cansativo.

Os vídeos também têm sido estratégias muito utilizadas por nós no que diz respeito a essa proposta a distância. Podemos citar alguns exemplos de vídeos e filmes indicados:

- Animais da Fazendinha: vídeoclipe Fazendinha - Mundo Bitá;
- Galinha: vídeoclipe Galinha Pintadinha e o Galo Carijó;
- Cavalo: filme Spirit, o Corsel Indomável;
- Pato: vídeo 5 Patinhos e vídeo Pato Patati Patacolá;
- Ovelha: vídeo Bellinha, a Ovelhinha;
- Porco: filme Moana, visto que seu animal de estimação é um porquinho;

A contação de história também foi um recurso muito explorado. Vários livros são facilmente encontrados disponíveis na internet ou até mesmo são contados em forma de vídeo na internet. Uma maneira, porém, de fazer com que as crianças tivessem acesso a conteúdos literários que não são encontrados gratuitamente na internet foi a contação de história online. A professora Zuin se propôs a fazer leituras, gravar o áudio e enviar para os responsáveis que apresentavam às crianças. Isso abre margem para que as crianças inclusive encenem a contação de história! Algumas das histórias propostas foram:

- A Vaca que Botou um Ovo - Andy Cutbil;
- Galinhas não enxergam no escuro;
- Sai prá lá de Ana Terra;
- O Patinho Feio;
- Os Três Porquinhos;

→ Atividades Propostas!

Semanalmente, fomos nos adequando ao feedback que íamos recebendo dos pais nas semanas anteriores. A estratégia foi aumentar o leque de atividades propostas para que os pais pudessem escolher o que era cabível em seu contexto.

Continuamos com a proposta de atividades que utilizam materiais recicláveis, mas também adicionamos materiais que podem ser facilmente utilizados em casa. Podemos listar aqui alguns dos materiais mais sugeridos para realizar as atividades:

- canetinha;
- lápis de cor;
- tesoura;
- cola;
- papel;
- caixa de ovo;
- garrafa pet;
- rolo de papel higiênico.

→ Exemplos de atividades propostas!

Todas as atividades propostas como sugestões para as interações em família são feitas a partir de tutoriais, onde se busca falar sobre o animal a ser trabalhado. Nele, coloco todas as informações e sugestões da Professora. Vejamos: animal a ser trabalhado, o que ele nos fornece, livro sugerido para leitura, vídeo, informações sobre o animal e o que ele nos fornece; em seguida, as informações sobre como representar o animal; tipo de materiais necessários, imagens dos passos para confecção e, por fim, informações relativas aos objetivos da atividade para a Terapia Ocupacional.

★ Recriando as Casas dos Três Porquinhos!

A ideia é que podemos integrar o que aprendemos. A história dos Três Porquinhos pode chegar à criança a partir da contação de história pela professora Zuin, pelos próprios responsáveis ou por vídeos da internet. A proposta da atividade era que as crianças pudessem reproduzir as três casas dos três porquinhos, trabalhando memória e atenção à história, além da coordenação motora, destreza manual, criatividade, manejo de diferentes materiais.



Foto 1: desenho da casa dos Três Porquinhos

A proposta inicial era que as casas fossem impressas em papel e em seguida entregue para as crianças. Porém, nem todos os pais têm acesso a impressora em casa, por isso é importante que a atividade seja facilmente adaptável. Nesse caso, optamos por fazer o desenho das casas.



Foto 2: montagem das casas

É uma atividade muito rica pois trabalha também com a criatividade. Quais materiais tenho em casa que posso recriar a casinha de palha? E a de madeira? Como posso personalizá-las? Nas imagens utilizamos como material papel, cola, tesoura, pincel, tinta, giz de cera, saco de pão, palito de sorvete e papel picado.

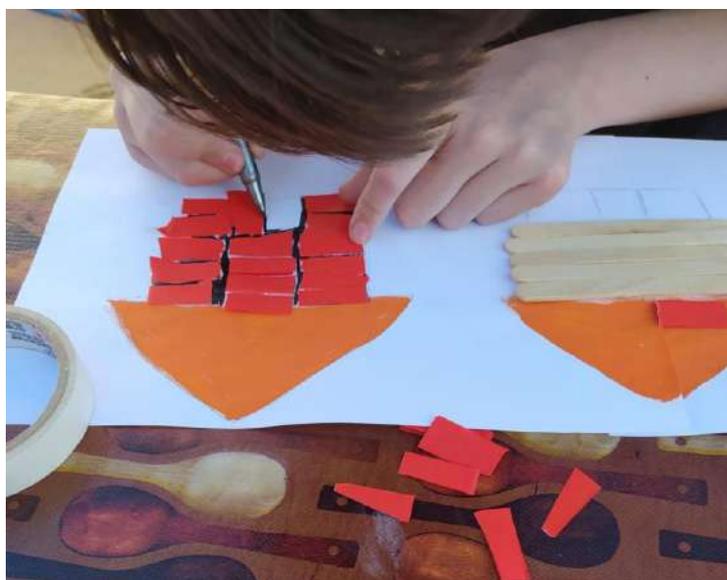


Foto 3: Construindo a casa de tijolos



Foto 4: Casinhas dos Três Porquinhos.

★ A Galinha de Carimbo de Mão!

Uma técnica que investimos muito também foi o carimbo de mão. É uma técnica fácil que necessita de poucos materiais (apenas tinta e papel) e a partir dela podemos fazer atividades incríveis!

O carimbo de mão possibilita fazer vários animais diferentes utilizando a mesma técnica, basta mudar a cor da tinta e a maneira de personalizar o animal.



Foto 5: Carimbo de mão



Foto 6: Galinha feita a partir de carimbo de mão!

É interessante notar que podemos utilizar o carimbo de mão associado a outras técnicas e materiais! No caso acima, inicialmente foram desenhados dois círculos, um para o corpo e um para a cabeça. As mãos carimbadas em laranja dizem respeito aos pés da galinha e as mãos em amarelo/laranja claro as asas. Podemos notar como é possível adaptar e personalizar as atividades para que fiquem únicas: podemos adicionar laços, colocar cabelo, fazer o corpo de outro material, adicionar textura nas asas. As possibilidades são imensas o que estimula muito a criatividade das crianças!

★ Ovelhinha de algodão!

Atividades podem ser sugeridas para se trabalhar com diferentes texturas. Ao estudarmos ovelhas, mencionamos que a partir do pelo delas que obtemos a lã. Em analogia ao pêlo macio das ovelhas, colocamos algodão no corpo da ovelha que construímos.



Foto 7: Construindo a ovelha

Os materiais são simples e o modo de fazer também. Basta recortar duas formas ovaladas em papel (recomenda-se papel cartão por ser mais resistente mas pode ser adaptado a qualquer tipo de papel), uma maior para o corpo e uma menor para a cabeça. Com cola, unimos o círculo menor ao maior, de modo que o menor fique apenas um pouco sobreposto. Depois passamos cola em toda extensão do corpo e colamos algodão que simboliza o pelo.



Foto 8: Personalização da ovelha

A personalização depende de cada um. Nesse caso optamos por colocar uma carinha, um pouco de algodão como se fosse uma franja com lacinho. As pernas podem ser feitas de palito de sorvete ou qualquer outro material, mas optamos pelo prendedor de roupas pois assim a ovelha fica em pé e também pode ser pendurada.



Foto 9: Ovelhinha em pé!

★ Atividades realizadas pelas crianças!



Foto: personalização do patinho



Foto: Pintura do cavalo.



Foto: Pintinho feito com materiais recicláveis.



Foto: Atividade coelhinho: carimbo de mão e carimbo de pé.



Foto: Atividade realizada sobre a história dos três porquinhos

→ Por que essas atividades?

Para base de nossas atividades partimos do princípio que

A criança é um ser dinâmico, complexo, em constante transformação, que apresenta uma sequência regular de crescimento físico e de desenvolvimento neuropsicomotor. Esse desenvolvimento sofre a influência contínua de fatores intrínsecos e extrínsecos que provocam variações de um indivíduo para outro e que tornam único o curso do desenvolvimento de cada criança (FIGUEIREDO et al. 2015, p 274).

Fatores intrínsecos dizem respeito a fatores normalmente biológicos, que são próprios da criança, enquanto fatores extrínsecos são fatores externos que influenciam, de maneira positiva ou negativa, o desenvolvimento das crianças. Como apontam Silva e Silvestrini (2015, p. 406), “nenhuma realidade da mente humana é absoluta e recebe interferências do sistema externo no curso do desenvolvimento”. Propomos com essas atividades processos mediativos para que a aprendizagem possa auxiliar no desenvolvimento das crianças.

Fontana (2012) aponta que o processo de escolarização deve dar atenção ao desenvolvimento da psicomotricidade, no que diz respeito ao aprimoramento dos movimentos, a percepção visual e auditiva, à linguagem em seus diferentes tipos e também ao raciocínio lógico. Muitas atividades estimulam a coordenação motora fina, bem como a destreza dos movimentos, entre elas destacamos o uso do lápis, caneta, tesoura, pincel, etc. Além disso, como citamos, estratégias visuais estão sendo utilizadas nesse momento de pandemia para enriquecer o processo de aprendizagem. A partir dessas atividades desenvolvemos a linguagem, mas não apenas a linguagem verbal, mas a linguagem corporal, artística e sensível.

É importante pontuar que apesar de categorizarmos dizendo que tal atividade trabalha coordenação, tal atividade trabalha linguagem, tal atividade trabalha criatividade, ao final, todas estão interligadas. Fernandes, Filho e Rezende (2018)

pontuam que a dimensão motora é inseparável do pensamento que expressa a intenção de cada movimento e também das emoções. Os autores abordam a psicomotricidade a partir de uma visão clínica voltando-se a jogos, mas essa perspectiva vai ao encontro das propostas de nosso projeto:

A criança deve vivenciar, de forma livre e espontânea, o prazer de jogar, correr, saltar, gritar, desempenhar o papel de um outro, enquanto pensa, espera, observa e explora; também deve realizar atividades e construções com bolas, blocos de espuma, tecidos, cordas, bastões e, sempre que desejar, ter a liberdade de destruir e voltar a construir, de realizar e não realizar, para que possa desenvolver o sentimento de ser (FERNANDES; FILHO; REZENDE., 2018, p. 707)

A Constituição Federal de 1988 aponta a educação como direito de todos e dever do estado e da família. No contexto atual de pandemia, é imprescindível que a família esteja em conexão com a equipe escolar para auxiliar as crianças no processo de aprendizagem e também para reconhecer as limitações e dificuldades de ambas as partes nesse momento. Como aponta Cid (2015, p. 429), “as características das relações estabelecidas no contexto familiar exercem um papel importante no desenvolvimento das crianças”. A autora também pontua que a família tem um impacto muito grande com suas ações, que vão além do monitoramento das atividades da criança e organização da rotina, conforme aponta a dinâmica relacional no contexto familiar impacta diretamente no desenvolvimento socioemocional das crianças. Dessa forma, o estar junto, fazer junto, ensinar e aprender junto se tornam estratégias fundamentais nesse momento de pandemia.

→ **Considerações Finais**

Ao longo deste texto, buscou-se evidenciar as ações de acolhimento que se configuram na parceria escola e família em tempos da Covid-19. As sugestões de atividades referem-se ao

acolhimento, pois permitem estreitar os laços entre a docente com as crianças e famílias e entre essas com as crianças.

Há de se ressaltar que as práticas da docente estão amparadas em uma perspectiva de interação, dialogicidade e parceria entre os familiares para que juntos possam contribuir com o trabalho educativo proposto pela escola. A temática animais da terra, da água e do ar, permite essa interação, pois é alvo de interesse do mundo infantil, de forma que é possível estabelecer um vínculo entre a criança, a família e a escola.

Referências Bibliográficas

BRASIL, Constituição Federal (1998)., Capítulo III – DA EDUCAÇÃO, DA CULTURA E DO DESPORTO. Seção I - DA EDUCAÇÃO, Art. 205. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicaocompilado.htm. Acesso em 15 de jun. 2020.

BRASIL. Ministério da Saúde, [2020?]. Página inicial. Disponível em: <https://coronavirus.saude.gov.br/>. Acesso em: 14 jun. 2020

CID, Maria Fernanda. (2015). Cotidiano familiar: refletindo sobre a saúde mental infantil e a prática de atividades familiares. **Rev. Ter. Ocup. USP.** 26(3), 428-438. <https://doi.org/10.11606/issn.2238-6149.v26i3p428-438>. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/rto/article/view/104787>. Acesso em: 13 jun. 2020.

CONSELHO DE GRADUAÇÃO UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS. Dispõe sobre a suspensão imediata dos calendários acadêmicos e administrativos de todos os cursos presenciais da UFSCar, pelo período que perdurar a situação emergencial em saúde pública decorrente da epidemia causada pelo COVID-19 no estado de São Paulo. Resolução COG n. 319, de 27 de março de 2020. **Pró Reitoria de Graduação Universidade Federal de São Carlos**, São Carlos, p. 1-3, 27 mar. 2020. Disponível em: http://www.prograd.ufscar.br/conselho-de-graduacao-1/arquivos-conselho-de-graduacao/reunioes/2020/resolucoes_2020/resolucao-319. Acesso em: 14 jun. 2020.

FERNANDES, Jorge Manuel Gomes de Azevedo; FILHO, Paulo José Barbosa Gutierrez; REZENDE, Alexandre Luiz Gonçalves. Psicomotricidade, jogo e corpo-em-relação: contribuições para a intervenção. **Cad. Ter. Ocup. UFSCar**, São Carlos, ano 2018, v. 26, n. 5, p. 702-709, 2018. DOI <https://doi.org/10.4322/2526-8910.ctoAO1183>. Disponível em: <http://www.cadernosdeterapiaocupacional.ufscar.br/index.php/cadernos/article/view/1973/1013#>. Acesso em: 15 jun. 2020.

FONTANA, Cleide Madalena. **A IMPORTÂNCIA DA PSICOMOTRICIDADE NA EDUCAÇÃO INFANTIL.**

Orientador: Maurici Luzia C. Del Monego. 2012. Monografia de Especialização (Especialista na Pós Graduação em Educação: Métodos e Técnicas de Ensino) - Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Medianeira, 2012. Disponível em: http://repositorio.roca.utfpr.edu.br/jspui/bitstream/1/4701/1/MD_EDUMTE_VII_2012_03.pdf. Acesso em: 27 mar. 2020.

GOVERNO ESTADUAL DE SÃO PAULO. Secretaria da Educação, [2020?]. Destaque. Disponível em: <https://www.educacao.sp.gov.br/destaque-home/esclareca-suas-duvidas-sobre-o-coronavirus-e-medidas-adotadas-pela-educacao/>.

Acesso em: 14 jun. 2020.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Ministério da Economia, [2020?]. Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/estatisticas/sociais/rendimento-despesa-e-consumo/19898-suplementos-pnad3.html?edicao=9131&t=destaques>. Acesso em: 14 jun. 2020.

JURDI, A.P. S.; BRUNELLO, M. I. B.; HONDA, M. Terapia ocupacional e propostas de intervenção na rede pública de ensino. **Rev. Ter. Ocup. Univ. São Paulo**, v.15, n.1. p. 26-32, jan./abr., 2004. DOI: <https://doi.org/10.11606/issn.2238-6149.v15i1p26-32> Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/rto/article/view/13934/15752>. Acesso em: 12 jun. 2020.

MARONESI, Letícia Carrillo. Análise de uma intervenção dirigida ao desenvolvimento da coordenação motora fina, global e do equilíbrio. **Cad. Ter. Ocup. UFSCar**, São Carlos, ano 2015, v. 23, n. 2, p. 273-284, 2015. DOI <https://doi.org/>

10.4322/0104-4931.ctoAO0537. Disponível em: <http://www.cadernosdeterapiaocupacional.ufscar.br/index.php/cadernos/article/view/995>. Acesso em: 15 jun. 2020.

PROGRAD UFSCar. Pró-Reitoria de Graduação Universidade Federal de São Carlos, [2020]. COVID-19 FAQ ProGrad. Disponível em: <http://www.prograd.ufscar.br/covid-19-faq-prograd>. Acesso em: 14 jun. 2020.

SÃO PAULO. Decreto n. 64.881, de 22 de março de 2020. Decreta quarentena no Estado de São Paulo, no contexto da pandemia do COVID-19 (Novo Coronavírus), e dá providências complementares. **Diário Oficial Estado de São Paulo**, São Paulo, v. 130, p. 1, 22 de março de 2020. Disponível em: <http://dobuscadireta.imprensaoficial.com.br/default.aspx?DataPublicacao=20200323&Caderno=DOE-I&NumeroPagina=1>.

Acesso em: 15 jun. 2020.

SILVA, Carla Regina; SILVESTRINI, Marina. (2015). A interação durante as provas operatórias: considerações para a avaliação infantil. **Rev. Ter. Ocup. USP**, 26(3), 399-408. <https://doi.org/10.11606/issn.2238-6149.v26i3p399-408>.

Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/rto/article/view/87697>. Acesso em: 14 jun. 2020.

WORLD HEALTH ORGANIZATION. World Health Organization, 2010. Frequently Asked Questions. Disponível em: https://www.who.int/csr/disease/swineflu/frequently_asked_questions/pandemic/en/. Acesso em: 14 jun. 202

Capítulo 10

Facilidades e Dificuldades das e nas Interações e Parcerias entre Professores e Famílias em Isolamento Social

Diany A. Lee
Isadora P. Mariotto
Poliana Bruno Zuin

Introdução

Frente ao cenário descrito pela Professora Poliana Bruno Zuin no Capítulo: “Educação Infantil: rupturas e acolhimento de famílias e crianças por meio da tecnologia em tempos de Covid-19” sobre a necessidade de isolamento social, interrupção das atividades escolares e ruptura da rotina escolar das crianças devido à pandemia da Covid-19, nós alunas de graduação e pós-graduação fomos convidadas, pela professora Poliana, a refletir sobre esta situação e suas implicações e consequências em nossa prática pedagógica e também sobre como fica a relação escola-família sem a presencialidade.

Em meio a estas reflexões nos deparamos com estudos elaborados pela UNICEF (United Nations Children's Fund; em português: Fundo das Nações Unidas para a Infância). A UNICEF (2020c) é um órgão das Nações Unidas que objetiva promover a defesa dos direitos das crianças buscando ajuda-las com resposta às suas necessidades e assim contribuir para o seu desenvolvimento por meio de condições duradouras; é ainda regida pela Convenção sobre os Direitos da Criança e trabalha para que esses direitos se convertam em princípios éticos permanentes e em códigos de conduta internacionais para as crianças. O órgão relata que durante este momento pelo qual o mundo inteiro está passando, a rotina de todas as pessoas foi comprometida, gerando angústia, ansiedade e descontentamento, inclusive nos pequenos que também tiveram

seu dia a dia alterado e não compreendem muito bem a razão para todas essas medidas de segurança, ressalta ainda que é extremamente importante que a criança se sinta acolhida, amada, segura e tranquila e, para isso recomenda tentar criar ou manter uma rotina dentro do lar junto à família.

Portanto, com o intuito de evitar conflitos com diversas correntes educacionais para/na Educação Infantil, afirmamos que este capítulo não visa discorrer sobre a modalidade de ensino à distância para Educação Infantil propondo que os pais reproduzam a rotina das crianças antes do isolamento social com momentos escolares em sua casa a fim de imitar e/ou manter a dinâmica educativa e suas atividades, tampouco visa discorrer sobre a possibilidade de flexibilização de regras para ensino em casa ou à distância e, sequer sobre as discussões pertinentes aos conselhos de educação sobre a suspensão das atividades e suas reposições. Descartamos ainda insinuar como cada instituição, docente e/ou família deve lidar com a situação.

Este trabalho visa apenas elucidar sobre a experiência de duas orientadas que consideram importante a manutenção do vínculo e relação escola-família mesmo durante o isolamento social e sem a modalidade presencial de contato, vínculo cujo qual está presente e descrito nas orientações da BNCC (2017) e ainda reforçado pelas atuais DCNEI (2010):

A integração com a família necessita ser mantida e desenvolvida ao longo da permanência da criança na creche e pré-escola, exigência inescapável ante as características das crianças de zero a cinco anos de idade, o que cria a necessidade de diálogo para que as práticas junto às crianças não se fragmentem.

É necessário e imprescindível o diálogo entre a instituição e a família a fim de potencializar as aprendizagens das crianças; por instituição nos referimos à nós professoras que compomos e de alguma forma representamos a instituição escolar, não como a sendo inteiramente, mas como parte integrante dela por nossa formação e práxis. Gostaríamos de esclarecer ainda, que ao citarmos a “aprendizagem” consideramos que a criança está em constante aprendizado ao longo de seu crescimento e formação

pessoal social e não nos referimos estritamente à aprendizagem escolar e atividades pura e estritamente pedagógicas e, ao citarmos a “permanência da criança na creche e pré-escola” a compreendemos em seu sentido mais amplo, na condição de que a criança é pertencente à etapa pré-escolar, independente do espaço físico que ocupa.

A Unidade Escolar, a Docente, as Orientadas

A Unidade de Atendimento à Criança - UAC está localizada dentro da UFSCar e caracteriza-se como uma instituição de educação infantil pública; atende crianças tanto da comunidade acadêmica (filhos de alunos e de professores) quanto da comunidade externa. A escola funciona nos períodos matutino e vespertino, as turmas são divididas em grupos, do berçário ao 5, de acordo com a idade, tendo do berçário ao grupo 02, uma professora responsável e dois(duas) estagiários(as), e do grupo 03 ao 05, uma professora e um(a) estagiário(a). O grupo 3, aqui referido, possui 15 crianças, de 3 a 4 anos, regularmente matriculadas. A professora, e também orientadora das autoras deste trabalho, é formada em Pedagogia, tem mestrado e doutorado em Educação, Pós-Doutorado em Linguística, além de Pós-Doutorado em andamento, com a temática parceria professor e família, no Departamento de Educação – DEd – UFSCar; possui formação docente em Ensino à Distância e também atuou nas áreas de “Alfabetização de Jovens e Adultos e Inclusão Digital” e “Educação Especial e Inclusão”. No Ensino Superior sua prática tem ênfase em processos de ensino-aprendizagem da língua materna, formação de professores nas modalidades presencial e à distância, alfabetização, letramento, formação de extensionistas rurais e práticas dialógicas e também na Educação Infantil, pelo regime EBTT, sua prática pedagógica se firma na parceria com as famílias e com os alunos de graduação e pós-graduação por meio de projetos de pesquisa e de extensão; práticas de leitura e letramento, mediação intencional, diálogos e escuta, rodas de conversa e as aulas-passeio compõem a rotina de seu trabalho com as crianças.

A graduanda iniciou seus estudos em Pedagogia no ano de 2018 e é estagiária na UAC – Unidade de Atendimento à Criança desde 2019 onde acompanhava a turma de Grupo 2 (crianças de 2 a 3 anos de idade), atualmente Grupo 3 (crianças de 3 a 4 anos de idade). Sendo apresentada à prática da professora, passou a se interessar pelo desenvolvimento do desenho infantil a partir da literatura e a importância das mediações realizadas pela docente neste processo.

A mestranda é formada em licenciatura em Matemática e em Pedagogia. Atualmente está no Programa de Pós-Graduação em Linguística (PPGL-UFSCar) e pesquisa sobre o ensino da Língua Brasileira de Sinais (Libras) na Educação Infantil para crianças ouvintes de 3 a 4 anos. Este trabalho, consolidado por meio de projetos de extensão junto à Universidade a qual a escola pertence, ocorre desde o segundo semestre de 2018 sob orientação e mediação da Professora Poliana.

Os Teóricos

O referencial teórico que norteia nossa prática advém da prática pedagógica da professora, sendo a teoria Histórico-Cultural de Vygotsky, a Linguística da Enunciação de Bakhtin, estes dois primeiros contribuem em nosso referencial com seus conceitos de mediação e interação; o constructo teórico de Paulo Freire nos traz contribuições principalmente acerca do Círculo de Cultura ou Roda de Conversa, momento em que são desenvolvidos a maioria dos projetos, bem como alguns princípios teóricos e metodológicos de Célestin Freinet sobre as aulas-passeio. Nossa prática se firma ainda na parceria com as famílias e com alunos(as) de graduação e pós-graduação por meio de projetos de pesquisa e de extensão, desta maneira, práticas de leitura e letramento, mediação intencional, diálogos e escuta, rodas de conversa e as aulas-passeio compõem a rotina de nosso trabalho com as crianças.

Lev Semenovich Vygotsky (1896-1934) e Mikhail Mikhailovich Bakhtin (1895-1975) figuram entre os teóricos do início do século XX, que privilegiaram a interação das/nas atividades humanas; Bakhtin nos estudos da linguagem e

Vygotsky na educação. Suas contribuições, sob os pressupostos materialistas históricos tem a atenção voltada para a dimensão das relações e da ação mediada (VIGOTSKI, 1991; BAKHTIN, 2010). Ambos autores foram capazes de perceber o fundamento da natureza dialógica da experiência humana como elemento essencial para compreensão e transformação da realidade. Na relação educativa - por excelência, o espaço da dialogia - constroem-se os conhecimentos e habilidades sociais num processo de interação que pressupõe encontros e colisões de ideias, com várias vozes e posicionamentos entre educadores e educandos entendidas como acontecimentos singulares, e com efeitos decisivos para a apropriação subjetiva da cultura (científicas, artísticas ou advindas da experiência, entre outras).

Bakhtin (1997; 2010) problematizou a perspectiva da mediação como determinação recíproca da responsividade e da responsabilidade dos interlocutores; para ele a mediação, então, é justamente o terreno da tensão entre enunciados no trabalho de construção do laço representado pela ponte: “a palavra é uma espécie de ponte lançada entre mim e os outros [...] A palavra é o território comum do locutor e do interlocutor” (BAKHTIN/VOLOCHÍNOV, 1999, p.113).

Para Vygotsky, “os processos de aprendizagem e desenvolvimento não são dois processos independentes ou o mesmo processo, e existem entre eles relações complexas” (VYGOTSKY, 2009, p.310). Entretanto, as relações sociais que as aprendizagens implicam situam o desenvolvimento do ato de pensar em um lugar dependente e não de causa das aprendizagens. Em toda situação educativa, a relação assimétrica entre um sujeito aprendiz e a fonte do saber que ele busca (pessoas mais experientes, objetos da cultura, instrumentos pedagógicos) faz aparecer uma diferença entre capacidades já adquiridas e aquelas conquistadas pelo grupo social, que representa, na teoria de Vygotsky, uma capacidade pertencente ao mesmo tempo ao aprendiz e ao grupo social, mas que somente é exercida pelo aprendiz na relação com os outros, isto é, em situação de mediação.

A mediação que opera a relação do educador com o educando, na especificidade da mediação intencional, acontece

pela interação dos interlocutores, ou seja, o educador, ao atuar como locutor, constrói com a linguagem verbal e também não-verbal num projeto de produção de sentido que o identifica como educador, o que significa dizer que o educador e o educando são assim constituídos e constituem-se a partir da mediação de diversas linguagens. É claro que precisamos, admitir que a construção de linguagem, instituída na mediação educador/educando, é atravessada pela determinação recíproca da reprodução e da contradição na especificidade constituinte do que é próprio para a construção dialética, ou dialógica, da educação nos limites estruturantes da organização da sociedade (FERNANDES; CARVALHO; CAMPOS, 2012).

A Roda de Conversa (FREIRE, 1992) é um momento partilha, uma vez que pressupõe um exercício de escuta e fala, cada criança tem o direito de usar a fala para expressar suas ideias, opiniões e formas de ver o mundo; é uma possibilidade metodológica para uma comunicação dinâmica e produtiva entre alunos e professores e apresenta-se como instrumento para ser utilizado como prática metodológica de aproximação entre os sujeitos no cotidiano pedagógico e permite que os participantes expressem, concomitantemente, suas impressões, conceitos, opiniões e concepções sobre o tema proposto, assim como permite trabalhar reflexivamente as manifestações apresentadas pelo grupo.

Baseando-se nos seus princípios e técnicas pedagógicas de Freinet a aula-passeio é um momento de vivenciar, descobrir e sentir novas sensações, despertando novos interesses e curiosidades nos alunos. Segundo ele a aula-passeio proporciona sentir com todo o nosso ser, não só objetivamente, mas com toda a nossa sensibilidade natural. As aulas-passeio são experiências humanizadoras que ressignificam a posição do professor em formação inicial, transformando tanto sua visão de ser, quanto de estar no mundo. Desse modo, incluir no processo de ensino tais experiências, em especial a aula-passeio como recurso didático no desenvolvimento das disciplinas no curso de Pedagogia, requer, de nós professores, mudanças concernentes à produção de conhecimento.

Durante o período letivo antecedente à pandemia, cada dia da semana havia projetos de pesquisa e/ou extensão e de parceria com as famílias desenvolvidos em sua rotina com a duração de 30 a 40 minutos:

2ª feira – Projeto: “Leitura, recontos e representações” a prática da docente é permeada por leituras e todas as sextas-feiras as crianças levam uma sacola de algodão com algum livro escolhido por elas e com uma pasta (portfólio) para desenharem a parte de que mais gostaram da história, para que na segunda seja possível a conversa, reconto e apresentação do desenho feito no final de semana com a família. A estagiária acompanha as releituras das crianças em roda de leitura, um projeto de extensão que se encontra em andamento com a sua participação; Nesse dia há um projeto que se chama “Que fruta tem na Cesta da Chapeuzinho Vermelho?” que conta com a parceria da família que realiza uma receita, em sala, para compartilhar com toda a turma; há ainda, um projeto de extensão com uma graduanda em pedagogia que ensina inglês em uma perspectiva Waldorf;

3ª feira – Projeto: Ensino e Aprendizado de “Libras” conta com a colaboração da mestranda, sua orientanda no Programa de Pós-Graduação em Linguística, que através da contação de história do livro “Crianças como você: uma emocionante celebração da infância no mundo” dos autores Anabel Kindersley e Barnabas Kindersley pela editora Ática, editado em associação com o Unicef, apresenta alguns sinais da Língua Brasileira de Sinais (Libras);

4ª feira – Projeto: “Sentimentos” busca a partir da literatura e de atividades lúdicas explorar as emoções e os sentimentos das crianças, fazendo com que elas aprendam a expressar melhor aquilo que sentem, bem como denominar suas emoções. Esse projeto possui a participação de uma graduanda em Terapia Ocupacional e uma mestranda, sob a sua orientação no Programa de Pós-Graduação em Linguística, que coleta os dados para a sua dissertação;

5ª feira – Projeto: “Animais da Terra, da Água e do Ar” busca trabalhar os diferentes tipos de animais com as artes plásticas. Conta com a colaboração de graduandas do Curso de Terapia Ocupacional tanto de projetos de Extensão como de

Pesquisa. Aulas-Passeio com as famílias também eram propostas, bem como que os animais de estimação fossem trazidos para a sala para conhecimento das crianças, como jabutis, coelhos, pintinhos, etc. realizando rodas de conversas sobre os cuidados necessários com os bichinhos;

6ª feira – Projeto: “Eu e meu Mundo”, um projeto que visa explorar a família, a casa, o cotidiano, a higiene pessoal, inserindo as crianças no mundo a partir de suas percepções sobre o cotidiano. Esse projeto também conta com a colaboração de graduandas do curso de Terapia Ocupacional.

A Metodologia

A relação da professora com as famílias começou antes mesmo do início do período letivo, quando em reunião com os pais, estagiária e pesquisadoras sobre sua tutela, apresentou a proposta de trabalho e se colocou à disposição para ouvir todas as possíveis contribuições que poderiam surgir para agregar o desenvolvimento das crianças na escola, desta forma todos os envolvidos puderam se conhecer, incentivando e favorecendo a comunicação entre todas as partes. Criou-se um grupo de comunicação via WhatsApp, para manter-se em contato com os responsáveis e com as crianças em suas casas, mantendo-se uma relação escola-família além do período escolar. Neste grupo, e já iniciado ao no letivo, eram postadas as fotografias das crianças e enviadas no momento das atividades, de descontração e alimentação, um gesto que acolhe as famílias, uma vez que é difícil para essas estarem longe de seus pequenos, além do envio da programação das atividades, sugestões de leituras, havia também troca entre as famílias como sugestões de atividades para serem feitas com as crianças, troca das receitas feitas na sala de aula, sugestões de passeios, etc.

No início do isolamento, ainda em contato com as famílias, a professora sugeria aos pais, leituras que não tinham relação com os projetos a fim de manterem a interação via aplicativo; estes por sua vez enviavam fotos das brincadeiras com os filhos relatando suas rotinas nesse novo contexto. Tanto as famílias como a professora mantiveram um diálogo sobre seus

respectivos cotidianos de ambas as partes. Em um dado momento uma mãe solicitou à professora sugestões de atividades para que seu filho não perdesse o contato com as atividades desenvolvidas em sala e previamente já apresentadas na reunião escolar. Desta forma, a professora responsável entrou em contato com a sua equipe, perguntando sobre a intensão e a disponibilidade para ajudarem, convidando todas as suas orientandas dos projetos de pesquisa e de extensão, tanto da graduação quanto da pós-graduação para que adaptassem atividades relacionadas a cada respectivo projeto a ser enviado como sugestão de atividades aos pais para com seus filhos; todas toparam o voluntariado e, assim se estabeleceu uma relação de parceria à distância com os pais. Foi criado então três outros grupos de WhatsApp com finalidades diferentes do também já existente (da professora com as famílias):

- um, com a professora, as voluntárias e as famílias, apenas para o envio semanal das atividades por parte da professora e estagiária (também uma das autoras deste trabalho);

- um para que a professora, as voluntárias e as famílias pudessem trocar experiências, tirar dúvidas sobre as propostas e também dialogar entre si; as propostas também estão documentadas no Google Drive (serviço de disco virtual para armazenamento de arquivos);

- um para todas as orientadas voluntárias e professora, onde dialogamos sobre propostas de atividades e também compartilhamos umas com as outras o respectivo material preparado e a ser desenvolvido.

Sob orientação da professora foram elaboradas propostas de atividades em forma de tutoriais, sugestão de leituras e literaturas, vídeos a fim de proporcionar o acolhimento e auxílio aos pais, tais atividades visavam o desenvolvimento contínuo das crianças, entretanto, sem causar perdas àquelas que não participassem.

Ressaltamos que as atividades não possuem caráter contínuo e cronológico, ou seja, podem ser feitas em casa a qualquer época e/ou período do dia, da semana e do mês. As sugestões das atividades **não têm caráter obrigatório** como um

trabalho a ser realizado dentro de um prazo determinado, nem para os pais e sequer às crianças.

Dados e Análises

Na primeira semana, algumas crianças compartilharam suas experiências segundo as sugestões dadas, na segunda, o número de compartilhamentos das atividades diminuiu, na terceira e quarta semanas, algumas famílias compartilharam atividades sugeridas na primeira e segunda semana, porém no grupo de Whatsapp sempre são trocadas receitas de pratos/bolos, fotografias de momentos do cotidiano e falas do que cada família tem feito em casa, mostrando também que os pais algumas vezes adaptavam parte das sugestões enviadas pelas alunas, demonstrando grande interesse e vontade em realiza-las com seu filho além de contribuir para a educação em momentos de descontração entre/em família.

Imagem 1 – Aquecendo a ovelhinha com algodão – Atividade proposta pela T.O. (Terapia Ocupacional) e adaptada pela família.



Fonte: acervo das autoras.

Imagem 2 – Alimentação divertida – Atividade proposta pela T.O e adaptada pela família com os alimentos que tinham em casa.



Fonte: acervo das autoras.

Imagem 3 – Colorindo animais da fazenda – Atividade proposta pela T.O. (Terapia Ocupacional).



Fonte: acervo das autoras.

Imagem 4 – Frotagem com folhas – Atividade proposta pela T.O.
(Terapia Ocupacional).



Fonte: acervo das autoras.

Ainda dentre as atividades propostas, a professora de Libras e também uma das autoras deste capítulo, elaborou pequenos vídeos de 1 minuto a 1 minuto e meio com sinais do cotidiano das crianças e também relacionados aos demais projetos e atividades propostas como: comidas, frutas, sentimentos, tempo, cumprimentos.

Imagem 5 – Sinal de “chuvoso” e “calor” em Libras – Atividade proposta pela Libras.



Fonte: acervo das autoras.

Todas as atividades e propostas são elaboradas com auxílio e orientação da professora Poliana que também passaram a ser 100% à distância. Esta foi outra modalidade de orientação e mediação que também precisamos adaptar e nos adaptar durante este período; antes feito de forma presencial seja em intervalo no dia da atividade na classe, ou durante encontro em alguma disciplina contávamos também, vez ou outra com auxílio das tecnologias digitais de comunicação para preparar as atividades, entretanto, com a mudança devido às recomendações dos órgãos mundiais de saúde, nos apoiamos inteiramente em troca de e-mails, mensagens de WhatsApp (escrita, áudio e vídeos) e também ligações. Os materiais físicos como armarinhos e aviamentos trocados para preparar as atividades, foram substituídos por tutoriais em PDF com fotos e vídeos. Analogamente com as famílias, os encontros presenciais no acolhimento e despedida na escola, foram substituídos por constante troca de mensagens.

Refletindo e repensando nossa prática durante esse período de acolhimento à e a fim de melhorarmos nossa prática e auxiliarmos da melhor maneira às famílias, após mais ou menos 45 dias de quarentena, foi realizado um questionário semi-estruturado com 4 (quatro) perguntas sobre: se as famílias se sentiam acolhidas através das atividades, se estas favoreciam a relação escola-família, se propiciavam momentos em família e de que forma a equipe poderia ajudá-los neste momento em relação às dificuldades que eles encontravam, seja com o desenvolvimento das atividades ou dificuldade das sugestões, abrimos também um espaço para que os pais pudessem expressar seus sentimentos e fazer sugestões. Apresentaremos alguns relatos:

As atividades proporcionadas fazem com que passemos mais tempo com as crianças aprendendo a ouvir mais o que elas pensam, o que sentem etc. (Pais 1)

Talvez seja um direcionamento do que podemos abordar com ele. Apesar de ser um momento descontraído e informal. (Pais 2)

Isso ajuda muito no diálogo em casa com ela. É fantástico! (Pais 3)

Estamos nos conhecendo ainda mais, está sendo muito prazeroso nossos momentos juntas e estamos cada vez mais compreendendo uma a outra e aprendendo o tempo todo. (Pais 4)

Ela está bem em casa, se divertindo com as coisas dela. Improvisamos atividades e está tudo ok. (Pais 5)

Sobre as dificuldades encontradas pelos pais:

As tarefas diárias e falta de experiência nos atrapalha um pouco mas estamos procurando manter a rotina da melhor forma possível tornando um momento prazeroso e não como um dever ou tarefa (Pais 1)

Ela não tem interesse em fazer as atividades e não conseguimos estabelecer condições para fazer isso. (Pais 2)

Não temos a experiência, criatividade, pedagoga e muitas vezes também falta paciência para ensinarmos. (Pais 3)

O convívio e interação com as crianças e professores fazem toda a diferença na aprendizagem e até na alimentação (aqui está muito difícil provar novos alimentos) (...) (Pais 4)

Alguns materiais não temos, mas improvisamos ou não fazemos... (Pais 5)

De forma geral, consideramos o resultado bastante positivo, pois desde o início das atividades sempre houve a participação das famílias, logo o nosso propósito foi e tem sido alcançado: manutenção do diálogo e acolhimento das famílias durante o período de isolamento e distanciamento social; nosso foco nunca foi a execução das atividades pelos pais e crianças em suas casas e nem que estes proporcionassem a educação escolar em seus lares, mas sim desfrutar de momentos que poderiam ser propiciados a partir das sugestões. Percebemos que há uma busca mútua por manter este contato ativo, tanto das famílias quanto de toda equipe. A cada dia que passa surgem novas ideias e proposição de atividades: tentou-se organizar um dia para todas as crianças conversarem por vídeo, frequentemente, com o auxílio dos pais, elas enviam mensagens de áudio umas para as outras, tiveram momentos em que as crianças mandaram parabéns, comemoraram por fotos e mensagens de WhatsApp e fizeram bolo pelas receitas enviadas e também pelas próprias receitas da família (que posteriormente também foi compartilhada no grupo), cada uma em sua respectiva casa para comemorar o aniversário de algum(a) coleguinha.

Além do alcance do objetivo ao acolhimento às famílias, destacamos ainda a proximidade que se criou entre as graduandas e pós-graduandas que agora também estão em contato; neste ano, os encontros entre si foram raros, pois cada uma comparecia em um dia da semana diferente à escola, algumas sequer se conheciam (pois o semestre na UFSCar ainda não havia se iniciado) senão por falas da professora que mediava as

atividades a serem desenvolvidas e discorria sobre com cada uma pessoalmente:

Inteirávamo-nos das atividades desenvolvidas pelas demais colegas falas da professora. Não era possível ir todos os dias para conhecer a todas e também todas as atividades devido à rotina pessoal de cada uma de nós. Agora, temos a oportunidade de interagir, dialogarmos e acompanhar mais de perto o trabalho desenvolvido por cada uma além de conhecer e aprender sobre outras áreas em atuação na Educação Infantil. (Diany)

Todas, estamos ainda em constante estudo e pesquisa para elaborar atividades sob a orientação da professora e a partir das falas dos pais e acompanhamento no grupo de mensagens buscamos aprimorar formações e práticas pedagógicas. As atividades propostas advêm de diálogos e mediação da professora que mantém constante contato conosco, fazendo sugestões de leituras, pesquisas, caminhos e atividades a serem adaptadas, cada qual à sua respectiva área e projeto; além do incentivo e motivação a tentarmos e buscarmos caminhos que possam complementar nossa formação e futura prática docente.

Considerações finais

Por fim, após mais de 3 meses com a rotina virada de ponta cabeça, aquece nosso coração ver que mesmo sem o contato físico e a presencialidade, ainda existe um carinho muito grande entre todos. Algumas vezes recebemos mensagens de áudio ou vídeo das crianças e das famílias sobre estarem com saudade e quererem que a “escola volte logo”. Receber o feedback dos pais com mensagens como “estamos muito satisfeitos e agradecidos pelo carinho e cuidado de vocês com nossas crianças”, “obrigada por tanto esforço. Vocês são nota 1.000.” são recompensa pelos nossos esforços e muito gratificantes. Permitem-nos sentir a sensação de que o dever está sendo cumprido quanto a os acolhermos nesses momentos difíceis para todos.

Tal cenário foi importante para mostrar a importância das interações, não apenas entre professor-aluno ou escola-família

dentro de um espaço físico escolar, mas que o conceito de “escola” vai além das paredes e de uma sala de aula; o conceito de acolhimento é mais abrangente do que a ação que favoreça adaptação da criança e que ser docente na Educação Infantil não é apenas ensinar as competências de Movimento, Música, Artes Visuais, Linguagem Oral e Escrita, Natureza e Sociedade e Matemática às crianças, é estender a própria formação pessoal, social e de conhecimento de mundo em parceria e trabalho multidisciplinar em equipe. Diante destes dados e informação, o acolhimento às famílias e às crianças não se encerrará, por mais que hajam dificuldades na execução das atividades e também na comunicação das proponentes com as crianças e suas famílias, pois entendemos que mesmo frente a tantas adversidades também estamos em constante aprendizado e precisamos enfrenta-los e, diante disso tudo o importante é a manutenção e fortalecimento do vínculo com professora-orientadora, as crianças e famílias independente do tempo e do lugar. A escola não nos faz professor por estarmos dentro dela, o que nos torna professor é nossa prática cotidiana e nossas responsabilidades para com esta profissão onde quer que estejamos.

Referências Bibliográficas

- BAKHTIN, M. *Estética da criação verbal*. Trad. Maria Ermantina Galvão G.Pereira. 2.ed. São Paulo: Martins Fontes,1997.
- BAKHTIN, M. *Estética da criação verbal*. Trad. Paulo Bezerra. 5.ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2010.
- BAKHTIN, M. (VOLOCHÍNOV, V. N.). *Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem*. Trad. Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira. São Paulo: HUCITEC, 1999.
- BRASIL. Medida provisória nº934, de 1º de abril de 2020. Estabelece normas excepcionais sobre o ano letivo da educação básica e do ensino superior decorrentes das medidas para enfrentamento da situação de emergência de saúde pública de que trata a Lei nº 13.979, de 6 de fevereiro de 2020. Diário Oficial da União. 1 abr. 2020; Seção 1:1. Disponível em: < <http://>

pesquisa.in.gov.br/imprensa/jsp/visualiza/index.jsp?jornal=600&pagina=1&data=01/04/2020&totalArquivos=1 >. Acesso em: 26 jun. 2020.

BRASIL. Ministério da Educação. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Artigo 80. O Poder Público incentivará o desenvolvimento e a veiculação de programas de ensino a distância, em todos os níveis e modalidades de ensino, e de educação continuada. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seed/arquivos/pdf/tvescola/leis/lein9394.pdf>>.

Acesso em: 26 jun. 2020.

BRASIL, MEC. Secretaria de Educação Básica. Diretrizes Curriculares Nacionais para Educação Infantil. Brasília: MEC, 2010, 36 p.

BRASIL, MEC. Base Nacional Comum Curricular. Brasília: MEC, 2017. Disponível em: <<http://basenacionalcomum.mec.gov.br/abase/>>. Acesso em: 27 abr. 2020.

DE BARROS, Flávia Cristina Oliveira Murbach; DE SOUZA VIEIRA, Andréia Maria. A aula-passeio como experiência vivida: Freinet no ensino superior. *Revista Internacional de Formação de Professores*, v. 4, n. 4, p. 79-91, 2019.

FERNANDES, Júlio Flávio de Figueiredo; CARVALHO, Mauro Giffoni; CAMPOS, Edson Nascimento. *Vigotski e Bakhtin: a ação educacional como projeto dialógico de produção de sentido*. *Bakhtiniana: Revista de Estudos do Discurso*, v. 7, n. 2, p. 95-108, 2012.

FREINET, C. *As técnicas Freinet da Escola Moderna*. Tradução: Silva Letra. Lisboa: Editorial Estampa, 1973.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da esperança: um reencontro com a pedagogia do oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

UNICEF. 6 ways parents can support their kids through the coronavirus disease (COVID-19) outbreak. 2020c. Disponível em: < <https://www.unicef.org/coronavirus/6-ways-parents-can-support-their-kids-through-coronavirus-covid-19> >. Acesso em: 26 jun. 2020.

UNICEF. About UNICEF. 2020c. Disponível em: < <https://www.unicef.org/about-unicef> >. Acesso em: 26 jun. 2020.

UNICEF. Tips for parenting during the coronavirus (COVID-19) outbreak: ideas to help parents and caregivers do the most important job in the world. 2020c. Disponível em: < <https://www.unicef.org/coronavirus/covid-19-parenting-tips> >. Acesso em: 26 jun. 2020.

VYGOTSKY, L. S. *A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores*. Trad. José Cipolla Neto, Luis Silveira Menna Barreto e Solange Castro Afeche. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

_____. *A construção do pensamento e da linguagem*. Trad. Paulo Bezerra. 2.ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2009

Parte II

Experiências em Famílias propiciadas pelas interações via WhatsApp

Relato de Experiência

2.1. ACOLHIMENTO HOME-OFFICE PARA CRIANÇAS DE 3-4 ANOS EM TEMPO DE PANDEMIA

Elvis Donizeti Neves^{9,a}
Cecilia Carolina Pinheiro da Silva^{1,b}

1 Introdução

À convite da Profa. Dra. Poliana Bruno Zuin, vimos por meio desse artigo expor como tem sido a interação com nossa criança (Maria Eliza, 3 anos) em casa no período da pandemia do COVID-19, em relação à realização das atividades propostas pela professora e suas alunas, que atuam em uma sala da Unidade de Atendimento à Criança (UAC) na Universidade Federal de São Carlos (UFSCar). Como já mencionado em nosso primeiro artigo¹, a professora desenvolve diversos projetos junto aos alunos do Grupo 3 da UAC, projetos esses que envolvem todos os cinco campos de experiências fundamentais organizadas segundo a Base Nacional Comum Curricular (BNCC)² para a Educação Infantil, para que a criança aprenda e se desenvolva: (1) o eu, o outro e o nós; (2) corpo, gestos e movimentos; (3) escuta, fala, pensamento e imaginação; (4) traços, sons, cores e imagens; (5) espaços, tempos, quantidades, relações e transformações. Antes, no entanto, de adentrar neste assunto, é válido ressaltar a importância da ludicidade para a Educação Infantil.

A ludicidade tem sua origem na palavra latina “*ludus*”, que significa jogo. Na Educação Infantil, esse termo possui um denso referencial teórico uma vez que a prática de jogos e brincadeiras

⁹ Pais da aluna Maria Eliza, que no momento da redação desse artigo frequenta o Grupo 3 da Unidade de Atendimento à Criança, pertencente à Universidade Federal de São Carlos.

^a Elvis é mestre em Ciências, ênfase em Matemática, pela Universidade de São Paulo;

^b Cecilia é doutora em Ciências, ênfase em Cristalografia de Pequenas Moléculas, pela Universidade de São Paulo.

são incentivadas com base na Constituição Brasileira de 1988³, no Estatuto da Criança e do Adolescente (Lei nº 8.069/1996)⁴ e, principalmente, na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBEN nº 9.394/1996)⁵. Além disso, a brincadeira é um feito inerente à criança. É por meio de brincadeiras que, desde muito cedo, a criança aprende a trabalhar, refletir e descobrir o mundo ao seu redor. Sendo assim, para que a criança possa aprender com alegria, com vontade, é necessário desenvolver técnicas lúdicas capazes de causarem prazer em seus desenvolvimentos, ao mesmo tempo que têm objetivos de aprendizagem bem definidos e compreendidos pelos profissionais que as aplicam.

2 Criação e organização das atividades “on-line”

Tão logo a notícia sobre o coronavírus se espalhou aos cantos do mundo e as medidas de restrição foram implementadas pelo Governo, as crianças passaram a ficar, na teoria, nas suas respectivas residências em período integral. A partir desse momento, foi necessário reorganizar as regras e os horários das atividades da casa de modo geral, conciliando os cuidados com as crianças e os trabalhos dentro e fora do lar. Passado o período inicial de adaptação à nova realidade e, diga-se isso pois não se tinha ainda noção de quanto tempo duraria essa restrição de atividades, a professora Poliana contactou os pais por meio de nosso grupo de Whatsapp e propôs sobre o que nós achávamos dela organizar atividades semanais para as crianças. No início da pandemia, várias sugestões de leituras e vídeos foram sendo disponibilizados no grupo e a rotina da sala foi apresentada a pedido de uma das mães.

Com a aceitação da proposta por parte dos pais, dois grupos separados foram criados, chamados de “Materiais” e “Atividades”. No grupo “Materiais”, somente a professora e as alunas foram autorizadas a postarem suas propostas de atividades. No grupo “Atividades”, os pais eram livres para postarem fotos e comentários acerca da realização das atividades propostas. A separação dos grupos foi inicialmente pensada como forma dos pais não perderem acesso a alguma atividade proposta pelo fato de a mesma ter ficado “perdida” no meio de

diversas conversas realizadas ao longo dos dias no grupo. Foi assim que funcionou até meados de Abril. No mês de Abril, no entanto, após um constante diálogo com os pais, um novo modo de disseminar o material foi proposto e implementado, organizado por semanas e disponibilizado via acesso à ferramenta digital Google-drive (Figura 1), postadas pela estagiária Isadora. Além dessa nova forma de organização em semanas, os conteúdos continuaram a ser disponibilizados no grupo “Materiais” pela Professora Poliana.

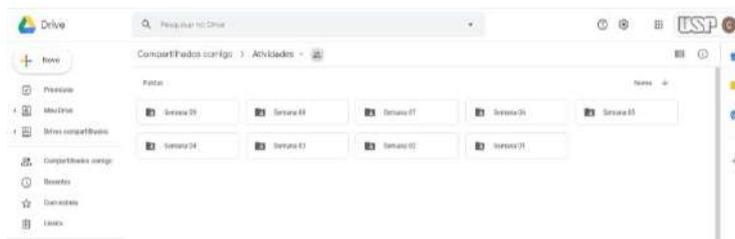


Figura 1. Organização das atividades propostas por semana.

Para cada semana do confinamento, tanto a professora Poliana, a estagiária Isadora como suas alunas, preparam o material, que está dividido nas seguintes subpastas (Figura 2): Sentimentos, Libras, Leituras, reencontros e representações, Eu e meu mundo, É possível aprender outras línguas brincando? e Animais da Terra, da água e do ar: animais de estimação. Em cada uma dessas subpastas são inclusos materiais e ferramentas para a realização das atividades, vídeos, contextualização para que os pais possam participar ativamente do processo de ensino-aprendizagem.

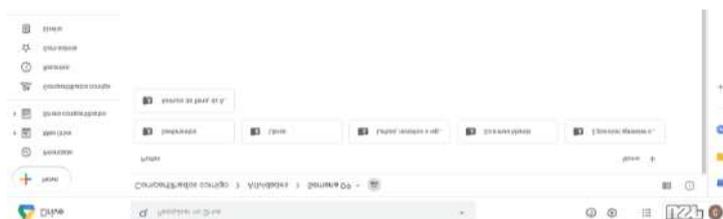


Figura 2. Divisão do material de atividades propostas por semana em subpastas.

3 Implementação das atividades “on-line” propostas

Inicialmente, de 14 a 29 de março, quando as aulas haviam sido suspensas, houve bastante diálogo no grupo, sugestões e compartilhamentos de livros infantis no formato PDF. Passados esses 15 dias, os pais foram informados sobre a Portaria GR n.º 4380, acerca da suspensão das aulas e atividades curriculares por tempo indeterminado, de modo que os grupos de “Materiais” e “Atividades” foi implementado e passou a conter, além de sugestões de leituras, sugestões de culinária junto da criança (Figure 3), de confecção de massinhas e tintas (Figure 4), pintura do animal da semana (Figure 5), contação de histórias e vídeos curtos contendo libras e inglês.



Figura 3. Maria Eliza fazendo bolo de cenoura.

As atividades de culinária (Figura 3) foram as mais fáceis de implementar na pandemia, por ser uma atividade que a Maria Eliza gosta de participar desde sempre. Esse laço pela cozinha acompanha nossa família e estamos constantemente trabalhando juntos. Ela gosta de separar os ingredientes, quebrar ovos, mexer com farinha. Tem paciência na modelagem de massas e bolachinhas e é uma ótima oportunidade para trabalhar com a parte motora, sempre incentivando que ela modele com calma a comida. Na confecção de bolos e tortas, remetemos o costume antigo de provar, então ela aguarda ansiosa quando vai poder lamber a colher. Trabalhamos os conceitos de cru e assado, comidas que podemos comer cruas, comidas que precisam de fogo/forno. Essa parte culinária, juntamente com um trabalho que começou na escola, incentivou a Maria a querer provar cada vez mais coisas e a incentivou a ter uma alimentação melhor. Saber quais os valores nutricionais de cada alimento fez com que ela tivesse mais interesse em provar alimentos diferentes. Enfeitar os pratos e saber que o arroz dá energia, que o feijão tem ferro, que a cenoura tem vitamina A, que o peixe tem ômega 3, que a banana tem potássio, que o brócolis e folhas escuras tem vitamina C, etc. e saber porque esses nutrientes são importantes para o bom funcionamento do organismo, fizeram com que a Maria Eliza buscasse por mais informações e quisesse comer.

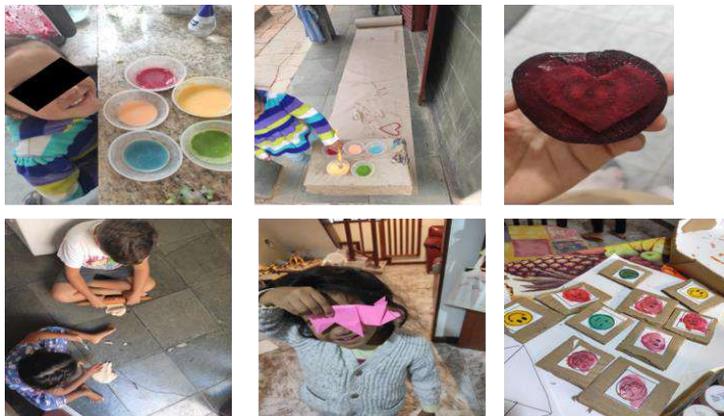


Figura 4. Confecção de tintas, massinhas, dobraduras e trabalhando sentimentos.

As atividades com massinha, papel, tesoura, lápis, guache, cola, etc. (Figura 4) foram difíceis de fazermos juntos. Isso porque, apesar do lúdico, são atividades que requerem paciência na execução e muitas vezes isso falta. Para incentivar essas atividades, precisamos ouvir e ler os materiais propostos pela professora Poliana para que pudéssemos incentivar a Maria Eliza a querer fazer as atividades. Saber o porquê de se estar fazendo isso ou aquilo, como fazer, quando foi feito na História pela primeira vez, a importância da atividade para si, como por exemplo, porque é importante saber identificar as folhas e as plantas às quais ela pertence, deu sentido às atividades. Outro grande incentivo também para que esse desenvolvimento se desenrolasse foi o irmão mais velho, com suas obrigações de aula do 1º ano do ensino fundamental. Quando o irmão se senta para as aulas online, Maria Eliza quer fazer suas “tarefas” também. Com isso, durante as aulas do irmão mais velho, começamos a deixar preparadas as atividades do animal da semana (Figura 5), para que ela pudesse interagir. Então ela assiste ou ouve a história do animal (exemplo: Os três porquinhos, O patinho feio, etc.), depois apresentamos os animais na natureza usando imagens e vídeos e, por fim, lhes damos um desenho do animal para colorir e enfeitar. Apenas quando há guache Maria Eliza pinta sozinha e passa tempo ali com seus pincéis. Atividades de colagem também são executadas com mais prazer. Porém, o pintar com lápis e canetinha tem sido mais difícil porque ela quer que ajudemos, senão pinta com pressa, borrando os lados. Começamos então, cada um pintar seu próprio desenho e que o mais bonito ganharia um doce ou poderia escolher uma brincadeira, o livro de ler a noite, ou o jantar. Explicamos que não era pintar primeiro e sim pintar com calma e preencher os espaços. Esse foi um mecanismo que encontramos para procurar fazer as crianças a terem foco na atividade.



Figura 5. Trabalhando o animal da semana com pintura e colagem.

As aulas de libras e inglês são excelentes para nós, pais, mas Maria Eliza não quer assistir e não quer fazer. Nesse caso, nossa estratégia tem sido a seguinte: quando o material chega na pasta de atividades da semana, nós assistimos e, durante o dia, em alguns momentos, indicamos o nome de objetos e cores em inglês, bem como inserimos algum sinal ou parte da música de “Boa tarde” em libras. Cantamos músicas em inglês e isso incentiva a Maria Eliza a repetir as palavras e indicar alguns nomes em inglês. Os movimentos de libras ela ainda não faz, mas já os pede em alguns momentos. Os sentimentos de feliz, triste e irritada são os que ela mais expressa, e ainda não conseguimos introduzir muitas atividades relacionadas a isso. No entanto, estamos em constante vivência de muitos sentimentos na pandemia e aproveitamos quando eles aparecem no cotidiano para falar os nomes e explicá-los. Além disso, uma das alunas da professora Poliana, a Isabelle, tem mantido contato no privado para saber como as crianças estão lidando com seus sentimentos, ansiedades, estresses, etc. nesse momento e nos auxilia em como amenizar esses sentimentos por meio de conversas. Ela indica estratégias de como nomear sentimentos e incentivar as crianças a falarem sobre eles. Tem sido fundamental esse apoio, uma vez que traz segurança para nós pais.

4 Considerações finais

Os projetos elaborados e implementados pela prof. Poliana e por suas alunas no Grupo 3 da Unidade de Atendimento à Criança (UAC/UFSCar) tem sido aplicados de forma eficiente nesse período de pandemia, isso porque cada atividade traz ferramentas que nós, pais, precisamos para conseguir executar essas atividades. Mesmo assim, há momentos em que precisamos buscar mais métodos de instigar a criança a querer participar das atividades, o que nos faz querer estudar mais e estreitar a parceria escola-família para que o processo de ensino-aprendizagem iniciado na escola não seja perdido no período da pandemia. Em particular, Maria Eliza tem realizado boa parte das atividades propostas com prazer e tem conseguido absorver parte dos ensinamentos necessários para sua faixa etária. As atividades que ela não quer fazer, nós pedimos ajuda para os professores quando necessário e criamos estratégias que promovam e incentivem suas execuções. Acreditamos que a parceira escola-família está mais forte nesse momento de pandemia.

Referencias

- [1] Neves, ED.; da Silva, CCPS. Educação infantil sob a visão da família. Disponível em: <http://www.pedroeditor.com.br/e-books1>. Acesso 20 de junho de 2020.
- [2] Base Nacional Comum Curricular (BNCC). Disponível em : <<https://download.basenacionalcomum.mec.gov.br/>> . Acesso em: 14 de Jun. 2020.
- [3] CONSTITUIÇÃO DA REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL. 1988. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm. Acesso em junho de 2020.
- [4] BRASIL. Lei Lei nº 8.069 de 13 de julho de 1990. Estabelece o Estatuto da Criança e do Adolescente. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/18069.htm. Acesso em 20 de junho de 2020.

[5] BRASIL. Lei nº 9.394 de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19394.htm >. Acesso em: 20 junho 2020.

2.2. Relato de Experiência de Amanda

Relato da Quarentena

No início da quarentena, na primeira semana de suspensão das atividades acadêmicas, fomos surpreendidos por uma febre muito alta da Narah, nossa menina com seus quase 3 anos prestes a completar (24 Março) preocupados logo a levamos a nossa pediatra que medicou e fez um raio x do pulmão, dias passados uma crise de tosse piorou seu quadro e ao fim da semana estávamos com ela no hospital, ela internada diagnosticada com uma pneumonia viral que se transformaria em bacteriana. Muitas dúvidas, inclusive do corpo de médicos, pois a epidemia acabara de se propagar pelo Brasil, testes foram feitos, exames colhidos, isolamento no hospital e muita angústia, medo mas enfim, passamos, ela melhorou após alguns dias de medicamentos fortes, a *Covid-19* deu negativo, mas outro vírus, o influenza B, atacou nossa pequena. Dessa lição saímos fortalecidos, agarrar a vida e não soltá-la em momento algum, orações, preces, mentalização e um corpo técnico competente aliado à ciência e aos avanços da medicina. Cantamos parabéns de máscaras, com EPIs de proteção cercados de muito amor e carinho na pediatria. Saímos, ufa! o dia que tanto mentalizamos chegou no sábado 28 de Março, pela manhã chegamos em casa, e a Narah pode abraçar seu irmão Heitor (Heitorzinho) de 1 ano e 3 meses, sua vovó que a aguardava ansiosa, todos felizes, brincamos muito, abraçamos, na expectativa que agora tudo estava certo e enfim bem.

Um medo maior ainda pela fragilidade da situação que vivenciamos nos levou ao isolamento total, mantendo contato somente com a vovó, que mora ao lado e nos apoiou em todo momento, cuidando muito do Heitorzinho enquanto nos revezamos nos 9 dias de internação hospitalar. Assim iniciamos nossa vivência!

No início da quarentena tudo era novidade e as tarefas da casa eram muito pesadas até estabelecermos uma rotina e um planejamento, principalmente com relação às refeições e a

limpeza da casa. Embora nossa casa seja pequena, temos um generoso quintal com jardim, mais 3 cachorras e tudo demandava tempo para arrumar, limpar e organizar, em conjunto com os cuidados da Narah e do Heitor que se equilibrava nos primeiros passos escalando qualquer horizonte vertical a sua frente. Isso sem contar as obrigações de trabalho, pois nós como professores universitários, tivemos que nos adaptar a tocar todo o trabalho de orientação, reuniões e aulas por meio virtual.

Nos equilibramos e a todo momento somente agradecia a vida e a saúde de todos, estar vivo e bem era a única coisa que nos importava, e ainda importa! Passado o primeiro mês, uma rotina mais ou menos estabelecida, começamos a nos comunicar, "olhar para o lado", ler mensagens e conhecer as propostas e comunicados advindos das escolinhas. A Narah matriculada na UAC e o Heitor na escola infantil chamada Jequitibá. Recebemos um conjunto enorme de vídeos da segunda escola que não dávamos conta de ver, mesmo as crianças gostavam de identificar suas professoras mas em pouco tempo dispersaram para assuntos mais interessantes ao seu redor. Tentamos algumas atividades com garrafas pet recicladas, mas parecia que o interesse em executar a tarefa era maior de minha parte do que das crianças. Essas atividades vinham acompanhada de um sentimento de frustração imediata! enfim, com o tempo, víamos uma resposta e o interesse deles em brincar.

A primeira atividade que executamos proposta pela UAC, orientadas pela professora Poliana e assistentes Isadora, foi a boca com os dentes, para auxiliar a escovação. Uma atividade simples, e muito instrutiva para educar a escovação, fizemos duas bocas, Narah e Heitor pintaram com guache e aquarela e até hoje elas estão circulando entre os brinquedos. Tentamos fazer um rosto para a boca e transformar em um fantoche, que durou algumas semanas e depois se destruiu! (como diz a Narah!)

Das atividades semanais proposta, destaco o aspecto positivo da interdisciplinaridade e a relação proposta entre os temas abordados. Associar um animal, histórias e narrativas diversas, músicas e atividades artesanais é uma forma inteligente e dinâmica para trabalhar ampla diversidade de temas e assuntos específicos.

Na nossa rotina, conseguimos executar algumas atividades com maior sucesso do que outras, talvez pela aproximação afetiva das crianças com algumas histórias e personagens. O porco e a história dos três porquinhos já é bem popular por aqui, a Narah se envolveu muito com a confecção das casas dos porquinhos, fomos ao quintal colher "palhas" e "madeira" para fazer as casinhas e cortamos tijolo por tijolo! Naquela noite, ainda tivemos sessão de teatrinho em casa, com ela eufórica encenando a história inúmeras vezes!

Outra sequência e sugestão interessante aqui foi dos pássaros, a observação deles, desde escutar seus cantos, observar diferentes espécies e observá-los se alimentando, foi divertido e incorporou-se paulatinamente em seus desenhos.

As técnicas de frotagem, e trabalhos de argila também foram dicas interessantes e incorporadas nas atividades diárias com tinta, papel e pincéis que tomam grande parte de nossos dias e despertam muito interesse de nossos pequenos. Aqui variamos aquarelas e guaches, as mais populares! Lápis de cor, giz e canetinha seguem em momentos variados, equilibrando locais e horários oportunos para cada técnica. Temos rolos de papel craft, e compro blocos de sulfite A2, temos gosto por grandes formatos! Cadernos também A4, sem pauta são aliados, e eventualmente algumas impressões de personagens de desenho animado do momento. A massinha é outra vedete, enquanto argila ainda sofre alguns preconceitos e resistências, devido a textura e maior aderência do barro a pele.

As histórias narradas pelas professoras ou animadas são referências que atraí muito atenção dos pequenos aqui. Temos hábito de ler livros de histórias a noite antes de dormir, pela prática percebemos que o formato impresso é melhor este momento pois ele acaba e assim podemos direcionar o sono. Em outros momentos são ótimos atrativos da atenção e concentração dos pequenos.

Enfim, temos maior dificuldade em praticar as atividades de libras, não vejo problema no formato e na proposta mas sim uma dificuldade de nós pais em assistir e colocar em prática as palavras e gestos, reforço a importância da atividade e reitero esforço em praticar e atender este projeto da UAC. Outro

projeto que temos maior dificuldade em praticar é das emoções, talvez pela dificuldade de encontrar o momento certo de interesse das crianças, algumas tentativas foram frustradas, não tendo resposta ou interesse deles, e creio que devido ao momento não ser o oportuno, e uma dificuldade maior em abordar temas mais subjetivos.

Enfim, a quarentena tem sido um momento de angústias e descobertas, afetos e fadigas, novas descobertas e novos limites, creio que para os pais e para as crianças. A abordagem e proximidade afetiva proposta pelas professoras da UAC, mantém de alguma forma o vínculo criado no convívio diário, não o substituindo, mas criando outros e novos laços.

2.3. Relato de Experiência por Amile

Aqui a quarentena (noventena...) está dividida entre trabalhos diários e filha.

Os dias estão como montanha-russa, às vezes estamos no alto e outras vezes no baixo

Tudo mudou.

Enquanto lidamos com muitos outros problemas causados pela pandemia em nosso cotidiano como isolamento, desemprego, stress, medos e incertezas, também vamos precariamente garantindo nosso sustento com trabalhos online enquanto a Elisa brinca. Mas de repente um chamado destrói o áudio importante que eu estava prestes a enviar, a criança invade o nosso território e o aperto no peito nos reforça que tudo mudou.

Sou apenas mãe de primeira viagem, não sou professora, não sou chefe de cozinha, não sou artesã e nem psicóloga.

Só eu e ela.

Elisa tem demonstrado medo, saudade, muitas vezes fica confusa, acredito que se expressa pela falta de crianças para brincar, pelo excesso de tela e pela falta de rotina e como nós adultos, não sabemos direito o que sentimos, não conseguimos conter as lágrimas ou os gritos. Como acalantar esses grandes e pequenos humanos com cérebro em desenvolvimento?

Mas paradoxalmente, aquilo que parece me deixar a ponto de surtar é o quê devolve minha sanidade diária. Aqui, como antes, existe esperança, roupas e louças sujas, gatos, cachorros e tartaruga para cuidar e dar atenção, além da ansiedade. Esta última não dá para esconder, notasse pelos quilos que já ganhei. Tenho muitas dúvidas, tá tudo muito estranho, estamos vivendo um contraste de privilégios e dificuldades.

Estamos aprendendo um novo jeito de ensinar e de aprender, estamos tentando de pijamas e com mudanças repentinas de humor. Isso causa desconforto, mas nos torna

mais fortes e autônomos, as dificuldades nos fazem crescer e com as crianças não será diferente.

Sabemos que os professores estão trabalhando muito, também têm família e deveres diários, estão se aventurando no ensino à distância e muitos nunca nem tiveram contato com ambientes virtuais

A sugestões de atividades online, neste momento, estão sendo ótimas, estamos aproveitando ao máximo, valorizando todo o esforço dos professores e estagiários e temos muita gratidão por estarem se reinventando nesse período em que tudo mudou (mudou de uma hora para outra) sem termos tempo de nos planejar.

Para o desenvolvimento infantil é muito importante a comunicação e vínculo entre as crianças, professores e família

No ambiente online, conseguimos interagir um pouco, mas o ensino presencial é indispensável

A troca de experiências em sala de aula é uma fonte rica de aprendizado, trazendo muitos benefícios, onde uma criança estimula a outra e esses estímulos faz com que aprendam cada vez mais. Isso é fundamental e insubstituível para o desenvolvimento de suas habilidades pessoais, sociais e é a base para a comunicação para o resto da vida

Vemos na prática que essa interação faz toda a diferença, pois todos os dias a Elisa chegava da escola com muitas novidades, com vocabulário diferente, nos ensinando as coisas que aprendia no dia. Até a alimentação mudava, pois na escola, com a presença de outras crianças se interessava mais em experimentar novos sabores e agora parece que o desenvolvimento se dá em outra rotação...

O ensino infantil é uma das fases mais importantes da vida escolar de uma pessoa, fase decisiva na formação e exige muitos cuidados. Precisamos de especialistas. Os professores adquiriram conhecimentos (se capacitaram) e criam oportunidades para as crianças se desenvolverem, manifestarem linguagens, ideias, criatividade, imaginação e relação social

O ambiente escolar é insubstituível e o momento atual é desafiador. Estamos tentando amenizar a situação com as sugestões de atividades que as professoras e estagiárias estão nos

enviando, brincando com os animais, fazendo plantações, amarelinha, chamadas de vídeo, mas com muita saudade do Mundo. Tentamos ler o futuro e simular cenários.

O grande objetivo é que nosso Porto Continue Seguro e que os olhinhos das nossas crianças continuem brilhando. Estou tentando ser mais do que eu sou. Tá muito difícil e corro o risco de não funcionar. E é assim com esse tentar que estamos passando por isso tudo.

2.4. Relato de Experiência por Fábria

Breve relato do Arthur em família durante a quarentena

Como habitual, fomos buscar o nosso pequeno Arthur na escola, era dia 13/03/2020 sexta-feira. Pegamos a atividade de fim de semana, nos despedimos da professora e seguimos com a nossa rotina. Mal sabíamos que seria a última vez desse ano e que o vírus atrapalharia todas as atividades programadas das nossas vidas e da vida escolar do Arthur, vivência da qual estávamos entusiasmados em realizar este ano.

Além da angústia de todas as mudanças, dos perigos que o vírus traria e de como seria o isolamento social, pensamos também em como cuidaríamos e em como ajudaríamos o nosso filho, uma criança de 03 anos que estaria longe dos seus amigos, da sua rotina e das atividades escolares. Como poderíamos contribuir chegando o mais próximo do desenvolvimento que só a escola poderia lhe oferecer?

Tudo era muito incerto e também assustador, mas de qualquer maneira achávamos que não iria perdurar por tanto tempo e então, como estávamos trabalhando intensamente, a mamãe costurando diversas máscaras de proteção em meio ao desespero e da pressa das pessoas, o papai cuidando dos “pets” doentes, decidimos por seguirmos de forma leve e que o Arthur pudesse brincar e fazer somente as atividades que lhe fizessem mais feliz. Ele seguia a sua vida em casa e entendendo que os pais precisavam trabalhar, mas que ao final do dia iríamos brincar todos juntos. Estava consciente, apesar de sua pouca idade que lá fora tinha um “bichinho” muito feio e que em casa estaria seguro.

Transcorridos os dias, vendo que a volta às aulas estaria fora de cogitação, a professora Poliana nos mandou algumas atividades simples pelo WhatsApp e também algumas leituras em PDF e por ali, começamos a nos comunicar e dividíamos os nossos dias.

Após mais ou menos um mês, foi criado um grupo no whatsApp especialmente para o envio das atividades semanais e também um outro para dividirmos as nossas experiências. Logo ficamos animados, pois, ali seria uma forma mesmo que virtual, de estarmos mais próximos do ambiente escolar.

Motivados pela ideia e com o apoio pedagógico, ficamos animados, porém, o nosso pequeno Arthur não se animou. Sentia vergonha ao assistir os vídeos, ao ouvir os áudios da professora e não queria pintar sobre as histórias, quando algo lhe chamava a atenção, se distraía com qualquer outra coisa do seu ambiente familiar. Foi então que ficamos desanimados, pois, sabíamos da dedicação do tempo ao qual a equipe escolar tinha dispensado para gravar as atividades. Se o Arthur a executasse, o ajudaria a estar mais próximo da escola e do desenvolvimento escolar, mas, ao mesmo tempo, estávamos conscientes que ao brincar da forma dele o Arthur também estaria aprendendo.

Resolvemos então dar um tempo, com calma irmos tentando novamente. Pedi também a orientação da Poliana para lidar com a situação, que prontamente nos deu algumas dicas de como proceder. Entendemos que o lar seria um ambiente de distração, sabíamos também que sem a companhia dos amiguinhos seria um fator de desmotivação e mais ainda, as táticas e o preparo que só uma professora tem, faria total diferença; mas entendendo tudo isso, nós percebemos a necessidade de nos reinventarmos como família nesse novo momento, deste modo, seguimos pai e mãe com paciência, nos organizando para tornar esse momento mais divertido.

Foi então que naquela semana ele fez uma atividade, na próxima, realizou duas atividades e na outra ele se animou em realizar todas, cada uma em seu dia. Nas aulas de libras da Diany, ele via o vídeo, repetia com o papai, ia até o outro quarto onde estava à mamãe e a ensinava. Quando terminou todas as cores que ele tinha aprendido com a Diany, sentiu falta de duas cores que ele gostava e pediu para que procurássemos para poder também aprender. Sobre a aprendizagem dos sentimentos, ele já relata em seu cotidiano o feliz e o triste. Ao assistir um filme em que um casal de gatinhos estavam juntos, ele olhou para a mamãe e disse: “-Mamãe será que é amor?” e na sequência disse: “-Ah

com certeza é amor!”. O Arthur, também nos relata o medo em algumas situações, mesmo negando sentir esta emoção quando realizou a atividade.

Sabemos que nem sempre será assim e o respeitaremos, não cobraremos e nem o forçaremos a fazer as atividades, esperamos que possamos motivá-lo e que seja um momento agradável, mas ao vê-lo aprendendo e, por fim nos ensinando, fez com que os nossos dias ficassem tão coloridos quanto os desenhos que ele pinta após ouvir as histórias.

Então em meio a esse momento tão difícil, seguimos motivados e durante a realização das atividades acabamos por nos esquecer de tudo o que está acontecendo lá fora; seguimos sorrindo mesmo com a apreensão desses dias estranhos e perigosos.

Ficamos agradecidos pela valiosa ajuda e disposição da professora Poliana, da Isadora, da Diany e toda equipe que desenvolvem as atividades. Respeitando o momento dele, mas o aproximando da escola.

Seguimos na fé e na esperança de que esse momento fique na história e que possamos brevemente estar juntos. Aproveito para agradecer o convite e a oportunidade de contribuir um pouquinho com o nosso relato.

Com carinho: Fábria Joaquim, mãe do Arthur Joaquim, grupo 3 do período da tarde da Uac.

2.5. Relato de experiência por Jayme

Grande parceira Olívia durante o período do “colona vilus”.

Lá se vão mais de 90 dias que estamos enfrentando uma situação nunca antes sequer sonhada em vivenciar. Em todos esses dias a batalha como professor é a de continuar a promover a interação entre seus alunos e a difusão do conhecimento mesmo que a distância.

Nesse novo cenário tudo se transformou, o planejar das aulas e a sua execução se tornaram desafios diários para que se apresentassem intelegíveis não apenas aos alunos, mas também aos pais que agora precisam auxiliar seus filhos.

Com isso mudou até a forma como convivo com minhas duas filhas, pois antes da quarentena eu as via praticamente todos os dias, mas para conseguirmos nos organizar perante a esse novo desafio eu e a Claudia, minha ex-mulher, combinamos que ficaríamos cada um com as crianças por metade da semana.

Nessa nova realidade, por meia semana tento preparar ao máximo as atividades que as escolas demandam e as gravações de vídeo aulas, fazendo com que o tempo em que convivo com as crianças seja realmente dedicado a elas. Considero realmente que os heróis dessa crise que estamos enfrentando são as crianças pois elas estão aguentando fortemente e com animo cada uma dessas mudanças que o mundo nos impôs. Quando as meninas estão comigo durante a manhã, enquanto estou dando aulas online, a Cecília, minha filha mais velha também assiste aulas e assim a combinei que a Olívia pode brincar mas que no ambiente que está acontecendo as aulas minha e da irmã, quando ela quer pedir alguma coisa ou ir ao banheiro ou mesmo contar alguma coisa ela levanta mão para pedir a palavra (foi sugestão dela mesma) e assim consigo coordenar algum momento durante a aula para falar com ela e assim que consigo auxílio no que ela está me pedindo. Assim que ocorre o intervalo das aulas, corro até ela para brincar um pouco ou fazer alguma coisa para elas

comerem e assim que a Cecília termina sua aula ela brinca com a Olívia até eu conseguir terminar e então me juntar a elas.

Elas estão me ajudando muito, a Olívia principalmente pois ela está sempre disposta a fazer alguma coisa, ela já lavou a louça, me ajudou a fazer torta e adora pintar com tinta ou desenhar na mesa que uso como lousa. Quando é possível ela gosta de ficar no meu colo enquanto dou aulas aos meus alunos, mas não é sempre pois ela precisa ficar em silêncio e assim ela que decide quando me acompanha ou se prefere ir brincar. Como gosta de brincar com seus brinquedos, as manhãs dessa forma não parecem ser entediadas para ela.

Durante as tardes, tenho as levado na casa da minha mãe, pois lá existe um quintal bem grande em que é possível andar com carrinhos, bicicleta, patinete e até fazer piquenique com frutas sentados no chão, que foi sugestão dela mesma.

A Olívia é uma criança que dorme cedo, mas também acorda cedo, assim ela consegue aproveitar o dia inteirinho fazendo bastante atividades. É raro assistir televisão, mas devido as manhãs ela tem usado celular para brincar com joguinhos ou assistir a vídeos que a irmã ensinou. Durante as tardes, como a irmã está no 2º ano, existem tarefas para serem feitas e estudadas, assim sento com ela para estudar. A Olívia geralmente senta conosco e pede pra fazer “tarefa” e em um dia ela faz praticamente todo o material impresso que tenho para a semana. Percebo que os desenhos que ela tem feito estão ganhando estrutura maior a cada dia. Isso é perceptível também em sua vontade de aprender as letras.

Tenho incentivado as duas bastante com jogos em que eu escrevo alguma palavra a Cecília ler ou desenho algo para Olívia descobrir o que é. E elas fazem o mesmo comigo, mas aí é super difícil descobrir o que a Olívia desenhou. Elas gostam demais de brincadeiras em que eu as giro ou danço com elas, mas a Olívia é muito sistemática, assim se ela está cantando por exemplo, e nós queremos cantar juntos ela logo fica brava. Essas particularidades de cada uma são muito interessantes de serem percebidas.

Em relação as atividades que as professoras passam, devido a grande quantidade de afazeres que o ritmo diário nos impõem,

acabam acumulando-se e acredito que se essas estivessem impressas ela faria mais delas. A Olívia não se interessa muito em ver vídeos com as professoras, mas lembra muito tanto dos professores quanto dos amiguinhos (das duas escolas), inclusive associando certos brinquedos ou roupas ao amiguinho que deu e daí dando a preferência a usar esse ou aquele vestido porque ganhou de tal amiguinho.

O grupo criado pela UAC é muito bom pois permite a nós pais compartilhar os feitos de nossas crianças e também dos seus colegas, dividir as aflições e também criar um tipo de convívio social, até maior do que tínhamos quando apenas nos víamos ao levar ou buscar nossas crianças. É nítido a preocupação com as professoras em acompanhar cada postagem e interagir com a mesma e isso é muito importante pois estamos tendo um ótimo diálogo nesse sentido.

Penso se aulas online seriam efetivas para crianças na idade das nossas (3 à 4 anos), mas não acho que deveriam ser todos os dias, mas talvez algum dia da semana um canal aberto para que elas pudessem cantar juntas ou ver os coleguinhas e interagir com eles, mas não sei se com essa nova rotina os pais conseguiriam um horário em que pudessem estar disponíveis para acompanhá-los pois ainda não tem autonomia para estarem apenas com os professores.

Enfim na medida do possível estamos todos fazendo o melhor que podemos enfrentando uma situação que como disse anteriormente nunca vivemos e assim aprendemos a cada dia conhecendo mais nossas crianças e esse é o lado importante da quarentena pois permitiu que nós pudéssemos finalmente vivenciar o aprendizado de nossas crianças e estamos literalmente fazendo isso. Agradeço à toda equipe da UAC pelos esforços incansáveis de proporcionar sugestões de atividades às nossas crianças assim como a outra escola que ela frequenta pois ela continua sempre me impressionando com uma novidade a cada dia e é reflexo de um trabalho que já estava sendo desenvolvido por vocês e que estamos estimulando, cada um a sua maneira e disponibilidade.

2.6. Relato de Experiência de Érica

Sou a Erica mãe da Lara 4 anos do grupo 3, quando começou Março fui surpreendida com a Lara com febre e alguns machucados na boca, levei no pediatra e foi diagnosticada com estomatite ficando afastada da UAC por 7 dias, como na semana seguinte era passeio na chácara da amiguinha Elisa fiquei com muita pena dela por perder o passeio, mas pensei ela tem o ano todo e a professora tinha montado um roteiro incrível, mas estava enganada! Logo ficamos sabendo que a federal tinha parado, e que teríamos que ficar isolados, sem aula e sem contato com as pessoas. Pensei... vai ser fácil, o vírus não vai avançar e logo retornaremos a nossa rotina. Não foi o que aconteceu tivemos que se adaptar fazendo atividades em casa, tudo para passar o tempo (bolo, pães, sorvetes).

Assistir vídeos das aulas na primeira e segunda semana foi ótimo, era tudo novidade, mas depois Lara começou a ficar entediada. muitas vezes brava por não poder sair, ver amigos, pessoas que ela ama... a avó, os tios a prima que está em Sorocaba atuando na área da saúde, tenho conversado com ela falando que é preciso achar uma vacina assim o vírus ira embora dai podemos voltar a fazer nossas coisas que gostamos.

Ela é tão inteligente! Celular virou rotina na mão dela, tenho deixado ela a vontade para fazer o que quer sem muita obrigação, porque se é difícil para nós que somos adultos fico imaginando para ela que é apenas uma criança. Quando ela assiste os vídeos das historinhas com a Isadora os olhos dela brilham de saudades. Hoje sou agradecida por ela estar na UAC onde todos se preocupam, seguimos rezando para que essa incerteza e angustia passe logo.

2.7. Relato de Experiência por Fernanda

Sou Fernanda, mãe da Rafela de 4 anos, a quarentena têm trazido desafios inimagináveis. Quando tudo começou a minha maior preocupação seria em não deixar minha filha traumatizada. Expliquei que havia um bichinho invisível, portanto a estudáramos em casa. E seríamos apenas nós três!! Para minha surpresa ela amou a ideia no começo!! Mas com o passar dos dias tudo mudou ...quero a escola, meus amiguinhos, meus primos, ir para praia, enfim...

AS PROFESSORAS nos deram muito suporte nas atividades diárias!! No começo foi bem difícil não havia uma disciplina. Estávamos bem perdidos, não estávamos e ainda não estamos preparados para essa nova fase direção e conteúdo. Busquei nas redes sociais como educar de forma lúdica. Aprendi e estou aprendendo como ser mãe/ professora ter paciência em ensinar valores, educação e aprendizado. Tem sido um desafio, há dias bons com resultados, outros nem tanto, porém nos proporciona um mundo de imaginação com minha pequena, na qual também peço opinião a ela do que gostaria de fazer no dia em que não quer fazer nada.

Minha maior preocupação é: se estou fazendo certo!! Se estamos a direcionado da maneira correta em algumas atividades. É um ano difícil, cheio de desafios para os pais, toda rotina mudada em nossos lares. Compreendo o papel de um professor (a), o quanto é importante para a sociedade. Que tudo isso passe logo, pois nada substituí a escola e as experiências trocadas com outras crianças e outros ambientes. Porém, hoje o melhor lugar é a nossa casa. Que seja, alegre, colorida.

Hoje nossos pequenos nos ajudam a ver um mundo de forma leve, colorida e cheio de imaginação. Eles quem nos têm ensinado.

FERNANDA COCHAR

2.8 Relato de Experiência de Daniela

Experiência do isolamento social.

Quem diria que em tempos que o desejo por TEMPO era pedido, estaríamos em um momento como este em que temos a necessidade de reinventar o que fazer com tanto tempo livre. De repente nos deparamos com uma pausa, isso mesmo, uma folga irreversível e histórica.

E nessa busca em aproveitar bem o tempo que foi nos dado encontramos na tecnologia uma forte aliada para não nos sentirmos sozinhos, dividir as experiências e receber incentivos como os que estamos tendo das professoras. A fim de conseguir um horizonte para entender como interagir com essas “pessoinhas” tão minha, mas que não nos pertence no seu mundo “escola”. Sim, entendi que ouvir a professora contar a historia tem outro sabor, os leva a criar e responder de forma que eu mesma não conhecia. Além da coerência de raciocínio que as tarefas proporcionam, interagindo entre si.

Esta situação vivenciada só não acarretará mais prejuízos ao desenvolvimento intelectual e emocional das crianças porque estamos recebendo as atividades desses mestres. Isso é visto pela maneira na qual as atividades são recebidas, as crianças demonstram interesse e carinho ao assistir o vídeo, ao confeccionar os jogos, executar alguma arte que remete ao conto que a professora leu, ainda, o fato de fotografar e filmar com o propósito de mostrar o resultado os incentiva concluírem a tarefa.

Quando começamos seguir o roteiro de atividades notei que as disputas por espaço amenizaram entre os meus filhos (tenho o Murilo, com 6 anos, e a Danaila, com 3 anos), surgiram conversas mais dinâmicas com uma participação mais efetiva das crianças que verbalizaram suas emoções como a saudades dos amigos e parentes sentida neste período, pela perda de identidade de espaço escolar entre outras atividades do cotidiano. Assuntos que mesmo para os adultos são difíceis, eles conseguiram com

muita naturalidade se expressarem. E deixaram entender que a compreensão desse sentimento foi necessária, demonstraram a angústia e a fadiga que este momento gerou pela ausência principalmente dos seus amigos parceiros. E nesse turbilhão de novidades para mim e para eles, nos conhecemos melhor.

Por tanto, não tenho dúvidas que houve percas no aprendizado e no convívio social das crianças. Mas entendo que foi uma pausa necessária para ressaltar a importância da intermediação da família com a escola, que sem sombras de dúvidas ficará marcado nas nossas lembranças. E reforçar o papel fundamental da professora preparada e dedicada em se adequar a nova realidade com habilidade exigida neste momento em que tudo ocorre tão rapidamente a fim de amenizar a ausência da vida escolar.

Daniela Cristina Barbosa Faustino, mãe do Murilo Donato Faustino, 6 anos (grupo 5) e Danaila Marílis Faustino 3 anos (grupo 3).

2.9 RELATO DE EXPERIÊNCIA POR ANELISE VENTURA

É sabido que a rotina, no dia a dia da criança, é fundamental para que esta se sinta segura e acalentada. A rotina escolar faz parte do rol de rotinas que acompanha a vida da criança, contribuindo com a formação da estabilidade emocional. A pandemia rompeu bruscamente com a rotina das atividades escolares. Associado a isso, a rotina de trabalho dos pais e a rotina domiciliar foram abaladas.

Neste contexto, as mídias digitais, surgem como ferramentas auxiliares para que se dê continuidade à rotina de trabalho, quando possível, práticas esportivas, entre outros. O questionamento surge a respeito do uso das mídias digitais para a proposição de atividades escolares com crianças de até 5anos de idade.

No Brasil, Segundo o IBGE (2019), 1 em cada 4 pessoas possui acesso à internet, de modo que a retomada da rotina escolar conduzida pelo professor via mídias digitais torna-se inviável, sem mencionar uma possível reduzida familiarização do docente, dos pais e da criança com tais recursos.

Porém, vale ressaltar que as mídias digitais, se conduzidas pelos docentes e acessíveis aos pais, podem proporcionar um certo amparo à família no contexto da pandemia, de modo que um ensaio de rotina de atividades escolares possa ser pincelado.

Minha experiência como mãe de um garoto de 5 anos me fez refletir sobre o uso das mídias digitais neste momento de incertezas. Afirmo que tais recursos me auxiliaram no direcionamento das atividades escolares que me dispus a realizar com meu filho e me deram mais segurança, por estar sendo sugerida por docentes.

Logo no início da pandemia organizei uma rotina para simular o dia a dia escolar do meu filho, de modo que no mesmo período da escola eu me dispus com ele a realizar atividades que ele já desenvolvia na escola. Obviamente que minha rotina de trabalho foi afetada e eu tinha esta disponibilidade. Porém, com o tempo prolongado da reclusão em casa, senti a necessidade de

motivação para dar continuidade a esta rotina. Paralelamente, alguns docentes da escola dele começaram a se manifestar, criando um diálogo com os pais e crianças via aplicativo de celular Whatsapp®, de modo informal. Este diálogo gerou discussões, proposições, interação entre os pais, crianças e docente. Trocas de livros digitais e informações de eventos culturais, ensinamentos de atividades lúdicas foram uma das contribuições neste processo colaborativo.

As sugestões das atividades da professora Poliana e sua equipe aos pais realizarem com seus filhos, proporcionaram direcionamento e respaldo às atividades que eu buscava manter com meu filho. Motivaram tanto a mim quanto ao meu filho, uma vez que as tarefas ricas de criatividade e conteúdo pedagógico reforçaram os conceitos propostos. Além disso, a interação da professora com a criança por meio de vídeos em que ela conversa com a criança acalenta, aproxima e mantém o vínculo escolar professora/aluno, apenas pela presença da voz e imagem conhecidas. Vale ressaltar que a não obrigatoriedade das atividades e devolutiva proporcionaram leveza a sua aplicação, uma vez que no cotidiano atípico neste momento e contexto de pandemia nem sempre é possível manter uma rotina diária.

Finalmente, compartilho do sentimento de mães que infelizmente não podem ter acesso às mídias digitais e muitas vezes ao equipamento para acessá-las, para acessar estas ricas informações pedagógicas.

Posfácio

Paulo Montanaro

Fosse hoje qualquer dia anterior a fevereiro de 2020, seríamos malucos em estar discutindo questões da apropriação das tecnologias digitais emergentes em um contexto da Educação Infantil, sobretudo como estratégia para lidar com a distância (geográfica, pelo menos) e o isolamento social oriundos de uma pandemia global. Não porque tais ferramentas são abomináveis para esse fim, mas porque a grande maioria de nós ainda não havia parado por um instante para projetar essa possibilidade com mais afinco. E, bem, cá estamos nós, chegando ao fim de uma obra que traz belíssimos trabalhos que nos ajudam a lidar com uma nova realidade, com experiências que trazem luz para um debate não só bem-vindo e recomendável, como necessário. Muito necessário.

Dividido, estruturalmente, em duas partes distintas em termos de ponto-de-vista – na primeira temos a reflexão de educadores, pesquisadores e outros profissionais de áreas transversais da prática pedagógica e da relação com a criança; e na segunda, o relato da perspectiva de pais e familiares de um processo educacional remoto – este livro estabelece um marco não só para a pesquisa acadêmica e seu papel social dentro de um contexto que está longe de ser só da área da saúde, como também se coloca como uma referência para tantos de nós que, de modo mais direto (ou nem tanto), estão pensando a educação como parte inerente da formação de uma sociedade cada vez melhor e mais justa.

Perceba: ao trazer diferentes olhares sobre a experiência de um novo diálogo entre professores, pais e crianças, mediada por meios on-line e ferramentas digitais de informação e comunicação, não há somente o relato de ações improvisadas de emulação das relações ditas presenciais, mas a sedimentação de uma nova dinâmica possibilitada por e para a revolução digital que tem se configurado ao longo das últimas três décadas e que,

de certa forma, marca a virada do século passado para o atual ao estabelecer novos paradigmas em nossa percepção do que, de fato, é estar presente, estar junto, estar conectado. Mais do que uma transposição de dinâmicas tradicionais, estamos diante de uma ruptura com velhas estruturas até então dadas como imutáveis.

E você que chegou até este posfácio já percebeu que não se trata de profecias megalomaniacas de que a sala de aula tal como conhecemos acabou e que finalmente alcançamos um estado pleno da chamada sociedade em rede, nem nada que se pareça com isso. As reflexões e experiências desta obra estão muito longe de qualquer sensacionalismo digno de elucubrações similares a filmes ou livros de ficção científica. Tratam, ao contrário, de vivências e pensamentos oriundos de uma quebra abrupta, de certa forma violenta, pela qual estamos todos passando – e esperamos que você, caro leitor, já esteja vivendo o mais rápido possível um momento posterior e mais equilibrado que este do qual estamos falando – que fazem uso de dispositivos, linguagens e aplicativos que já estavam aqui, já faziam parte do nosso dia-a-dia comum, mas que até então ainda não eram parte de uma estrutura didático-pedagógica articulada. Vivências objetivas que compõem um todo. Um micro que resulta de um contexto macro, mas que também o transforma.

Os textos 1.1. “Educação Infantil: rupturas e acolhimento de famílias e crianças por meio da tecnologia em tempos da Covid-19” e 1.2. “Acolhimento emocional infantil: o cuidado com a pequena infância em tempos de pandemia” trata especificamente de uma nova percepção da sala de aula e dos espaços de aprendizagem que ultrapassam os parâmetros tradicionais de tempo e espaço. O que acontece quando os limites entre a casa e a escola não são tão geograficamente determinados? Como isso pode afetar crianças ainda alheias a complexidades políticas e científicas que transformam nossos lugares de estar e, conseqüentemente, como família e profissionais da educação podem trabalhar para que esta nova configuração seja o menos agressiva possível? Essas questões guiaram as reflexões também do texto 1.9. “Facilidades e dificuldades das e nas interações e parcerias entre professores e

famílias em isolamento social” e estão pulverizadas, em maior ou menor grau, por todo o conjunto da obra.

Por outro lado, se há um novo entendimento do espaço, o que dizer da (re)descoberta de novas experimentações sensoriais que não reinventam a roda ou sequer dependem das mais avançadas tecnologias para ganharem um novo significado? Nos textos 1.5. “A Cozinha como espaço de convivência: cheiros, sabores, afetos e memórias”; 1.6. “Um jardim para cultivar” e 1.7. “Brincadeiras em Família”, questões do ser e do estar são elevadas a um protagonismo interessante. Se é verdade que a relação entre o aprender e o ensinar ganham contornos mais complexos e sofisticados em um contexto de distanciamento social, provocar vivências significativas em uma ambientação outrora comum se mostrou muito promissor e nos fez pensar criticamente o que mais pode ser feito.

Obviamente com muito destaque na obra, ações que estabelecem paralelos entre a Educação Infantil, a Terapia Ocupacional e a Acessibilidade, exploradas nos textos 1.3. “A Língua Brasileira de Sinais (Libras), a Terapia Ocupacional e os Sentimentos nas Interações Escola-Família em tempos de Isolamento Social”; 1.4. “Sugestões de Atividades da Terapia Ocupacional para as famílias realizarem junto com as crianças na quarentena”; e 1.8. “É O BICHO! Interface Terapia Ocupacional e Educação Infantil no aprendizado sobre os animais no contexto da pandemia da COVID-19”, nos brindam com um debate sobre os cuidados necessários para que iniciativas de apropriação das diferentes tecnologias na educação caminhem na direção da diminuição das desigualdades e, portanto, na criação de estratégias que possibilitem aprendizagens que promovam o respeito, o acesso e a construção de uma cidadania na busca por condições para que todos e todas possam se desenvolver para uma vida plena, mesmo que eventos inimagináveis, como o exemplo desta pandemia que nos provocou tais questionamentos, surjam e nos obriguem a encontrar saídas criativas, inovadoras e propositivas para os desafios nossos de cada dia.

Por fim, os relatos dispostos na segunda parte desta obra, os quais provavelmente você, leitor, acaba de ler pouco antes de

chegar a esses últimos parágrafos, são muito reveladores ao nos revelar pensamentos articulados que trazem consigo não só um feedback objetivo do que está funcionando e do que parece melhor no planejamento do que na prática, mas principalmente um sentimento empático dos receios, dos medos e das preocupações que, como humanos que somos, temos a cada nova mudança que nos força a mexer com um *status quo* confiável e previsível. A ciência, a pesquisa acadêmica sistemática e o conhecimento científico poucas vezes na história recente da humanidade foram tão questionados e, ao mesmo tempo, tão necessários para compreensão de nossa sociedade, mas não há dúvidas, ainda mais agora, de que ela alimenta e é alimentada por todas as fontes possíveis, das mais óbvias às mais ignoradas.

Todos nós, afinal, sabemos lidar com aquele sistema quase cartesiano do ensino escolar convencional, onde também já estivemos executando outros papéis. Alguns de nós somos professores da educação infantil ou de outros níveis escolares, outros somos mães e pais de crianças menores (ou já crescidinhas), e há aqueles que estão, ou já estiveram em ambos os papéis, por vezes ao mesmo tempo. Mas fato é que todos já fomos crianças e mesmo que nem sempre tenhamos iniciado nossa vida escolar antes dos seis anos de idade, sabemos bem que a insegurança de uma nova experiência é algo para a vida toda. E que bom poder ver e ouvir aqueles que estão conosco e para nós. Em uma nova era digital, cada vez mais aprendemos o quão importante é estarmos juntos. Mais do que isso, que há diferentes formas disso se realizar e que o “novo normal” que se estabelecerá estará contaminado por essas novas experiências. Melhor ainda é aprender a aproveitar todas essas novas formas de presencialidade.

Posfácio

Os Textos que formam este livro foram escritos no meio de uma Pandemia! Sim, somos todas e todos testemunhas e sobreviventes de uma grande e caótica pandemia. Fomos todos afetados por ela, de uma forma ou de outra. Estamos no meio do que a gente pensa que está perto do fim, mas sem saber onde e quando está o fim de toda esta gigantesca turbulência que a pandemia de Covid-19 nos trouxe.

Poder fazer o registro escrito destes “lugares” evidencia que estamos vivendo o tempo histórico, deixando nossas marcas no mundo de uma forma privilegiada: seja porque olhamos e nos preocupamos com as crianças e seus familiares que estão sendo desafiados à convivência intensiva por longas horas seguidas; seja porque, na condição de educadoras das crianças, estamos pensando e agindo enquanto buscamos compreender o que nos cabe fazer.

Mais do que um produto acadêmico, este livro nos oferece o registro do esforço de adultos atentos com o que de mais caro temos na educação das crianças pequenas: a preocupação com “o estar junto”.

Os textos aqui apresentados são testemunhos da realidade que algumas crianças e seus familiares, e educadoras da infância estão vivendo. E espero que sejam inspiradores para buscarmos ser melhores adultos com as crianças, seja na creche, na escola, ou na casa de cada uma das crianças que este livro buscou tocar.

Cleonice M. Tomazzetti

Este livro é resultante da indissociabilidade entre ensino e pesquisa que se realiza na Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), sobre a temática relacionada à infância. Ele expressa, a um só tempo, a simbiose das relações manifestas entre teoria e prática de forma sistêmica e orgânica. A UFSCar possui dois locus singulares para que tal método de produção do conhecimento possa ocorrer de modo efetivo: um tradicional Curso de Pedagogia, situado entre os mais antigos da Universidade, e uma Unidade de Atendimento à Criança (UAC), cuja inauguração remonta ao início dos anos 1990.

Pollana Zuin, a sua organizadora, é uma dileta “filha da casa”, a sua trajetória acadêmica está associada à UFSCar desde a graduação (Pedagogia) – quando foi minha aluna – até o Pós-Doutorado, estágio no qual tenho, atualmente, o prazer de trabalharmos juntos novamente no Departamento de Educação. Hoje minha colega, Pollana exerce a docência na UAC e no Programa de Pós-Graduação em Linguística (PPGL-UFSCar). Inspirada pelo seu compromisso político com o processo de ensino e de aprendizagem das crianças e das suas orientações de mestrado no PPGL, Pollana concebeu o projeto deste livro movida pelo objetivo de darmos uma contribuição à sociedade brasileira que enfrenta um dos seus mais graves momentos históricos nos últimos cem anos. Este livro é também uma declaração de amor às crianças brasileiras nos tempos sombrios do Covid-19.

Amarílio Ferreira Júnior



ISBN: 978-65-5869-099-3



9 786558 690993